

**UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
ÁREA DO CONHECIMENTO DE HUMANIDADES**

DÉBORA FABIANA PEREIRA

AS MEMÓRIAS DO CARNAVAL DE RUA EM CAXIAS DO SUL (1999 - 2020)

**CAXIAS DO SUL
2020**

DÉBORA FABIANA PEREIRA

AS MEMÓRIAS DO CARNAVAL DE RUA EM CAXIAS DO SUL (1999 - 2020)

Monografia apresentada como parte das exigências para aprovação na disciplina de TCC II, do curso de Licenciatura em História, na Área de Conhecimento de Humanidades da Universidade de Caxias do Sul.

Orientador Prof. Me. Anthony Beux Tessari.

**CAXIAS DO SUL
2020**

DÉBORA FABIANA PEREIRA

AS MEMÓRIAS DO CARNAVAL DE RUA EM CAXIAS DO SUL (1999 - 2020)

Monografia apresentada como parte das exigências para aprovação na disciplina de TCC II, do curso de Licenciatura em História, na Área de Conhecimento de Humanidades da Universidade de Caxias do Sul.

Aprovada em: ____/____/2020.

Banca Examinadora

Prof. Me. Anthony Beux Tessari
Universidade de Caxias do Sul - UCS

Prof. Dr^a. Katani Maria Monteiro Ruffato
Universidade de Caxias do Sul - UCS

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Zambi, aos orixás e as entidades de luz por terem me dado forças para superar as dificuldades e finalizar mais essa etapa.

Ao professor Anthony Beux Tessari por sua orientação nesta pesquisa, dando-me suporte, mesmo sendo por videoconferência toda semana, pelas correções, incentivos, paciência e disponibilidade.

Aos entrevistados que aceitaram dar seus depoimentos sobre o Carnaval de rua de Caxias do Sul e que compartilharam suas experiências para que tornassem essa pesquisa possível.

Ao meu pai Vilson Alves Pereira, que me incentivou a dar continuidade aos estudos e não desistisse, lembrando-me que tudo daria certo no final.

A Jeann Vorpapel Portalete, pelo companheirismo, pela paciência, por ter insistido, apesar da minha teimosia, que eu conseguiria fazer o TCC e ter me ensinado a viver um dia de cada vez.

A João e Regina, por todo apoio e incentivo.

Aos camaradas da União da Juventude Comunista (UJC) pela compreensão dos desafios enfrentados por uma mulher negra, estudante e trabalhadora.

RESUMO

Essa pesquisa tem como objetivo compreender a origem do Carnaval das escolas de samba em Caxias do Sul, assim como dar voz às memórias das pessoas que organizaram e mantiveram o Carnaval vivo na cidade, no período compreendido entre 1999 e 2020. A análise foi realizada com base em fontes escritas e a partir da abordagem da História Oral, contando com as memórias dos integrantes das escolas de samba: Protegidos da Princesa, Incríveis do Ritmo, Filhos de Jardel e Unidos da Zona Norte. Conclui-se que o Carnaval de rua de Caxias do Sul possui uma infinidade de elementos que constitui a sua organização e é composto por foliões de distintos segmentos sociais.

Palavras-chave: Carnaval de rua; Escola de samba; História Oral; Memória.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Imigrantes comemorando o Carnaval em Caxias do Sul no fim do século XIX.....	37
Figura 2 – Cortejo organizado para conduzir a rainha do Carnaval de 1908 até os carros alegóricos.....	38
Figura 3 – Grupo carnavalesco das Falenas.....	39
Figura 4 – Bloco carnavalesco do qual faziam parte as irmãs Saldanha.....	40
Figura 5 – Baile de coroação da rainha Iracema Nair Vieira.....	41
Figura 6 – Desfile da Escola de Samba Protegidos da Princesa no Carnaval de 2003 em Caxias do Sul	44

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
2	HISTORICIZANDO O CARNAVAL NO BRASIL	23
2.1	O ENTRUDO	23
2.1.1	O zé-pereira	26
2.1.2	Os cordões	26
2.1.3	Os ranchos	28
2.2	GRUPOS, CLUBES E BLOCOS	29
2.3	A IMPORTAÇÃO DE UMA EXPRESSÃO CARNAVALESCA	29
2.4	<i>BELLE ÉPOQUE</i> E O CARNAVAL COMO RESISTÊNCIA.....	30
2.4.1	O nascimento das escolas de samba	31
2.5	O CARNAVAL COMO SÍMBOLO DO NACIONALISMO NA ERA VARGAS.....	33
2.6	“O SAMBA AGONIZA, MAS NÃO MORRE”	34
2.7	O CARNAVAL EM CAXIAS DO SUL	36
3	AS MEMÓRIAS DO CARNAVAL DE RUA EM CAXIAS DO SUL	45
3.1	OS DEPOENTES	45
3.2	DE BLOCOS CARNAVALESCOS ÀS ESCOLAS DE SAMBA	47
3.3	OS BASTIDORES DO CARNAVAL	51
3.3.1	A bateria	51
3.3.2	O samba-enredo	52
3.3.3	O bailar do mestre-sala e da porta-bandeira	54
3.3.4	A escolha da corte carnavalesca	55
3.3.5	A confecção dos figurinos	56
3.3.6	Os carros alegóricos	57
3.4	OS FOLIÕES	58
3.5	A INFRAESTRUTURA DAS ESCOLAS DE SAMBA DE CAXIAS DO SUL.....	61
3.6	O INVESTIMENTO PÚBLICO NO CARNAVAL DE RUA DE CAXIAS DO SUL.....	62
3.7	AS ESCOLAS DE SAMBA E OS BLOCOS CARNAVALESCOS	67

3.8	A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE E DOS LAÇOS DE SOLIDARIEDADE.....	69
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	73
	REFERÊNCIAS	76
	APÊNDICE A – ENTREVISTA I.....	82
	APÊNDICE B – ENTREVISTA II	107
	APÊNDICE C – ENTREVISTA III	133
	APÊNDICE D – ENTREVISTA IV	139
	APÊNDICE E – ENTREVISTA V	141

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como tema as memórias do Carnaval de rua em Caxias do Sul¹, tendo como foco a reconstituição dessa história através das memórias dos indivíduos que não somente participaram ou ainda participam dessa folia nas ruas da cidade, mas que também as organizaram. Assim, analisarei os relatos desses sujeitos sociais que atuaram e atuam de diferentes formas no Carnaval de rua de Caxias do Sul, desde o fim do século XX até março de 2020.

A escolha do período deu-se em decorrência da produção das entrevistas, fontes históricas construídas através da História Oral, a qual será abordada adiante. O entrevistado Simião José de Vargas, atual presidente da Escola de Samba Acadêmicos Filhos de Jardel, conta que iniciou sua participação no Carnaval em 1999, quando a Escola realizou seu primeiro desfile como bloco carnavalesco. Em sua fala, encontra-se a referência ao ano de 1999, ou seja, fim do século XX. Na pesquisa, realizou-se também uma entrevista com Juçara de Quadros, integrante da Escola de Samba Protegidos da Princesa, na qual, a depoente relembra-se que desde seus quatro anos participa do Carnaval das escolas de samba em Caxias do Sul, mas, por não ser uma entrevista em que pode-se destacar muitas informações sobre o tema através das memórias da depoente, não será utilizado os anos 60 — quando Juçara viveu sua infância e adolescência — como o início da delimitação temporal e, sim, o ano de 1999, por ser um dos anos que possui maiores recordações sobre a festa carnavalesca.

A maioria dos entrevistados ainda participa da organização do Carnaval dentro de suas agremiações, portanto não só se recordam do que aconteceu em um passado mais longínquo, mas também de como foi a festividade no mês anterior à entrevista, em fevereiro, o que faz essas memórias serem recentes. Devido ao contexto descrito, utilizarei o mês de março de 2020 como fim da delimitação temporal.

¹Caxias do Sul é um município brasileiro do estado do Rio Grande do Sul, localizado no nordeste do estado.

O Carnaval tem sua origem na Idade Média², onde a carne era considerada um símbolo de força, de caráter sanguíneo e audaz, que não poderia faltar na mesa daquele que colocava à prova sua resistência e sua coragem ao ir caçar animais de grande porte. Ao contrário do camponês, pois a este restava a carne de animais de pequeno porte, como a de aves, lebres e galinhas. Já os monges desse período, dedicavam-se a alimentação através de verduras, hortaliças e peixes³, tendo assim, segundo o período, a escolha de uma vida guiada antes pelos valores da alma do que por aqueles do corpo, vivendo pacificamente e em oposição a vida de exibição e de festas. Para os defensores da Quaresma⁴ a carne tinha um valor simbólico, o que tornava mais difícil privar-se dela (FRUGONI, 2007).

A palavra Carnaval tem sua origem do latim *carnelevare*⁵ que está ligada a *carnem levare*, que significa privar-se de carne no último dia que precede o início da Quaresma. O calendário litúrgico, ao longo do tempo, se sobrepôs a todo tipo de festa, como por exemplo, o *Natalis solis*, a festa do sol, que transformou-se no Natal de Cristo, e a Páscoa hebraica na Páscoa cristã. Segundo Frugoni (2007), o Carnaval, diferentemente das festas exemplificadas anteriormente, é desprovida de conteúdo religioso, embora sirva para preparar um período de penitência imposto pela Igreja. Mesmo sendo uma festa medieval, possui características de festas pagãs da Antiguidade, como a utilização de fantasias e máscaras, assim como o relaxamento de procedimentos reprimidos, no que se refere ao campo da alimentação, do sexo e do comportamento.

Na Idade Média, o ano poderia começar em 25 de março, ou seja, no dia da encarnação de Cristo e a data de comemoração do Carnaval variava, pois está associada à Páscoa, que é celebrada no fim do inverno e começo da primavera, em clima europeu, fazendo a passagem do ano velho para o ano

²A Idade Média foi um longo período da história que se estendeu do século V ao século XV. Seu início foi marcado pela queda do Império Romano do Ocidente, em 476, e o seu fim, pela tomada de Constantinopla pelos turcos em 1453.

³De fato, na Idade Média pensava-se que os peixes, por não acasalarem, fossem imunes ao pecado da luxúria, responsável pela queda de Adão e Eva, portanto, não eram considerados contaminados pela intervenção do sexo.

⁴Quaresma é a designação do período de quarenta dias que antecedem a principal celebração do cristianismo: a Páscoa, a ressurreição de Jesus Cristo, comemorada no domingo. É uma prática presente na vida dos cristãos desde o século IV. Durante esses quarenta dias os cristãos dedicam-se à reflexão e a conversão espiritual. Normalmente se recolhem em oração e penitência para lembrar os 40 dias passados por Jesus no deserto e os sofrimentos que ele suportou na cruz.

⁵A palavra *carnelevare* foi registrada pela primeira vez por volta do ano 1000.

novo e da morte para a vida. No último dia de Carnaval, queimava-se a *Velha*, um fantoche feito com retalhos de panos, simbolizando o fim do inverno (FRUGONI, 2007).

A historiadora italiana Frugoni (2007) problematiza se o Carnaval, no seu sentido original, não estaria morto, pois a Quaresma, segundo ela, está “morta”. Poderia, então, o Carnaval reinventar-se?

Essa pesquisa tem como objetivo compreender a origem do Carnaval de rua em Caxias do Sul. Quando e como começou, assim como dar voz aos sujeitos que mantiveram vivo o Carnaval na cidade, contando essa história a partir das suas memórias.

Em seguida, acrescento outros objetivos desta pesquisa. Um deles tem o propósito de identificar os espaços em que essa manifestação cultural ocorria e ocorre. Posteriormente, investigar os sujeitos que participaram e participam da folia carnavalesca, assim como a classe social da qual faziam parte, sua etnia e sua identidade de gênero⁶. Adiante, também procurei identificar se há diferença entre trabalhos desempenhados pelas mulheres em comparação com os trabalhos exercidos pelos homens no Carnaval das escolas de samba. Por fim, busquei analisar se há um enfraquecimento nas escolas de samba da cidade e caso esse enfraquecimento existir, se ele é causado pelo surgimento de novos Blocos de rua em Caxias do Sul, como por exemplo, o Bloco da Ovelha, o Bloco da Velha, o Bloco do Luizinho, entre outros blocos existentes no município. Apresentarei mais adiante a metodologia e as fontes utilizadas para responder tais questionamentos.

A primeira ação realizada após a escolha do tema desenvolvido no Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) foi fazer uma revisão bibliográfica e verificar o que os historiadores já haviam escrito sobre o Carnaval de rua na cidade de Caxias do Sul, confesso que esperava encontrar pouca bibliografia, e foi o que encontrei. Apenas duas abordavam o tema. Isso motivou-me, pois

⁶Durante muitos anos foi associado identidade de gênero ao sexo biológico, portanto, se uma pessoa nascesse com os órgãos reprodutores femininos, era lida como mulher pela sociedade, se nascesse com os órgãos reprodutores masculinos, era considerada homem. Com o passar do tempo, foi-se reconhecendo as identidades como elas são e percebendo que a identidade de gênero é independente do sexo biológico, pois, está associada em como a pessoa se reconhece e se coloca no mundo. Ocorre do mesmo modo, a um indivíduo que não se reconhece em nenhum dos dois gêneros, sendo assim, uma pessoa não binária ou também, agênero, dentre outras identidades divergentes que não estão incluídas no ser homem ou no ser mulher.

percebi que o tema ainda não havia sido bem estudado e como o que trago nesta pesquisa é inédito quanto a escolha dos entrevistados, assim como as perguntas a eles realizadas, fato que leva também a mudança dos resultados encontrados em relação aos outros dois estudos realizados.

No primeiro momento, li a obra⁷ do historiador Lucas Caregnato⁸, a qual ele escreveu em sua especialização. Nela, se faz o uso da metodologia da História Oral e através dela realiza cinco entrevistas, mas nenhuma com o foco na folia nas ruas de Caxias do Sul.

A pesquisa que Caregnato (2010) desenvolve tem como principal objetivo preencher uma lacuna histórica, no que se refere à presença de afrodescendentes em Caxias do Sul, percebendo a participação e a contribuição da população negra na cidade. Através desse objetivo, é constatado em sua obra que o Carnaval de rua é uma contribuição dos afrodescendentes para Caxias do Sul, porém, o tema do Carnaval não é desenvolvido em primeiro plano ou como tema principal de sua pesquisa.

Caregnato (2010) destaca algumas páginas do seu livro para escrever sobre os “Negros e Espaços culturais”, no qual aborda em seus subtítulos a “Religiosidade e o lazer”, o “Futebol como meio de integração social” e o “Sport Club Gaúcho”. Neste último subcapítulo “Sport Clube Gaúcho”, o autor informa que desde as primeiras décadas do século XX foram formados diversos clubes⁹ na cidade de Caxias do Sul, mas que nenhum desses aceitavam a presença de sócios e visitantes que não estivessem dentro dos padrões então estabelecidos, como os negros, por exemplo, mas sim os descendentes de imigrantes italianos com boas condições financeiras. Essa realidade só se modificaria na década de 30 daquele século, quando fundou-se o primeiro clube recreativo voltado para as mulheres negras do município e da região, o Clube das Margaridas em 23 de junho de 1933.

Em 1934, o Clube das Margaridas tornou-se Sport Club Gaúcho, voltado ao futebol e à realização de bailes e outros eventos de lazer em sua sede. A

⁷CAREGNATO, L. **A outra face:** A presença de Afro-descendentes em Caxias do Sul 1900 a 1950. Caxias do Sul: Maneco, 2010. 128 p.

⁸Lucas Caregnato possui graduação em História (UCS), especialização em História Regional (UCS) e Mestrado em História (UPF).

⁹Lucas Caregnato menciona o Clube Juvenil, o Recreio da Juventude, o Recreio Guarany, entre outros clubes que não aceitavam a presença de negros no seu interior, portanto, participar desses espaços de lazer era restrito a população negra caxiense.

partir da criação do Clube, o Gaúcho¹⁰ supriria a ausência de espaços destinados ao lazer, à prática de esportes e a eventos que possibilitassem a participação de negros na sociedade (CAREGNATO, 2010).

O Sport Club Gaúcho possibilitou trocas sociais e culturais entre os homens e mulheres negros que participavam daquele ambiente e na década de 50 do século XX, criou um departamento exclusivamente voltado ao Carnaval, sendo protagonista na cidade, e, posteriormente, esse departamento foi transformado na Escola de Samba Protegidos da Princesa (CAREGNATO, 2010).

Caregnato (2010) traz uma importante contribuição a esse trabalho desenvolvido mediante a pesquisa por ele realizada, pois, conta-nos como nasceu, a primeira escola de samba de Caxias do Sul, a Escola de Samba Protegidos da Princesa.

A segunda bibliografia lida foi escrita pelo historiador Fabrício Romani Gomes¹¹ e em seu prefácio revela-se a finalidade do trabalho desenvolvido, a de pesquisar o grupo de negros caxienses que mobilizou-se em 1934 e fundou o Sport Club Gaúcho, o qual foi rebatizado como Sociedade Recreativa e Cultural Gaúcho, num contexto da cidade de Caxias do Sul, onde a maioria da população se via (e era vista) como branca e de ascendência italiana. Gomes (2013) procura examinar o processo de construção e reconstrução de identidades, as múltiplas práticas associativas e os projetos articulados por esse grupo, desde o soerguimento do clube até 1988, ano do centenário da abolição da escravatura no Brasil.

Modificações da nomenclatura do Clube Gaúcho	
Nomenclatura	Anos
Clube das Margaridas	1933
Sport Club Gaúcho	1934
Sociedade Recreativa e Cultural Gaúcho	A partir da década de 50 do séc. XX

A pesquisa de Gomes (2013) contribui com a pesquisa desenvolvida no que consta as fontes históricas escritas, por ele utilizadas em sua pesquisa. As

¹⁰Simplificação do nome Sport Club Gaúcho, como ficou popularmente conhecido na sociedade caxiense.

¹¹Fabrício Romani Gomes, licenciado em História pela Universidade de Caxias do Sul - UCS (2005) e Mestre em História pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) em 2008.

quais citarei mais adiante, pois, foi possível encontrar uma série referências de matérias jornalísticas que o autor utilizou para contextualizar o início da história do Carnaval de rua em Caxias do Sul e em especificamente, a trajetória da Escola de Samba Protegidos da Princesa.

Assim como o tema da pesquisa historiográfica realizada por Caregnato (2010) não são as memórias do Carnaval de rua em Caxias do Sul, pode-se perceber que esse também não é o foco escolhido por Gomes (2013). O autor Caregnato (2010) aborda rapidamente sobre a formação do Club Gaúcho e da Escola de Samba Protegidos da Princesa, mas na pesquisa realizada por Gomes (2013), o historiador se atém em contar a história desse Club e da respectiva agremiação, a qual durante sua história foi de bloco carnavalesco a escola de samba no decorrer do tempo.

A principal semelhança entre ambas pesquisas, é a presença da Escola de Samba Protegidos da Princesa, porém, não abordam outras escolas de samba existentes em Caxias do Sul. A pesquisa que realizei abrange também outras agremiações, como a Escola de Samba Acadêmicos Filhos de Jardel, a Sociedade Recreativa Cultural e Carnavalesca Incríveis do Ritmo e a Associação Cultural Beneficente Unidos da Zona Norte.

Interessei-me pelo tema de pesquisa depois de uma conversa com a professora Luiza Horn Iotti¹² em um momento apreensivo, de angústia e de dúvida se queria permanecer em um tema anteriormente escolhido na disciplina de Teoria II ou escolheria um novo tema, foi quando ela perguntou-me porque não pesquisar sobre o Carnaval em Caxias do Sul e que estaria disposta a me orientar. Aceitei seu convite e escolhi trabalhar com o Carnaval de rua por ser de origem popular. Por motivos maiores, ela não pode dar continuidade a orientação, mas prossegui com a orientação do professor Anthony Beux Tessari¹³.

Durante as orientações percebi a importância desta pesquisa e que ela pode ser justificada cientificamente devido a pouca referência encontrada sobre o Carnaval de rua na cidade de Caxias do Sul e também pelos sujeitos escolhidos para entrevistar e que aceitaram o convite, tornando assim, essa

¹² Mestre e Doutora em História pela PUCRS.

¹³ Possui graduação em Licenciatura Plena em História pela Universidade de Caxias do Sul (UCS). É mestre em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).

pesquisa inédita. É possível também justificar a sua importância de forma social e cultural, pois o Carnaval é um ato de resistência que deve ser registrado e analisado pela historiografia através das memórias daqueles que a vivenciaram, organizaram e o mantiveram vivo no município apesar do pouco investimento da prefeitura e do preconceito destilado por setores conservadores da sociedade.

A abordagem escolhida para ser empregada na pesquisa com vistas em alcançar os objetivos citados anteriormente foi a partir das discussões do campo da História Oral. Antes de adentrar nas discussões da História Oral, é de grande importância esclarecer que o momento em que esta pesquisa foi escrita trouxe algumas dificuldades na coleta de alguns dados e, principalmente, de entrevistas. Infelizmente a COVID-19, doença causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, impediu-me de reunir com alguns dos entrevistados, pois a Organização Mundial da Saúde (OMS) recomendou distanciamento e isolamento social. Da mesma forma, algumas instituições arquivísticas da cidade permaneceram fechadas para a consulta aos acervos.

As entrevistas das quais tenho os áudios gravados ocorreram no mês de março de 2020. As outras entrevistas, foram mediante um questionário em que enviava aos entrevistados e que recebia através das plataformas digitais. Há uma diferença enorme na quantidade de informações sobre o Carnaval de rua da cidade descritas por aqueles que foram entrevistados pessoalmente e daqueles que foram indagados por meio de um questionário. Encontrar o depoente, olhar para ele, conversar, tirar as dúvidas na hora e o ouvir falando de suas memórias é diferente de quando o indivíduo precisa ter um computador para abrir o arquivo do questionário e respondê-lo. Apesar das entrevistas não terem ocorrido como gostaria e nem como os entrevistados gostariam, foi a forma possível de ter acesso a essas memórias em um momento de pandemia. Enfim, agora explicado o contexto, dá-se sequência a explicação da metodologia da História Oral.

Na pesquisa, não foi apenas registrado os depoimentos dos sujeitos históricos que vivenciaram o período pesquisado, mas também foram problematizados, pois, segundo Alberti (2004), as entrevistas não carregam “o passado reencarnado em fitas gravadas”:

[...] concepção talvez ingênua e certamente equivocada de que a história oral, em vez de meio de ampliação de conhecimento sobre o passado, é, digamos, o próprio passado reencarnado em fitas gravadas

— como se o simples fato de deixar registrados depoimentos de atores e/ou testemunhas do passado eximisse o pesquisador da atividade de pesquisa.

Como pode ser percebido, a História Oral é um método de pesquisa que não tem um fim em si mesma, sendo ela um meio para obter o conhecimento. A utilização dessa metodologia somente é justificada no contexto de uma investigação científica, assim, antes mesmo de se pensar em História Oral, é preciso haver questões, perguntas, que justifiquem o desenvolvimento de uma investigação (ALBERTI, 2004), como é o caso desta pesquisa que procura ouvir os sujeitos que participaram e participam do Carnaval de rua em Caxias do Sul e contar essa história não somente a partir das suas memórias, mas tendo elas como uma fonte história principal e de extrema importância para a pesquisa produzida.

A utilização da metodologia da História Oral pode ser aplicada em qualquer tema que seja contemporâneo, pois necessita que aqueles que têm algo a dizer sobre o tema estejam vivos, disponíveis e em condições físicas e mentais de empreender a tarefa que lhes será solicitada (ALBERTI, 2004).

A escolha dos entrevistados é guiada pelos objetivos da pesquisa e o conhecimento prévio sobre o objeto de estudo, portanto, se torna necessário para escolher os indivíduos que podem contribuir efetivamente nesse sentido, seriam aqueles que participaram, viveram, presenciaram ou se inteiraram de ocorrências ou situações ligadas ao tema e que possam fornecer depoimentos significativos podendo-se tornarem assim, “bons entrevistados”¹⁴. Alberti (2004), acrescenta ainda:

É no contexto de formulação da pesquisa, durante a elaboração de seu projeto, portanto, que aparece a pergunta “quem entrevistar?”. Sua ocorrência é simultânea à opção pelo método da história oral, uma vez que tal opção é viável se houver pessoas a entrevistar. Se os objetivos da pesquisa forem claros, será possível dar um primeiro passo em direção à resposta, determinando que tipo de pessoa entrevistar [...], para então proceder a uma seleção [...].

¹⁴Bons entrevistados são aqueles que, por sua percepção aguda de sua própria experiência, ou pela importância das funções que exerceu, pode oferecer mais do que o simples relato de acontecimentos, estendendo-se sobre impressões de época, comportamento de pessoas ou grupos, funcionamento de instituições e, num sentido mais abstrato, sobre dogmas, conflitos, formas de cooperação e solidariedade grupal, de transação, situações de impacto etc. Tais relatos transcendem o âmbito da experiência individual, e expressam a cultura de um povo, país ou Nação, chegando, a partir de categorias cada vez mais abrangentes e ao denominador comum a espécie humana (CAMARGO, 1976 apud ALBERTI, 2004).

Alberti (2004) alerta a possibilidade de encontrar pessoas que negam a prestar depoimentos por estarem excessivamente ocupadas para cederem o seu tempo ou que sejam humildes a respeito de suas experiências e acreditam que nada possa acrescentar a pesquisa, nesse momento, tal circunstância pode forçosamente alterar a listagem inicialmente elaborada, resultando na substituição dos nomes anteriormente considerados.

Outra circunstância que alterou a listagem inicial de possíveis entrevistados foi o fato de um dos sujeitos não querer participar por acreditar que poderia indicar alguém que teria “mais para contar” sobre o Carnaval do que ele, nesse caso, foi-me indicado terceiros para serem anexados na lista, assim cheguei ao nome de Juçara de Quadros. Alberti (2004) destaca exatamente o fato ocorrido quando escreve que:

Outra circunstância que pode alterar a listagem inicial diz respeito ao surgimento, no decorrer da pesquisa, de nomes antes não considerados. Durante a realização de uma entrevista, por exemplo, pode acontecer de determinado entrevistado chamar a atenção para a atuação de um terceiro, antes desconhecido, cujo depoimento passe a ser fundamental para a pesquisa.

As entrevistas realizadas foram temáticas, pois, todas as perguntas cerceavam o tema do Carnaval de rua em Caxias do Sul. As entrevistas temáticas são aquelas que versam prioritariamente sobre a participação do entrevistado no tema escolhido, diferentemente das entrevistas sobre a história de vida do indivíduo, na qual o foco está na trajetória do sujeito, podendo ser desde a sua infância até o momento em que fala, onde relata os diversos acontecimentos e conjunturas por ele vivenciados ou de que se inteirou (ALBERTI, 2004). A decisão de qual tipo de entrevista adotar depende dos objetivos da pesquisa, nesse sentido, Alberti (2004) destaca que:

Em geral, a escolha de entrevistas temáticas é adequada para o caso de temas que têm estatuto relativamente definido na trajetória de vida dos depoentes, como, por exemplo, um período determinado cronologicamente, uma função desempenhada ou o envolvimento e a experiência em acontecimentos ou conjunturas específicas. Nesses casos, o tema pode ser de alguma forma "extraído" da trajetória de vida mais ampla e tornar-se centro e objeto das entrevistas. Escolhem-se pessoas que dele participaram ou que dele tiveram conhecimento para entrevistá-las a respeito.

A pesquisa de História Oral também precisa contar com um equipamento de gravação, para que posteriormente possa ser ouvido o áudio e ser transcrita a entrevista (ALBERTI, 2004). Transcrever é processo cansativo, mas de extrema importância, pois as falas dos depoentes são as fontes históricas utilizadas para o desenvolvimento da pesquisa. É importante lembrar que as versões dos entrevistados devem ser objetos de análise e não cabe ao historiador ser um inquisidor para afirmar se as informações dadas no depoimento são verdadeiras ou falsas.

O roteiro das entrevistas deve ser elaborado com base na pesquisa sobre o tema e também com base no projeto de pesquisa (ALBERTI, 2004). O roteiro preparado para os entrevistados continha trinta e oito perguntas e dividiu-se em três segmentos: 1) Dados do entrevistado, 2) Contextualização e 3) Escola de Samba.

O primeiro segmento “Dados do entrevistado”, teve como objetivo conhecer o depoente, ou seja, saber seu nome completo, quando nasceu, sua origem e profissão. O segundo segmento “Contextualização”, permitiu introduzir o tema do Carnaval através de questionamentos sobre a relação do entrevistado com a festa carnavalesca, desde quando participa, como conheceu a escola de samba, se pode contar a história da escola e qual o papel e as atividades que desenvolve na agremiação. O terceiro e último segmento conta com o maior número de questionamentos e se atém na escola de samba do entrevistado, buscando saber como a agremiação se colocou e tem-se colocado no Carnaval da cidade. É possível perceber como o sujeito traz suas memórias à tona quando fala, por exemplo, das maiores dificuldades encontradas pela escola ao fazer o Carnaval ou então das amizades construídas com pessoas da mesma agremiação ou mesmo de outras escolas de samba.

A História Oral é a metodologia e através da sua aplicação surge as entrevistas como fontes históricas. Essa pesquisa traz o depoimento de seis entrevistados entre os meses de março e abril de 2020, são eles:

- a)** Simião José de Vargas, entrevistado em 13 de março de 2020;
- b)** Alef Sidnei Becher, entrevistado em 13 de março de 2020;
- c)** Valmor Kasenski, entrevistado em 15 de março de 2020;
- d)** Solano Garcez, entrevistado em 02 de abril de 2020;
- e)** Valdir José Oliveira dos Santos, entrevistado em 08 de abril de 2020;

f) Juçara de Quadros, entrevistada em 24 de abril de 2020.

As fontes orais teceram-se através de uma teia de contatos, pois, quando entrevistava-se alguém, também recebia-se novos nomes de pessoas que participaram e outros que participam do Carnaval de rua caxiense. Quando há uma indicação do depoente, é mais fácil aproximar-se desses possíveis entrevistados.

Através da leitura do livro já mencionado anteriormente “Sob a Proteção da Princesa e de São Benedito”, foi possível encontrar uma série referências de reportagens que em conjunto contextualizam o início da história do Carnaval de rua em Caxias do Sul e principalmente, a história da Escola de Samba Protegidos da Princesa. Algumas dessas fontes utilizadas pelo historiador Fabrício Gomes (2013), também utilizei nesta pesquisa como fontes escritas, entre elas estão reportagens encontradas nos jornais da cidade de Caxias do Sul, o Pioneiro, O Momento, A Época e o Jornal de Caxias. Ao todo foram selecionadas dez reportagens sobre o Carnaval em Caxias do Sul. Essas matérias encontram-se abordadas nos anos de: 1938, 1939, 1950, 1965, 1966, 1968, 1972, 1973, 1979 e 1984.

No início da pesquisa também existia a possibilidade de pesquisar no Jornal Pioneiro a partir do ano de 2002 adiante, pois no site da Câmara de Caxias na página do Centro de Memória, encontra-se somente o jornal até o ano de 2002, os outros volumes estão no Instituto Memória Histórica e Cultural (IMHC) da Universidade de Caxias do Sul (UCS) e devido ao Covid-19, não foi possível ter acesso ao material, portanto, utilizei reportagens do Jornal Pioneiro encontradas virtualmente, que abordam o Carnaval de rua durante os anos: 2017, 2018 e 2020.

O objeto de estudo dessa pesquisa é o Carnaval de rua de Caxias do Sul e quem conta essa história são as memórias dos depoentes. Le Goff (1996) define a memória como:

[...] propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas.

De acordo com Pollak (1992), “a memória parece ser um fenômeno

individual, algo relativamente íntimo, próprio da pessoa”, mas ela também deve ser entendida como um fenômeno coletivo e social, que foi construída coletivamente e submetida a flutuações, transformações, mudanças constantes (HALBWACHS apud POLLAK, 1992).

A memória se constitui primeiramente através de acontecimentos vividos pessoalmente ou por tabela, ou seja, “acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer”. Nem sempre a pessoa participou desses acontecimentos, mas, por meio da identificação com um determinado passado e da socialização política e histórica, ela herdou uma memória por tabela (POLLAK, 1992).

O segundo elemento de constituição da memória diz respeito às pessoas ou personagens. Os entrevistados podem falar de sujeitos que conheceram ao longo da vida, ou que conheceram por tabela, tornando-as quase conhecidas, e daqueles que não necessariamente pertenceram ao mesmo espaço-tempo do depoente (POLLAK, 1992).

Os lugares também são componentes da memória, pode ser um lugar ligado a uma lembrança pessoal ou coletiva e independente da data em que a vivência se deu. Nas memórias públicas, encontram-se também lugares de comemoração, vividos por tabela ou não. Locais longínquos, “fora do espaço-tempo da vida de uma pessoa podem constituir lugar importante para a memória do grupo, e, por conseguinte da própria pessoa”, podendo ser devido ao pertencimento a esse grupo (POLLAK, 1992).

Na pesquisa, destacam-se as memórias dos depoentes que viveram e ainda vivenciam os ensaios das suas agremiações na quadra de escolas da comunidade, nos barracões e nas ruas dos seus bairros, que caracteriza a utilização do espaço público. Essas pessoas também ocuparam diferentes ruas durante o Carnaval das escolas de samba de Caxias do Sul, mas que atualmente ocupam a rua Sinimbu, a qual possuem um apreço maior, por ser um trajeto utilizado para ir trabalhar, passear, assistir aos desfiles da Festa da Uva e de outras datas comemorativas, individualmente e coletivamente, por tabela ou não.

Esses três critérios, acontecimentos, personagens e lugares, conhecidos direta ou indiretamente, podem obviamente dizer respeito a acontecimentos, personagens e lugares reais, empiricamente fundados em fatos concretos. Mas pode se tratar também da projeção de outros eventos (POLLAK, 1992).

O sociólogo Pollack (1992), elucida que uma pessoa que possui uma vida pública, ora assimila as datas dos acontecimentos da vida privada e da vida pública, ora as mantém estritamente separadas em seu relato. O entrevistado Kasenski (2020), por exemplo, figura pública como presidente da Escola de Samba Unidos da Zona Norte, para recordar-se o início da sua trajetória no Carnaval, recorre da data de nascimento do seu filho mais velho, para que traga na memória e relembre-se do início de seu percurso.

Quando fizemos entrevistas com donas de casa da Normandia que passaram pela guerra, pela Ocupação, pela Libertação etc., as datas precisas que pudemos identificar em seus relatos eram as da vida familiar: nascimento dos filhos, até mesmo datas muito precisas de nascimento de todos os primos, todas as primas, todos os sobrinhos e sobrinhas. Mas havia uma nítida imprecisão em relação às datas públicas, ligadas à vida política (POLLAK, 1992).

Os monumentos, o patrimônio arquitetônico e seu estilo, as paisagens, as datas, os personagens históricos, as tradições, inclusive as culinárias, os costumes, as regras de interação, o folclore e a música, são “pontos de referência que estruturam nossa memória e que a inserem na memória da coletividade a que pertencemos” (POLLAK, 1989).

A memória também é um fenômeno construído, que se dá de forma consciente e inconsciente. A memória individual grava, recalca, exclui e relembra, ficando evidente o resultado de um trabalho de organização, pois, “[...] a memória é seletiva, nem tudo fica gravado, nem tudo fica registrado” (POLLAK, 1992).

Não há apenas um processo de seletividade de toda memória, mas também um processo de "negociação" para conciliar memória coletiva e memórias individuais, para que:

[...] nossa memória se beneficie da dos outros, não basta que eles nos tragam seus testemunhos: é preciso também que ela não tenha deixado de concordar com suas memórias e que haja suficientes pontos de contato entre ela e as outras para que a lembrança que os outros nos trazem possa ser reconstruída sobre uma base comum (HALBWACHS apud POLLAK, 1989).

Constitui-se o sentimento de identidade através da memória, tanto individual como coletiva, “na medida em que ela é também um fator

extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si”. A construção da identidade se produz em referência aos outros, através de critérios como: aceitabilidade, admissibilidade, credibilidade, “e que se faz por meio da negociação direta com outros”. Memória e identidade são negociadas, e “não são fenômenos que devam ser compreendidos como essências de uma pessoa ou de um grupo” (POLLAK, 1992).

Confronta-se a memória individual com a memória dos outros, mostrando assim, que “a memória e a identidade são valores disputados em conflitos sociais e intergrupais, e particularmente em conflitos que opõem grupos políticos diversos” (POLLAK, 1992).

As entrevistas que utilizam a História Oral, sobretudo as entrevistas de história de vida, recolhem memórias individuais, mas se forem entrevistas de grupo, dispõem do acesso de memórias mais coletivas, “e o problema aí é saber como interpretar esse material” (POLLAK, 1992). Sobre a fonte oral e a fonte escrita, Pollak (1992) destaca:

Se a memória é socialmente construída, é óbvio que toda documentação também o é. Para mim não há diferença fundamental entre fonte escrita e fonte oral. A crítica da fonte, tal como todo historiador aprende a fazer, deve, a meu ver, ser aplicada a fontes de tudo quanto é tipo. Desse ponto de vista, a fonte oral é exatamente comparável à fonte escrita. Nem a fonte escrita pode ser tomada tal e qual ela se apresenta.

A História Oral quando privilegia a análise dos excluídos, dos marginalizados e das minorias, procura ressaltar “ a importância de memórias subterrâneas que, como parte integrante das culturas minoritárias e dominadas, se opõem à “memória oficial””, como no caso da memória nacional (POLLAK, 1989).

Os estudos de memória, assim como a pesquisa desenvolvida utiliza-se das memórias para contar a história do Carnaval de rua em Caxias do Sul, mas não tem a pretensão de abarcar a verdade ou a completude da história vivida, pois a memória revela falhas, esquecimentos, descompassos e paradoxos e enquanto o sujeito escolhe, inconscientemente ou não, recordar-se de uma memória, acaba deixando outras a margem, portanto, a memória acaba por chamar atenção aos esquecimentos (GUTERRES, 2006).

O esquecimento faz parte da vida humana e uma história do Carnaval de Caxias do Sul através de seus atores sociais é uma pesquisa em aberto. Os fatos por serem vivências que ainda estão vivas, se movem, pois não estão fixadas num tempo cristalizado. A memória revela vivências que são reconstruídas no presente e que estão prontas para serem ultrapassadas, reconstruídas e completadas pelos carnavalescos e simpatizantes desta grande festa que é o Carnaval (GUTERRES, 2006).

2 HISTORICIZANDO O CARNAVAL NO BRASIL

Este capítulo tem como objetivo historicizar e contextualizar como se deu a construção do Carnaval no Brasil desde o século XVI, com as molhadelas¹⁵ do entrudo, passando pelos séculos XVII, XVIII e chegando ao XIX, que traz o aparecimento dos zé-pereira, cordões e ranchos, assim como a transformação dos cordões em clubes, já no século XX. A pesquisa também aborda a importação do Carnaval veneziano para o país através das classes mais abastadas, no século XIX, e como o Carnaval torna-se resistência na *Belle Époque*, no fim século XIX e início do XX. Destaca-se o nascimento das escolas de samba, e como o Carnaval das elites e os folguedos populares tornam-se símbolo nacionalista na Era Vargas. Não há como falar de Carnaval sem falar em samba, principalmente o samba urbano carioca, surgido no século XIX, e que tornou-se símbolo da música popular brasileira. O capítulo também aborda quando e como o Carnaval comemorado nas grandes metrópoles brasileiras chegou a Caxias do Sul.

As referências utilizadas foram: Rachel Soihet (1998), historiadora que apresenta o Carnaval do Rio de Janeiro; Von Simson (2007) traz os aspectos do Carnaval paulista de 1914 a 1988; Marcelo Braz (2013) evidencia o conceito do samba e sua importância para a evolução do Carnaval como é conhecido atualmente; Alexandre Lazzari (2001) fala do Carnaval porto-alegrense; e por fim, Fabrício Gomes (2013) e Caregnato (2010) abordam a formação do Carnaval em Caxias do Sul através da Escola de Samba Protegidos da Princesa.

2.1 O ENTRUDO

A palavra entrudo tem origem no latim *introitu* (introdução), que representa os três dias que precedem a quaresma. O entrudo foi trazido ao Brasil pelos colonizadores lusitanos¹⁶ no século XVI e, com o passar do tempo, tornou-se uma forma de diversão carnavalesca brasileira, pois, modificou-se e passou a

¹⁵As molhadelas eram uma forma tradicional de brincar o entrudo. A brincadeira consistia em molhar ou sujar as pessoas que passavam pela rua, mas também poderia ser realizado de maneira privada. Nela as pessoas normalmente jogavam líquidos mal cheirosos umas nas outras, como por exemplo, água suja, lama e urina, mas podiam jogar também águas aromatizadas.

¹⁶Em Portugal, o entrudo era conhecido como “dias gordos”, por ser uma festa de abundância de vinho, carne e sexo, dessa forma contrapondo-se à quarentena da Páscoa, período de abstinência, jejum e penitência para os católicos.

ter outras características diferentes daquelas encontradas durante sua comemoração em Portugal (VON SIMSON, 2007).

É no período colonial¹⁷ que o entrudo se estabelece no Brasil e sua existência finda em meados do século XIX. Nesse período, destaca-se uma sociedade recém urbanizada, formada por grupos de vizinhança e tendo a religiosidade como principal força na manutenção da sociabilidade. A população tinha pouca escolaridade, e havia uma relativa uniformidade cultural entre as camadas da sociedade. A maioria das pessoas participavam das festas religiosas, pois, as diferenças socioeconômicas não justificavam a separação na hora de festejar Nossa Senhora da Penha¹⁸ ou o Divino Espírito Santo¹⁹, com exceção do lugar no desfile, ou seja, comemoravam quase todas as festividades juntas, mas, cada camada da sociedade tinha seu papel definido (VON SIMSON, 2007).

No Brasil, na brincadeira, assim como na celebração de Nossa Senhora da Penha ou do Divino Espírito Santo, participavam as diferentes camadas sociais. Durante esses três dias, os senhores e seus escravos saíam à rua para participar da folia, mas cada um com seu papel claramente delimitado. O senhor atirava limões e laranjas-de-cheiro²⁰ e às pessoas escravizadas cabiam carregar as bandejas cheias de 'projéteis' ou bilhas d'água, com as quais as seringas eram preenchidas, e ainda serviam de 'vítima' para o brinco do branco, sem muito direito de esboçar reação. É importante salientar que os negros também brincavam com o entrudo entre si, mas em um horário diferente dos brancos, quando estes já encontravam-se recolhidos. O festejo ocorria ou bem cedo, ao amanhecer, ou à noite (VON SIMSON, 2007).

A historiadora Soihet (1998) traz em sua obra a observação de Ferdinand Denis²¹ sobre o brincar o entrudo na década de 1840. Ele narra que:

¹⁷ O Brasil Colônia corresponde temporalmente de 1530 a 1822.

¹⁸ A maior festa religiosa do Espírito Santo, e terceira maior do Brasil, a Festa de Nossa Senhora da Penha é uma homenagem à Padroeira do Espírito Santo.

¹⁹ A Festa do Divino é uma celebração de origem católica realizada no dia de Pentecostes. No Brasil, o festejo chegou com os portugueses e pode ser encontrado em várias cidades como Mogi das Cruzes (SP), Paraty (RJ) e no estado de Rondônia. Em Pirenópolis (GO) há a encenação da luta entre cristãos e mouros.

²⁰ Limões de cheiro, ou laranjas de cheiro, era o nome pelo qual eram chamadas as pequenas bolas de cera recheadas de águas perfumadas.

²¹ Ferdinand Denis (1798-1890) foi um historiador e viajante francês que esteve no Brasil na primeira metade do século XIX.

[...] se debruçando em seguida nos balcões das janelas, verificou que todos os que enchiam as ruas fugiam de algum projétil ou espreitavam a aproximação de alguma vítima. Quando alguém aparecia era no mesmo instante atacado de todas as direções e inundado de torrentes de água, tornando-se seu chapéu alvo de milhares de ovos. E se, não vendo nenhum atacante, tirava o chapéu para limpá-lo, alguma mocinha, oculta atrás de uma janela dos andares superiores, lançava-lhe prontamente uma bacia d'água na cabeça. Fugindo para o lado oposto, recebia nova dose; enfim, não havia como escapar (DENIS, apud SOIHET, 1998).

Todos brincavam o entrudo: homens austeros, estudantes, mulheres de postura recatada, crianças, pessoas escravizadas e trabalhadores livres. O apelo da festa era a participação, pois, não havia graça em preparar armadilhas e engodos se ninguém se arriscasse (SOIHET, 1998).

O desperdício de água durante o entrudo era tamanho que tornou-se caso de polícia. Devido aos excessos, o intendente geral da polícia publicou um edital no qual declara que os jogos de entrudo, por se tornarem violentos, davam lugar a pancadas e feridas graves, os quais eram, frequentemente, praticados contra a vontade dos indivíduos. A brincadeira foi proibida tanto nas ruas, quanto nos teatros, não podendo ser permitidos semelhantes divertimentos em uma sociedade civilizada. Todos os bairros da cidade do Rio de Janeiro receberam guardas armados, porém, a prática continuou ocorrendo (SOIHET, 1998).

Desde os séculos XVII e XVIII a camada mais abastada buscava se diferenciar culturalmente das camadas mais pobres — constituídas por homens livres, negros libertos e pela escravaria — e no século XIX com o enriquecimento trazido pela cultura cafeeira nas cidades do centro-sul do Rio de Janeiro e em São Paulo esse acontecimento foi possível. A camada mais rica modificou suas atividades festivas pela importação e adaptação às condições brasileiras das maneiras europeias de se divertir, não criando nada novo, apenas utilizava seus privilégios econômicos para introduzir aqui as usanças d'além-mar. As camadas populares não possuíam recursos necessários às importações e nos arrabaldes das cidades construíram os folguedos típicos populares: os zé-pereiras, os cordões e os ranchos (VON SIMSON, 2007). Essas manifestações populares não somente resistiram à aversão de que foram objeto, mas também influenciaram o carnaval dos segmentos mais elevados (SOIHET, 1998).

2.1.1 O zé-pereira

O zé-pereira foi uma manifestação carnavalesca de origem portuguesa surgida em 1852 que passou a ser apropriada tanto pelos cordões como pelos grandes clubes brasileiros. O zé-pereira caracterizou-se pelo desfile de uma dezena de homens que batiam tambores e bombos que eram por eles carregados. Não havia a presença do canto, somente dos instrumentos, o que demonstra o preconceito do zé-pereira em relação a outras manifestações populares. Tal expressão cultural era uma exceção, pois na maioria das manifestações populares a marca africana predominava (EDMUNDO *apud* SOIHET, 1998).

No início do século XX, o zé-pereira ainda estava presente no Rio de Janeiro, mas a partir de 1904, devido a remodelação da cidade começou a perder terreno (SOIHET, 1998) e, posteriormente, ocorreu também o desaparecimento das zabumbas²², dos mascarados e dos cordões (BARRETO *apud* SOIHET).

2.1.2 Os cordões

Os cordões surgiram no Rio de Janeiro, no fim do século XIX. O primeiro cordão chamava-se “Os Invisíveis” e foi criado pelo mestre Valentim. A partir desse momento, surgiram novos cordões, e ficou estabelecido que cada um teria sua própria música. No ano de 1897, o cordão *Rosa de Ouro* encomendou sua música a Chiquinha Gonzaga²³, que compôs a célebre *Ó Abre Alas*²⁴, tornando-se uma das marcas do Carnaval (LIRA *apud* SOIHET, 1998).

A origem dos cordões é religiosa, pois lembrariam as correrias de Dionísio, os festejos coloniais de Nossa Senhora do Rosário e os afoxés²⁵ africanos (BAROJA *apud* SOIHET, 1998).

Havia cordões oriundo dos afoxés e cucumbis²⁶ do Império que eram conduzidos por um mestre, cujo apito de comando todos obedeciam. Fazia parte

²² Zabumba é um instrumento musical de percussão, que se assemelha a um tambor de tamanho médio ou grande.

²³ Chiquinha Gonzaga (1847-1935) foi uma pianista, maestrina e compositora carioca. Considerada uma das maiores influências da música popular brasileira e foi a primeira mulher a reger uma orquestra no Brasil.

²⁴ *Ó Abre Alas* é considerada a primeira marchinha de Carnaval da história

²⁵ Afoxé é o nome de uma manifestação popular de origem africana, cujo ritmo é o ijexá.

²⁶ Cortejos simbólicos, mais tarde incorporados aos festejos negros de N. S. do Rosário, que mesclavam refrões em banto e versos em português.

da percussão: adufes, cuícas e reco-recos, enquanto as marchas eram entoadas pelos “velhos” e os palhaços cantavam chulas²⁷ em ritmo acelerado. Dessa forma, atravessavam as ruas nos dias e noites de Carnaval (SOIHET, 1998).

As fantasias que destacavam-se nos cordões no início do século XX eram as de diabinho²⁸, dominó²⁹, velho, princês, caveiras, pais-joão, burros-doutor, clóvis. “Os pobres que não conseguiram as fantasias participavam carregando archotes, fogos-de-bengala e lâmpadas de querosene”. Esses personagens eram acompanhados de capoeiras famosos, pois eram eles a tropa de choque nas contendidas a que se entregavam esses grupos, cabendo-lhes a defesa do bom nome dessas agremiações (SOIHET, 1998).

É possível perceber que os ideais dominantes monarquistas estavam presentes nos cordões através de seus nomes que utilizavam diversos títulos reais, nomes de pedras preciosas, como os Chuva de Prata e Vassalos da Aurora (SOIHET, 1998).

Paralelamente à campanha ideológica, ocorria a repressão. Os policiais exigiam a licença dos cordões e caso não possuíssem, seus membros eram presos. Mesmo quando tinham licença, todos eram revistados, caso fosse constatado o porte de arma, o “desordeiro” era preso e processado. Essa repressão era constatada nas manifestações populares, já aqueles que “compunham os préstitos, o curso ou os que frequentavam os bailes” não eram submetidos a revistas policiais e seus participantes não recebiam o título de desordeiros (SOIHET, 1998).

O desaparecimento dos cordões era desejado pelos grupos abastados e em ascensão, pois era de “caráter desordeiro” e seus componentes, populares do Rio de Janeiro, tidos como irracionais. Tal manifestação não desapareceu, contudo, utilizou uma estratégia de sobrevivência, subordinando-se a cultura dominante, modificou-se, passou a denominar-se como clube, pois, clube é um nome mais elegante e em harmonizaria melhor com uma cidade que já possuía avenidas (SOIHET, 1998).

²⁷As chulas são miniaturas poéticas que tratam dos assuntos da vida, relatam conflitos e as complicações da paixão. Os palhaços davam conselhos e alertas para quem precisasse ouvir.

²⁸A fantasia de diabinho era utilizada pelos jornais para estimar o entusiasmo ou a fraqueza da festa pelo número de diabinhos que estavam presentes.

²⁹A fantasia de peça de dominó apareceu primeiramente nos salões de luxo, feitas de cetim ou em veludo. Os populares adaptaram a fantasia e fizeram sua versão com chita e cretone.

2.1.3 Os ranchos

Os ranchos foram trazidos por um grupo³⁰ de ex-escravizados quando vieram da Bahia, no final da década de 1870, para o Rio de Janeiro (SOIHET, 1998).

Essa corrente de ex-escravos de origem baiana juntou-se com antigos combatentes de Canudos e, nesses locais, procuraram manter a sua cultura. Nessas comunidades os mais velhos eram conhecidos por “tios” e “tias”, e em suas casas realizavam celebrações profanas e religiosas. Essas “tias” eram responsáveis pelo candomblé³¹, pelo samba e organizavam os blocos e os ranchos. Em suas casas encontrava-se a resistência cultural, a base para o Carnaval e para a música popular carioca (SILVA, 1981 apud SOIHET).

No início do século XX, era realizado concursos de ranchos na casa da baiana Tia Bibiana. No início, os desfiles eram presididos pela “tia” e realizados diante de presépios³², mas, com o passar do tempo os ranchos ganharam as ruas e antes de desfilarem era necessário pedir a proteção das “tias”, pois caso contrário, era como se não tivessem saído no Carnaval (SOIHET, 1998).

Os elementos compositores dos ranchos eram: o coral de pastoras que cantavam ritmadas por violões, cavaquinhos e instrumentos de sopro. O tema das marchas era sobre o cortejo ou sobre o rancho. Contavam também com uma porta-estandarte e três mestres: “o “mestre de harmonia”, para a orquestra; o “mestre de canto”, para conduzir o coro; e o “mestre sala”, encarregado da parte coreográfica”. Seus participantes eram fantasiados de acordo com o enredo alegórico. Até 1909, na frente dos ranchos vinham na frente pessoas fantasiadas de indígenas, mas foram proibidos pela polícia sob a alegação de que promoviam desordens (SOIHET, 1998).

Os ranchos eram considerados “cordões mais civilizados” devido sua disciplina. Até o início do século XX, entre os ranchos não havia ambição competitiva, porém quando uma atmosfera de competição chegou, o luxo e a sofisticação ganharam destaque. Esse luxo e sofisticação veio através de pintores conhecidos, como Henrique Bernardelli e Rodolfo Amoedo. Através

³⁰ Esse grupo foi absorvido nos trabalhos do cais do porto e moravam em áreas limítrofes, mas devido à remodelação da cidade constituíram a chamada Pequena África, que abrangia inclusive a Praça Onze.

³¹ O candomblé é uma religião de matriz africana que cultua os orixás por meio de danças, cantos e oferendas. A palavra “candomblé” significa “dança com atabaques”.

³² Morfologicamente os ranchos carnavalescos apresentam semelhanças aos ranchos natalinos.

dessa estratégia, os populares repeliam a segregação que se lhes pretendia impor, pois buscavam a contribuição de elementos representativos dos mesmos segmentos que os execravam (SOIHET, 1998).

2.2 GRUPOS, CLUBES E BLOCOS

Os grupos carnavalescos, juntamente com os clubes, possuíam uma condição mais esmerada, pois dispunham de sede, mas deviam requerer licença de funcionamento e submeter seus estatutos ao chefe de polícia. Os membros tinham que fornecer, além de seus nomes, a profissão e o endereço do local de trabalho. O ideal de controle policial que acreditavam dispor devido ao mapeamento realizado não aconteceu, pois, boa parte dos que brincavam o Carnaval não tinham trabalho na acepção dominante, tocavam eles violões e compunham músicas e não deixavam de participar do Carnaval (SOIHET, 1998).

Além dos clubes e grupos, havia os blocos, que eram constituídos de “gente mais apurada”, pois eram formados por pessoas de diversos bairros que se reuniam para se divertirem no Carnaval. Em regra, não era essa a opinião acerca dos blocos (LIRA *apud* SOIHET, 1998).

Um tipo de bloco que foi extremamente popular na época era o “bloco de sujos”. Esse bloco utilizava do deboche e da paródia para atingirem o mais alto grau. Entre esses “sujos”, merece especial menção o da família da Tia Ciata³³ — *O Macaco é o Outro* —, onde se fazia uso do deboche como arma contra a discriminação racial que se lhe pretendia impingir (SOIHET, 1998).

2.3 A IMPORTAÇÃO DE UMA EXPRESSÃO CARNAVALESCA

A burguesia das grandes cidades do Rio de Janeiro e São Paulo, como mencionado anteriormente, buscou diferenciar-se das camadas populares e no ano de 1855 introduziu o Carnaval Veneziano³⁴ no Brasil. Esse Carnaval importado era visto pela imprensa como o “grande” Carnaval, pois era de origem citadina, foi inspirado nas tradições europeias dos arlequins e das colombianas, consistia em bailes mascarados, que ocorriam em teatros e hotéis. Seus

³³ Hilária Batista de Almeida (1854-1924) conhecida como Tia Ciata, é uma das figuras mais influentes da cultura negra carioca do início do século XX, devido sua relação com o surgimento do samba carioca. Tia Ciata era uma baiana que veio para o Rio de Janeiro com 22 anos, foi cozinheira e mãe de santo candomblecista.

³⁴ O Carnaval veneziano é cópia do Carnaval burguês italiano e francês.

componentes desfilavam no terceiro dia de Carnaval com luxuosas fantasias pelas principais ruas da cidade, no curso³⁵ ou em carros alegóricos, onde a população só era aceita durante o tríduo de Momo³⁶ como meros espectadores (VON SIMSON, 2007).

Os carros alegóricos do desfile apresentavam mulheres seminuas e críticas políticas ao governo imperial e à escravidão (PEREIRA *apud* SOIHET, 1998).

O “pequeno” Carnaval era uma expressão reservada às expressões carnavalescas populares, o entrudo, os zé-pereira, os cordões e os ranchos. O poder público, assim como a imprensa, enxergava essas duas manifestações de maneiras diferentes. Em São Paulo, entre 1876 e 1889, a preocupação das autoridades ainda era em reprimir o entrudo, a antiga forma de se divertir. Já o Carnaval veneziano não era reprimido, pois, simbolizava o império da luz invadindo o império das trevas, como fosse a civilização vs ignorância. Além disso, os articulistas acreditavam que a forma europeia de celebrar o Carnaval servia de elemento didático para educar o povo, pois reunia os seus espectadores da camada popular e ensinavam-lhe a elegância das maneiras, da linguagem e as regras da polidez (VON SIMSON, 2007).

2.4 BELLE ÉPOQUE E O CARNAVAL COMO RESISTÊNCIA

Civilização e progresso foram os lemas da *Belle Époque*³⁷. Ao Rio de Janeiro, cabia a vanguarda nesse processo, portanto era necessário acelerar o processo de modernização e a higienização da cidade. A modernização não veio apenas na remodelação urbanística, mas também no âmbito cultural. O saber erudito, calcado na razão e na ciência devia ser difundido. Em oposição às manifestações populares, símbolos de atraso e ignorância deveriam desaparecer, pois, representavam um mundo em extinção e não se alinhavam com os valores da modernidade (SOIHET, 1998).

³⁵Desfile carnavalesco em que veículos ornamentados ou não, conduzindo grupos de foliões, geralmente fantasiados, circulavam pelas ruas. O confete, a serpentina e o lança-perfume eram muito utilizados.

³⁶Período de tempo compreendido no espaço de três dias consecutivos em que Momo é o rei da cidade. Na mitologia grega, Momo é o deus do sarcasmo e do delírio.

³⁷A Belle Époque, em português Bela Época, deve ser compreendida como um estado de espírito do povo francês que começou em meados do século XIX e terminou com o início da Primeira Guerra Mundial em 1914. O Brasil sofreu influência francesa e um dos seus ideais tornou-se o modernismo.

A modernização representou a expulsão dos populares de suas moradias nas áreas centrais da cidade, onde foram construídas ruas e avenidas, destinadas ao lazer e aos negócios dos grupos ascendentes que pensavam em ir direção ao progresso. Nesse espaço não se admitia a presença de indivíduos em mangas de camisa e descalços, num flagrante desrespeito às normas civilizadoras (NAVA, 1973 apud SOIHET, 1998).

Assim como a presença da população não era desejada, a presença de suas manifestações culturais, nas quais a marca negra prevalecia, também não eram bem-vindas, essas eram: o candomblé, a capoeira, as romarias religiosas, o pandeiro, o violão, os cordões carnavalescos, os sambas, entre outras formas de expressão, pois eram objeto de intensa repressão (SOIHET, 1998).

No século XIX, a população não era apenas indesejada nas áreas centrais da cidade, mas também eram excluídas da participação política e expressavam seus anseios e necessidades através do campo da cultura, na qual edificavam uma cidadania paralela (SOIHET, 1998).

O Carnaval surge como espaço de resistência, no qual aparece de forma mais acentuada sua irreverência, através da paródia às diversas modalidades de opressão, às regras e aos tabus. É o momento em que a população majoritariamente negra, ocupa as ruas e colocam medo na elite carioca através dos seus cordões, com seus ranchos e suas músicas (SOIHET, 1998).

No final da década de 1890, o Carnaval não ocorre apenas na rua do Ouvidor no Rio de Janeiro, mas também nos arrabaldes e subúrbios. Em 1920 o Carnaval passa a ocorrer na praça Onze no fim das tardes de domingo, onde encontravam-se negros e brancos mais humildes, residentes da periferia e favelas que vinham através de trem e bondes fazer a festa (SOIHET, 1998).

2.4.1 O nascimento das escolas de samba

Tendo surgido em fim dos anos de 1920, as escolas de samba são a síntese das manifestações carnavalescas anteriores, dos blocos, dos ranchos e das grandes sociedades e, além disso, são o exemplo de interpenetração de elementos da cultura dominante e da popular (SOIHET, 1998).

A escola de samba diferencia-se dos movimentos carnavalescos anteriores no que consta ao seu desfile, pois somente é permitido sambar. Quanto a instrumentação, pois, somente é aceita a percussão. Quanto aos

elementos constitutivos das escolas de samba, é incluído o mestre-sala e a porta-bandeira, baianas e passistas. O símbolo da agremiação é levado pela porta-bandeira, sempre acompanhada pelo mestre-sala, formando o casal principal do desfile (VON SIMSON, 2007).

A participação das mulheres no primeiro cordão que surgiu em São Paulo em 1914 limitou-se em ajudar na organização e montagem do folguedo, sem poderem participar do desfile. Elas só vieram integrar os desfiles em 1921, onde também continuaram auxiliando na organização do folguedo, porém incumbiram-se da tarefa de ensaiar o setor mirim do cordão Infantil da Barra Funda. Nos desfiles eram orientadas pelo ensaiador ou mestre de cerimônias, onde realizavam elaboradas evoluções. Na Escola de Samba Vai-Vai, surgida por volta de 1930, as mulheres não saíram no primeiro ano, mas no segundo já desfilaram (VON SIMSON, 2007). É perceptível o elemento machista que podava a participação das mulheres nos desfiles e quando participavam, eram orientadas e supervisionadas por homens que ocupavam os cargos de ensaiador e mestre de cerimônias.

O Carnaval difundiu-se do Rio de Janeiro para as principais cidades brasileiras na segunda metade do século XIX. Em Porto Alegre³⁸ os moradores vivenciaram o entrudo e no século XIX, os bailes, as festas e os desfiles das elitizadas sociedades carnavalescas. Nas décadas de 1920 e 1930, o Carnaval passou a ser realizado nas ruas porto-alegrenses por inúmeros grupos, dos mais sofisticados aos mais humildes. As escolas de samba começam a introduzir-se na festa no final dos anos de 1930 e consolidam-se em 1960, quando o Carnaval nos bairros começou a extinguir-se (LAZZARI, 2001).

Os costumes das grandes sociedades carnavalescas e intelectuais da corte que queriam o fim das molhadelas tinham grande poder de sedução sobre as províncias, onde seu significado era adaptado às particularidades culturais e políticas das sociedades locais. As escolas de samba Os Venezianos e Esmeralda inauguraram sua presença nas ruas da cidade e tinham como objetivo, tomar o lugar do antiquado jogo do entrudo, pois seu surgimento significaria uma reforma de costumes que colocaria Porto Alegre a altura da Corte, e das demais cidades civilizadas do mundo (LAZZARI, 2001).

³⁸ Porto Alegre é a capital do estado de Rio Grande do Sul, localizada no sul do Brasil.

Passados alguns anos, percebeu-se que as molhadelas não foram abandonadas e seguiam a nova onda das bisnagas. Os esmeraldinos e venezianos não tinham o controle sobre o comportamento dos demais cidadãos que participavam da festa e culpavam o incorrigível “Zé-povinho”³⁹ pelo “atraso cultural” de Porto Alegre, mas esqueciam-se que as caras bisnagas importadas eram o lucro dos maiores comerciantes da cidade, as quais tornaram-se um novo símbolo de status, já que nem todos poderiam comprá-las (LAZZARI, 2001).

Em 1960, as escolas de samba passaram a ser uma mercadoria comercializável, não somente para os turistas, mas também para a televisão. Para serem consumidas facilmente precisavam estar no gosto das classes superiores, foi quando os criadores de tais bens culturais se viram forçados a buscar ajuda de costureiros, cenaristas e coreógrafos brancos. Esses profissionais eram capazes de adaptar o folguedo ao gosto do público mais abastado e dos juízes do desfile, todos oriundos de extratos mais elevados da população, modificando assim, o samba ao gosto dos consumidores, sob o incentivo de um aumento de lucro (VON SIMSON, 2007).

2.5 O CARNAVAL COMO SÍMBOLO DO NACIONALISMO NA ERA VARGAS

Nas décadas de 1920 e 1930, a cultura negra passou a ser reconhecida no espaço público, tornando o samba e o Carnaval, atrações turísticas para os estrangeiros, através de uma conotação racista e caricatural marcada pelo malandro, amigo de uma boa música e de uma boa cachaça, mas domesticado, e pelo exotismo dos corpos negros. Dessa forma, a cultura negra era vista como próxima da natureza, caracterizada pelo primitivismo, onde estaria o fundamento da nacionalidade (SOIHET, 1998). Esses elementos tornam-se símbolo da identidade nacional, apesar de anteriormente o Carnaval exprimir a face elitista do país, e não a sua maioria, o povo (VON SIMSON, 2007).

Os sambistas perceberam o benefício em organizarem-se e em fazer um pacto com o Estado, pois sentiam como positiva a presença pública — não a presença policial — em suas comunidades. Após a aliança, a ditadura Vargas poderia contar com as escolas de samba para a propagação das ideias

³⁹ “O “Zé-povinho” era uma classificação social e um personagem comuns de se encontrar em jornais da época e costuma ser usado para designar a população em geral, de muito pobres a cidadãos medianos [...] (LAZZARI, 2001).

nacionalistas e para fortalecer nos segmentos populares o trabalhismo. É evidente que as condições de negociações foram desiguais, pois, para promover sua integração pacificamente e modificar positivamente o seu grupo, as escolas de samba realizam inúmeras concessões. Essa foi a chave do fortalecimento das escolas de samba e através dos meios de comunicação, Vargas solidificava os valores hegemônicos do trabalhismo (BRAZ, 2013).

Entre os anos de 1900 e 1940, houve uma popularização dos hábitos carnavalescos que penetram na população negra e a camada de imigrantes, porém, não foi o bastante para tornar o Carnaval uma festa homogênea em todo Brasil. A separação de negros e brancos é fato, o que torna inviável pensar a existência de um território mestiço, cadinho de todas as raças ou uma “democracia racial”, onde a crença e as etnias se misturam de maneira harmônica (VON SIMSON, 2007).

Em 1942, após a abertura da av. Presidente Vargas no Rio de Janeiro, ocorre a união dos carnavais, da camada abastada e da camada popular, contando com a apresentação dos blocos e, principalmente, de escolas de samba na av. Rio Branco, o que torna-se a símbolo máximo do Carnaval carioca (SOIHET, 1998). “Enquanto na cidade de São Paulo, nos anos de 1940 e 1950, a prefeitura de São Paulo raramente contribuía para a montagem dos desfiles carnavalescos” (VON SIMSON, 2007).

2.6 “O SAMBA AGONIZA, MAS NÃO MORRE”.

A casa da Tia Ciata⁴⁰ e a Pequena África⁴¹ no Rio de Janeiro, proporcionou desde o século XIX o saber dos cultos afro-brasileiros, das festas e cozinha baianas, que muito se relaciona com a história e afirmação do samba. Estes três aspectos influenciaram nas trocas de saberes e costumes entre os compositores de samba, que beneficiam sua produção cultural. Os eventos que lá ocorriam e congregavam diferentes manifestações tornaram-se conhecidos

⁴⁰A casa da Tia Ciata localizava-se na Praça Onze, no Rio de Janeiro no início do século 20. O quintal de Tia Ciata, era reduto da música, da fé e da resistência. Em sua casa, grandes compositores do Rio Janeiro se juntavam aos moradores da Pequena África para festejarem, cantarem e dançarem samba de roda.

⁴¹Pequena África é nome dado por Heitor dos Prazeres a uma região do Rio de Janeiro compreendida pela zona portuária da cidade: Gamboa e Saúde, onde se encontra a Comunidade Remanescentes de Quilombos da Pedra do Sal, Santo Cristo, e outros locais habitados por escravizados alforriados entre 1850 até 1920. Abrigava além de negros, judeus e imigrantes.

como samba⁴² (BRAZ, 2013). Foi em um desses eventos na casa da Tia Ciata que em 1917, Donga⁴³ em parceria com o jornalista Mauro Almeida gravaram o primeiro samba chamado “Pelo Telefone” (GARDEL, 2019).

No fim do século XIX e nas primeiras décadas do século XX o Rio de Janeiro passa por transformações significativas e é nesse contexto que nasce o samba urbano carioca que se constitui como um produto social das atividades socioculturais de diversificadas camadas de trabalhadores. O autor Braz (2013) constata que:

Se, por um lado, vivenciam as inúmeras mudanças do país e da cidade afastadas de seus centros decisórios, por outro, manifestam através da cultura (e do samba, especialmente) sentimentos de classe contraditórios, que ora mostram resignados, ora revoltos, mas que, de algum modo, exprimem determinadas formas de resistência cultural.

Assim como Marx (1980)⁴⁴ escreve que o trabalho é a diferença fundamental do ser humano em relações às outras espécies da natureza, pode-se dizer que a cultura inclui diversas formas de trabalho e é algo exclusivamente humano, assim como a cultura do samba que constitui uma variação musical, produz a festa, os costumes, o comportamento, a culinária, a gíria, a socialização de conhecimentos e a sociabilidade, onde samba também interage com a cultura visual do cinema e da TV (BRAZ, 2013).

Na década de 1930, através do rádio comercialmente explorado e da nascente indústria fonográfica, o samba originário dos morros cariocas transformou-se numa mercadoria consumida pelas camadas sociais urbanas e amplamente divulgado. O samba passou a ser a típica música brasileira, os compositores de classe média iam até o morro procurar os sambistas e comprar os seus sambas. Posteriormente, esses compositores começaram a compor seus próprios sambas (VON SIMSON, 2007). Quando a classe média descobriu que era seguro frequentar as quadras das escolas de samba, todas lotavam no fim de semana (BRAZ, 2013).

Mesmo sem os meios capazes de ampliar a voz da população dos

⁴² A palavra “samba” está presente em diversos países da América Latina. Sua etimologia está ligada ao vocábulo de raiz multilinguística (quimbundo) semba, que significaria “rejeitar” ou “separar”, remetendo ao movimento físico característico da “umbigada”.

⁴³ Ernesto Joaquim Maria dos Santos, conhecido como Donga, (1890-1974) foi um músico, compositor e violonista brasileiro.

⁴⁴ MARX, Karl. **O capital**, v. I, 1. I, 5ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

subúrbios cariocas, com raras exceções das que não possuem instrumentos para criar uma cultura contra-hegemônica, a comunicação do oprimido está na esfera da comunicação oral, dialogal e interpessoal. Segundo Braz (2013), esta esfera não pode ser inteiramente colonizada pelos detentores dos meios de informação. Esse é o espaço comunitário, onde se propaga o som da fala marginal daqueles que, apesar de tudo, têm boca para falar, para gritar e para cantar. A expressão popular pode ser sufocada, esvaziada, induzida, mas não se podem impedir que o povo converse, troque ideias, conteste e resista nos barracos, botequins, becos e vielas. Apesar da repressão, nada foi capaz de calar a voz malandra e marginal do homem comum. E, quando essa fala é ritmada por um pandeiro e harmonizada por um violão, ganha uma força inusitada.

O samba agoniza, mas não morre, título da música de Nelson Sargento e deste subtítulo, pois no seu surgimento, foi marginalizado e renegado pela elite do país, depois, impuseram-lhe outra cultura, deixou de ser algo familiar e do terreiro para entrar nas escolas de samba, também modificou-se para ser comercializado, agonizou e está vivo até hoje como forma de resistência popular, principalmente do povo negro que continua denunciando a desigualdade e as mazelas da vida através dele.

2.7 O CARNAVAL EM CAXIAS DO SUL

A origem do Carnaval em Caxias do Sul se diferencia da origem do Carnaval nas capitais Rio de Janeiro e São Paulo. No município, o Carnaval teve início dentro dos clubes elitizados e não nas ruas através do entrudo.

O jornal Pioneiro na edição do dia 03 de março de 1984 faz uma retrospectiva do Carnaval na cidade através da matéria intitulada “*Ah! Os antigos carnavais!*”. Segundo o jornal, “no fim do séc. XIX, mesmo não sendo comum, alguns imigrantes festejavam o carnaval. O lampião a querosene indica a primeira iluminação pública da Vila, quando os telhados de madeira marcavam a fisionomia de sua arquitetura”.

Figura 1 – Imigrantes comemorando o Carnaval em Caxias do Sul no fim do século XIX



Fonte: Autoria desconhecida (1984).

Em 1890, a Colônia Caxias é elevada à categoria de distrito⁴⁵, gerando assim durante o final do século XIX e início do XX um desenvolvimento comercial e industrial que resultou num aumento populacional. Entre essa população estão os negros que na década de 1930 iniciaram suas práticas associativas na cidade (ROMANI, 2013).

Na década de 1930, na edição do jornal *O Momento* do dia 04 de abril de 1938, é possível encontrar uma coluna chamada “Mentiras” que procura invisibilizar a população negra da cidade e desdenhar da sua capacidade social utilizando-se da ironia e do preconceito racial. Encontra-se na coluna os seguintes dizeres: “A negrada de Caxias vae arranjar um creme para mudar de côr! Talvez obtenha prestígio”, seguido de, “Vae ser fundada em Caxias uma escôla de samba. Muita gente està interessada”. Em uma coluna intitulada “Mentiras”, é evidente que o autor acredita que o prestígio dos negros talvez viesse se arrumassem um creme para mudar de cor e encontra-se presente também a tentativa de evidenciar que a pequena população negra da cidade não

⁴⁵ Na primeira década do século XX, no dia 1º de junho de 1910 chegava o primeiro trem, ligando a região à capital do Rio Grande do Sul. Nesse mesmo dia, Caxias foi elevada à categoria de cidade. A denominação atual – Caxias do Sul – viria por meio de decreto, no ano de 1944.

teria “força numérica” para fundar uma escola de samba, muito menos que alguém pudesse estar interessado em fazer parte de alguma delas.

Esses exemplos demonstram um dos mecanismos utilizados para “invisibilizar” o negro, ou seja, “não é que o negro não seja visto, mas sim que ele é visto como não existente (LEITE, 1996 apud ROMANI, 2013)”.

Nas primeiras décadas do século XX já haviam sido formados diversos clubes no município, entre eles estão: o Clube Juvenil fundado em 1905, o Recreio da Juventude criado em 1912 e o Recreio Guarany. Esses clubes, assim como os demais clubes brasileiros realizavam bailes carnavalescos para seus associados (CAREGNATO, 2010).

Figura 2 – Cortejo organizado para conduzir a rainha do Carnaval de 1908 até os carros alegóricos



Fonte: Autoria não identificada (1908)

Nota: A fotografia situa-se na Rua Júlio de Castilhos entre as ruas Dr. Montauray e Visconde de Pelotas. A rainha, senhorita Nair Ronca, era filha do proprietário da farmácia Ítalo-brasileira, Hugo Luciano Ronca. O cortejo foi formado pelos sócios do Clube Juvenil. Fundo: Metalúrgica Abramo Eberle S.A.

Retomando a matéria do Pioneiro “*Ah! Os antigos carnavais!*”, pode-se encontrar em sua leitura que “filiado ao Clube Juvenil, todos os anos as Falenas marcavam sua presença com fantasias e composições próprias”, juntamente com seus respectivos namorados.

Figura 3 – Grupo carnavalesco das Falenas



Fonte: Geremia G. (1925).

Nota: As irmãs Saldanha faziam parte deste grupo. Somente em 1915 começa a ter destaque a participação feminina no Clube. O Grupo das Falenas planejava e organizava diversos eventos em estilo ousado para a época. Fundo: Família Saldanha.

No Carnaval do Esporte Clube Juventude, em 1927, a rainha Alda Muratore (Eberle) e outras mulheres que se encontram a sua volta, trazem “na fantasia o exotismo”, pois fazem “presentes costumes de outros povos”. Na matéria também é apresentado a existência de blocos na cidade, os quais “constituem-se geralmente de familiares e dos amigos próximos”. Em relação a fantasia ela é da escolha “do próprio grupo, bem como sua confecção”, além disso, também compunham sua própria música, como é o exemplo do “Bloco dos Ciganos”, “composto pela família Saldanha e amigos, no carnaval de 1918”.

Figura 4 – Bloco carnavalesco do qual faziam parte as irmãs Saldanha



Fonte: Autoria não identificada (1919)

Nota: Ao fundo, família Saldanha

Apesar de já existirem clubes em Caxias do Sul, nenhum desses aceitava a presença de sócios e visitantes que não estivessem dentro dos padrões então estabelecidos, como a população negra, por exemplo, mas sim os descendentes de imigrantes italianos com boas condições financeiras. Essa realidade só se modificaria na década de 30 daquele século, com a fundação do primeiro clube recreativo voltado às mulheres negras caxienses em 23 de junho 1933, o Clube das Margaridas (CAREGNATO, 2010).

Em 1934 o Clube das Margaridas metamorfoseou-se para Sport Club Gaúcho⁴⁶ que era voltado ao futebol e à realização de bailes e outros eventos de lazer em sua sede, supria assim, a ausência de espaços destinados ao lazer, à prática de esportes e a eventos que possibilitassem a participação da população negra (CAREGNATO, 2010).

⁴⁶O Club Gaúcho investiu na educação de seus associados, oferecendo a eles palestras, cursos de alfabetização, aula de corte e cultura, apresentações teatrais, biblioteca, entre outras ferramentas de crescimento intelectual; estabeleceu intercâmbios com organizações da sociedade civil e do poder público local; e selou alianças com outras agremiações negras, dentro e fora do Rio Grande do Sul, além de ter militado no campo dos direitos e da cidadania (ROMANI, 2013, p. 20).

Figura 5 – Baile de coroação da rainha Iracema Nair Vieira



Fonte: Calegari, J. (1930-1940).

Nota: A rainha Iracema Nair Vieira está à direita do popular Jacó, membro da diretoria do clube na década de 30 do século XX.

Elvino dos Santos⁴⁷, produtor cultural menciona que a primeira escola de samba criada em Caxias do Sul foi a Escola de Samba Protegidos da Princesa. O historiador Caregnato (2010) escreve que o Sport Club Gaúcho, originado em 1934, na década de 50 do século XX, criou um departamento exclusivamente voltado ao Carnaval, sendo protagonista na cidade. Gradualmente o futebol foi sendo substituído pelo Carnaval, com a Escola Protegidos da Princesa (ROMANI, 2013).

O jornal A Época em sua edição do dia 26 de fevereiro de 1939 traz o Bloco Carnavalesco “Os Filhos Dele”, pertencente ao G. S. Gaúcho como os únicos a percorrer as ruas de Caxias do Sul naquele ano. Esse bloco visitou a redação do jornal e apresentou-se com “belas fantasias” e constava de “ótima organização”. Além disso, o bloco cantou o samba O Gaúcho e a marcha Corcovado, ambos “de música e letra do próprio conjunto”.

A criação do departamento da Escola de Samba Protegidos da Princesa

⁴⁷ Nascido em Cazuza Ferreira (RS), Elvino dos Santos é produtor cultural e especialista em cultura popular da cidade de Caxias do Sul.

tem suas origens no Carnaval de 1950, onde o Club Gaúcho forma pela primeira vez um cordão para participar do Carnaval de rua caxiense. Segundo a matéria do jornal O Momento do dia 04 de fevereiro de 1950, “Uma Comissão de senhoritas pertencente a essa sociedade, está percorrendo a cidade a fim de angariar fundos para a formação de um cordão carnavalesco”. Esse cordão volta a aparecer nas ruas da cidade na década de 1960, mas já transformado em bloco carnavalesco, é o que mostra a reportagem do jornal Pioneiro em 05 de março de 1960, quando “o bloco da turma do Gaúcho saiu para se divertir e divertir o povo caxiense numa demonstração do entusiasmo dos foliões daquela entidade recreativa” (ROMANI, 2013).

Elvino dos Santos relata uma série de acontecimentos referentes ao Carnaval de Caxias do Sul, entre eles o fato do Carnaval de rua do município ter uma origem popular, diferente do Carnaval dos clubes. O primeiro loteamento de Caxias do Sul foi o Beltrão de Queiroz⁴⁸, e o segundo, o bairro Pioneiro, onde as pessoas tocavam o samba. Nos bairros São Vicente, Jardelino Ramos e Floresta eram onde o samba também acontecia. No bairro Floresta, havia um local destinado para as domingueiras⁴⁹. A partir dessa existência do samba, surgiu a Escola de Samba Conquistadores do Ritmo, o Club Guarany e o Bloco Bola Preta.

Durante a década de 1960, o “famoso bloco carnavalesco” Os Protegidos da Princesa, do Club Gaúcho, desfilou pelas ruas da cidade e foi campeã por nove carnavais seguidos, de 1961 a 1969. Além do prestígio ganhou o prêmio oferecido pelos promotores do Carnaval de rua. De acordo com a matéria do jornal Pioneiro em 02 de março de 1968, a Protegidos da Princesa dividiu o prêmio de NCr\$ 1.000,00, oferecido pela municipalidade, com as outras participantes dos desfiles naquele ano: Os Bola Preta e Os Conquistadores do Ritmo.

No ano de 1972, a reportagem do jornal Pioneiro do dia 05 de fevereiro, estampa “Um Enrêdo: “Chegada da Família Real Portuguesa no Brasil””, onde a

⁴⁸ Thomaz Beltrão de Queiroz (1882-1930) foi um comerciante e político brasileiro. Fugiu da seca em sua terra natal, estabeleceu-se como comerciante em Porto Alegre no início do século XX, mas radicou-se em Caxias do Sul em 1924. Foi membro do Partido Republicano Rio-Grandense e intendente de Caxias do Sul, sucedendo a Celeste Gobbato e tendo Miguel Muratore como vice (MONTEIRO, 2011, p. 99).

⁴⁹ Domingueiras pode ser uma festa ou um evento recreativo que se realiza ao domingo.

campeã é novamente a Protegidos da Princesa. Nos anos de 1970, a escola também conquista os carnavais de 1973, 1974, 1975, 1977 (recebendo NCr\$ 1.200,00) e 1978 (recebendo NCr\$ 30.000,00). Segundo o Jornal de Caxias, na edição do dia 03 de fevereiro de 1979, no ano de 1976, a Escola desfilou como convidada e não concorreu ao título. Já em 1979, “o tradicional Bloco Os Protegidos da Princesa” não saiu às ruas “devido a sede social da Sociedade Esportiva e Recreativa Gaúcha estar em construção”.

No Carnaval de 1969 surge a Escola de Samba *Nós, Os Protegidos*, que é um grupo de dissidência da Protegidos da Princesa e do Bola Preta. Posteriormente, com a criação da Escola de Samba Império Serrano, a Protegidos da Princesa perde membros. Isso confirma as ligações existentes entre estas entidades através de seus membros. É possível que essas dissidências tenham enfraquecido a Escola, que no Carnaval de 1982, teve entre seus componentes vários jovens, sem experiência que ainda não sabiam dirigir uma agremiação (ROMANI, 2013).

Em uma reportagem do jornal Pioneiro, na edição do dia 10 de março de 1973, o diretor do Departamento Municipal de Turismo, diz que o Carnaval de rua caxiense nada tinha de turístico e que sua existência era uma forma de “recreação popular”, que proporciona o “reencontro de uma parte de nossa população com suas origens”, pois a população mais abastada de Caxias do Sul aproveitava o feriado e viajava ou frequentava o Carnaval nos clubes. O Carnaval de rua caxiense era visto como uma expressão de origem negra, não sendo possível aproveitá-lo como evento turístico, já que Caxias é uma cidade de origem italiana. Como o próprio nome da escola de samba indicava a sua ligação à população negra da cidade, pois, quem seriam *Os Protegidos da Princesa*, se não os negros? (ROMANI, 2013).

O Club Gaúcho também realizava bailes de Carnaval e para alguns dos seus associados, o Club ter uma escola de samba poderia reforçar os estereótipos negativos de sua associação, além de que, ao dançar o samba poderia ter sobre eles reforçados os estereótipos a respeito de uma sensualidade exagerada. Mas Os protegidos, de acordo com a matéria do Jornal Pioneiro do dia 27 de fevereiro de 1965, mostravam “aos caxienses ricas fantasias e belos passos de carnaval”. Já no ano seguinte, o Pioneiro na sua edição do dia 26 de fevereiro de 1966, escreve que “suas evoluções, o colorido de suas fantasias, a

riqueza dos bordados e a boa ordem da apresentação levaram o júri a escolher este grupo” como o campeão. Em 1975, segundo Romani (2013) a Festa Nacional da Uva Turismo e Empreendimentos S.A., deu a Escola de Samba Protegidos da Princesa um diploma “por sua destacada atuação quando da realização da última festa”.

Figura 6 – Desfile da Escola de Samba Protegidos da Princesa no Carnaval de 2003 em Caxias do Sul



Fonte: Souza, M. (2003).

Nota: Ao fundo Prefeitura Municipal de Caxias do Sul.

No fim do século XX e início do XXI, novos blocos carnavalescos surgem e ascendem ao grupo de acesso como escolas de samba, entre elas estão a Sociedade Recreativa Cultural e Carnavalesca Incríveis do Ritmo, a Escola de Samba Acadêmicos Filhos de Jardel e também a Associação Cultural Beneficente Unidos da Zona Norte, que vivenciaram e vivenciam uma dinâmica diferente das primeiras escolas de samba de Caxias do Sul, pois quando elas nasceram, o Carnaval de rua já existia na cidade.

3 AS MEMÓRIAS DO CARNAVAL DE RUA EM CAXIAS DO SUL

Nos capítulos anteriores buscou-se contextualizar como o Carnaval estabeleceu-se no mundo desde sua origem na Idade Média, em sua chegada no Brasil e como desenvolveu-se nas duas grandes metrópoles brasileiras, Rio de Janeiro e São Paulo e também em Caxias do Sul, no nordeste do Estado do Rio Grande do Sul.

No capítulo 3, procura-se contar a história do Carnaval de rua em Caxias do Sul através das memórias dos sujeitos que não somente participaram ou ainda participam dessa grande festa nas ruas da cidade, mas que também a organizaram, alguns, através de suas agremiações e outro como destaque carnavalesco.

Na pesquisa, buscou-se, também, localizar espacialmente as ruas em que essa manifestação cultural ocorria e ocorre, assim como investigar os sujeitos que participaram e participam da folia carnavalesca, adentrando em elementos como a classe social da qual faziam e fazem parte, sua etnia e identidade de gênero. Além disso, identificar se houve, durante a trajetória das agremiações, diferença entre trabalhos desempenhados pelas mulheres em comparação com os trabalhos exercidos pelos homens no Carnaval das escolas de samba. Por fim, foi analisado se há um enfraquecimento nas escolas de samba da cidade e caso esse enfraquecimento existir, se ele é causado pelo surgimento de novos Blocos de rua em Caxias do Sul, como por exemplo, o Bloco da Ovelha⁵⁰ e o Bloco da Velha⁵¹, entre outros Blocos existentes no município. Cada uma dessas questões serão abordadas nos subtítulos do capítulo. Assim, analisarei os relatos dos depoentes que atuaram e atuam de diferentes formas no Carnaval de rua de Caxias do Sul, desde o fim do século XX até março de 2020.

3.1 OS DEPOENTES

Durante a realização da pesquisa, seis pessoas foram entrevistadas, sendo elas:

Juçara de Quadros, 63 anos, caxiense, educadora social, integrante da

⁵⁰O Bloco da Ovelha da cidade de Caxias do Sul possui um carnaval autoral com linguagem artística híbrida.

⁵¹O Bloco da Velha está presente no Carnaval de rua de Caxias do Sul desde fevereiro de 2011.

Sociedade Recreativa e Cultural Gaúcho e da Escola de Samba Protegidos da Princesa. Sua relação com o Carnaval vem desde seus quatro anos de idade e conheceu a Protegidos da Princesa através de seus pais. Juçara fez parte da diretoria do Clube e da Escola de Samba, mas hoje, não desempenha nenhuma atividade na agremiação.

Simião José de Vargas, 48 anos, caxiense, cargo em comissão no governo municipal, presidente da Escola de Samba Acadêmicos Filhos de Jardel e do bairro Jardelino Ramos. Simião é um dos fundadores da Escola de Samba e foi compositor de samba-enredo entre os anos 2000 e 2008. Em 2007, deixou a agremiação e foi para a Gaviões do Samba, levando a Escola para o Grupo Especial, mas retornou em 2014 para a Filhos de Jardel.

Alef Sidnei Becher, 26 anos, natural de Flores da Cunha, desempregado e carnavalesco da Escola de Samba Acadêmicos Filhos de Jardel. Iniciou sua trajetória em 2002, desfilando na época na bateria tocando chocalho. Com o passar dos anos, Alef também desfilou como passista mirim e em 2007 ajudou a fazer as fantasias para a Escola que tinha como tema “Noite de Horror”. Em 2014 tornou-se carnavalesco e preparador de candidatas à rainha do Carnaval pela Filhos de Jardel.

Solano Garcez, conhecido popularmente como “Minga”, 36 anos, caxiense, metalúrgico e presidente da Sociedade Recreativa Cultural e Carnavalesca Incríveis do Ritmo. Conheceu a Escola através de seu pai José Carlos Garcez, que soldava e confeccionava a estrutura dos carros alegóricos e por sua mãe Marlene Rodrigues Garcez, que foi costureira, tesoureira e presidente em algumas gestões. Solano participa ativamente da agremiação desde os seus oito anos de idade, onde já foi ritmista, diretor de bateria, mestre de bateria, vice-presidente e atualmente, é presidente da Incríveis do Ritmo.

Valmor Kasenski, conhecido popularmente como “Xuxa”, 48 anos, natural de Nova Prata, motorista do Correios e presidente da Associação Cultural Beneficente Unidos da Zona Norte. O início do seu envolvimento com o Carnaval deu-se na Escola de Samba XV de Novembro. Em 2010, Valmor e mais oito remanescentes da Escola de Samba Império da Zona Norte, criaram a Associação Cultural Beneficente Unidos da Zona Norte, onde atualmente é presidente e seu filho, mestre de bateria.

Valdir José Oliveira dos Santos, 68 anos, brasileiro, trabalhou na

Universidade de Caxias do Sul (UCS) e atualmente é aposentado. Atuou como carnavalesco, foi destaque do Carnaval de Caxias do Sul por 26 anos durante os anos de 1985 a 2012, através da Comitativa do Rei Momo, porém não representava nenhuma agremiação.

As entrevistas foram realizadas após o Carnaval do ano de 2020. É possível perceber que o grupo de depoentes trata-se de indivíduos que possuem idades e profissões distintas entre si, sendo a maioria deles caxienses. Com exceção do Alef Becher e de Simião de Vargas, os sujeitos participam de agremiações diferentes, sendo que Valdir dos Santos não participou de nenhuma durante sua trajetória carnavalesca. Esse fato permite que seja apresentado na pesquisa memórias vivenciadas em agremiações e em períodos muitas vezes opostos.

3.2 DE BLOCOS CARNAVALESCOS ÀS ESCOLAS DE SAMBA

Em Caxias do Sul, segundo o entrevistado Valmor Kasenski, para uma agremiação tornar-se escola de samba, primeiramente deve desfilar como bloco carnavalesco. Depois do desfile, o bloco começa a compor o Grupo de Acesso⁵² no próximo ano. Foi através desse processo que muitas escolas de samba nasceram na cidade, entre elas pode-se destacar: Escola de Samba Protegidos da Princesa, Sociedade Recreativa Cultural e Carnavalesca Incríveis do Ritmo, Escola de Samba Acadêmicos Filhos de Jardel e Associação Cultural Beneficente Unidos da Zona Norte.

Segundo a entrevistada Juçara de Quadros⁵³, em 1933 na cidade de Caxias do Sul, criou-se o Clube das Margaridas por um grupo de mulheres que buscavam um espaço cultural onde seus filhos pudessem estar, já que os outros clubes do município, na época, não aceitavam a participação de pessoas negras em seu interior. No ano de 1934, o Clube das Margaridas transformou-se em Sociedade Esportiva e Recreativa Cultural Gaúcho, este contava com um quadro social formado por diretoria e departamentos. Os departamentos estavam

⁵²Fazem parte do Grupo de Acesso, escolas de samba pequenas que começaram a ganhar verba da prefeitura. Quando uma escola de samba ganha como primeira ou vice colocada dentro do Grupo de Acesso, ela migra para o Grupo Especial, que é composto pelas escolas de samba consideradas “elites” do Carnaval de rua.

⁵³Entrevista concedida por QUADROS, Juçara de. Entrevista V. [abr. 2020]. Entrevistadora: Débora Fabiana Pereira. Caxias do Sul, 2020. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice E desta monografia.

divididos em: esporte, feminino e juventude. Na década de 50, integrou o segmento carnavalesco, criando assim, a Escola de Samba Protegidos da Princesa.

No decorrer do tempo o Clube Margaridas transformou-se em Sociedade Esportiva e Recreativa Cultural Gaúcho, com quadro social: diretoria e departamentos, esporte, feminino, juventude e Escola de Samba. A mesma recebeu o nome de Escola de Samba Protegidos da Princesa Isabel (QUADROS, 2020).

A Sociedade Recreativa Cultural e Carnavalesca Incríveis do Ritmo, segundo Solano Garcez⁵⁴, completou em 2020, cinquenta anos de existência, pois sua fundação deu-se no dia 10 de fevereiro de 1970 por um grupo de amigos, tendo como principais organizadores, Adão Araújo e Chico Fumaça. A Escola ficou desativada por alguns anos e em 1993, José Carlos Garcez e Marlene Rodrigues Garcez a reativaram.

A Incríveis do Ritmo tem 50 anos, foi criada no dia 10 de fevereiro de 1970 por um grupo de amigos, onde foi registrada por Adão Araújo e Chico Fumaça. As cores da Escola são: amarelo, azul e branco. O nosso símbolo é uma águia. A Escola ficou desativada por alguns anos e em 1993 meus pais a reativaram (GARCEZ, 2020).

A Escola de Samba Acadêmicos Filhos de Jardel, de acordo com Simião Vargas⁵⁵, originou-se em 1999 e iniciou sua trajetória como bloco carnavalesco, tendo como fundadores Simião José de Vargas, Jaime Cirilo dos Santos e Antônio Moacir Borges Martins, mas oficialmente, segundo Alef Becher⁵⁶, a criação da agremiação foi no ano de 2001.

A história da Escola, na verdade..., os fundadores, eu, meu irmão Adilson, Jaime e o Moacir, até foi uma brincadeira dentro de um ônibus do time que jogávamos ali no Jardelino Ramos, a gente fazia um pagode dentro do ônibus e um dia perguntaram o porquê não fazer uma escola de samba, foi até o falecido Dão da XV de Novembro que deu essa ideia para nós. E como fazer? Nós não tínhamos um começo, não tínhamos

⁵⁴ Entrevista concedida por de GARCEZ, Solano. Entrevista III. [abril. 2020]. Entrevistadora: Débora Fabiana Pereira Caxias do Sul, 2020. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice C desta monografia.

⁵⁵ Entrevista concedida por VARGAS, Simião José. Entrevista I. [mar. 2020]. Entrevistadores: Débora Fabiana Pereira e Jeann Vorpapel Portalete. Caxias do Sul, 2020. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A desta monografia.

⁵⁶ Entrevista concedida por BECHER, Alef Sidney. Entrevista I. [mar. 2020]. Entrevistadores: Débora Fabiana Pereira e Jeann Vorpapel Portalete. Caxias do Sul, 2020. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A desta monografia.

um instrumento, não tínhamos nada, até nos emprestou uns instrumentos e começamos uma brincadeira como bloco. O primeiro ano subimos para o acesso como bloco (VARGAS, 2020).

Oficialmente, no estandarte da Escola, na bandeira [...], a Filhos de Jardel teve fundação em primeiro de fevereiro de 2001, pelo estandarte, mas já vinha como bloco há dois anos (BECHER, 2020).

Nesse mesmo ano, desfilaram com as camisas do time de futebol da comunidade, o Esporte Clube Jardelino Ramos, de onde surgiram as cores que a representam, o vermelho, preto e branco, tendo também como símbolo a imagem de uma fênix.

Em 1999 quando começamos como bloco, desfilamos com camisas do time de futebol que tinha aqui, o Jardelino Ramos, dali saiu o vermelho, preto e branco. Jardel é por causa do Jardelino Ramos, que é o patrono do nosso bairro. A fênix veio da ideia do meu irmão, que pensou num símbolo, num mascote que renasce da cinza e na verdade, a gente renasceu várias vezes (VARGAS, 2020).

No Carnaval de 2001, a Filhos de Jardel deixou de ser bloco carnavalesco e participou como escola de samba no Carnaval. O samba-enredo daquele ano foi composto por Simião José de Vargas, integrante da agremiação, onde homenageava as escolas de samba da cidade. Em 2002, com o tema “Maravilhas do Mundo Antigo”, foi campeã, ingressando assim para o Primeiro Grupo (AHMJSA, 2018).

Entre os anos de 2010 e 2011, segundo carnavalesco da Escola, a Filhos de Jardel desfilou com o tema *Monteiro Lobato*, porém, não obtiveram pontuação, pois, o samba-enredo foi um plágio. Em 2012 e 2013, a Escola não desfilou, retornando somente no ano de 2014. Em 2015, a agremiação foi conduzida pelo carnavalesco Alef Becher e apresentou o tema “Com transparência Jardel vem mostrar que o vidro é forte do pó ao brilho, sua imagem é o seu lugar”, e foi campeã do Grupo de Acesso.

Segundo Valmor Kasenski⁵⁷, a Escola de Samba Unidos da Zona Norte foi fundada em 2010, a partir de remanescentes da Escola de Samba Império da Zona Norte. Em seu primeiro ano iniciou como bloco carnavalesco e em 2014 foi campeã pelo Grupo de Acesso:

⁵⁷Entrevista concedida por Kasenski, Valmor. Entrevista II. [mar. 2020]. Entrevistadores: Débora Fabiana Pereira e Jeann Vorpapel Portalete. Caxias do Sul, 2020. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta monografia.

Era 2014, fomos campeões do acesso. A história da nossa Escola é bem assim, a gente saiu um ano como bloco, fomos campeões, no outro ano, saímos no acesso, esse foi o ano em que fomos campeões. Subimos três anos e aí parou o Carnaval (KASENSKI, 2020).

Acrescenta também, que a agremiação tem uma coirmã na cidade de Arroio do Sal⁵⁸, chamada Unidos do Arroio do Sal, a qual, sempre ajudam uma a outra.

A da praia é bem mais antiga que a nossa [...]. O envolvimento com a Unidos do Arroio do Sal, vem desde a época que ali na Zona Norte, onde o Seu Valdir tinha a Império da Zona Norte. [...] ajudamos o pessoal por vários anos a desfilarem em Porto Alegre, no Porto Seco, a gente ia e eles vinham. O Carnaval é uma grande família, sozinhos, em uma comunidade como a nossa, não vamos conseguir fazer o Carnaval, tem que ter pessoas envolvidas de outras agremiações, que nem ali, a gente vai na praia, vai lá em Porto Alegre, eles vêm aqui, então a gente se ajuda (KASENSKI, 2020).

O símbolo da agremiação de Kasenski (2020) são duas mãos que apertam uma a outra:

O nosso símbolo é uma ideia muito dez, foi a ideia de um negrão e de um loirinho, eu e Seu Valdir, a gente fotografou nossas mãos e mandamos para os artistas, por isso é Unidos, unimos duas ideias diferentes para não deixar o Carnaval parar na realidade, ali da Zona Norte [...] (KASENSKI, 2020).

O presidente cita que os bairros de Caxias do Sul que possuem mais envolvimento com a Escola de Samba Unidos da Zona Norte são: Belo Horizonte, Vila Ipê, Santa Fé, Kenyon, Portal da Maestra e o Fátima.

Os bairros que tem mais envolvimento (são os que) não tem Escola. No bairro Pioneiro, tem parentes que estão envolvidos, então eles vêm com nós ali. A gente não procura tirar as pessoas das comunidades onde tem as Escolas, que nem ali tem a Incríveis, então, fica chato o cara ir ali e convidar, [...], mas isso é o que o Carnaval tem de bom, a grande maioria não fica usurpando os componentes de dentro do teu bairro, estão livres para escolher, vão aonde quiserem, não tem problema, [...], mas não é aquela coisa que a gente procura direcionar os outros locais (KASENSKI, 2020).

⁵⁸Arroio do Sal é um município brasileiro do estado do Rio Grande do Sul, localizado junto ao Oceano Atlântico, fazendo parte do litoral norte do estado.

3.3 OS BASTIDORES DO CARNAVAL

A festa carnavalesca é pensada e preparada ao longo do ano, para que no mês de fevereiro esteja tudo pronto e ensaiado para que ocorra o desfile na avenida da cidade. O público que participa como espectador dos desfiles, muitas vezes não está envolvido nos bastidores, logo, não tem o conhecimento de como as escolas de samba organizam-se para apresentar os quesitos exigidos pelo Estatuto da Liga Carnavalesca de Caxias do Sul⁵⁹ e que posteriormente, serão julgados e receberão uma nota, conforme seu desenvolvimento.

Nesse subtítulo, apresenta-se uma série de elementos constitutivos do Carnaval de rua das escolas de samba da cidade, sendo eles: o samba-enredo, a bateria, as alas carnavalescas, a corte carnavalesca, os figurinos e carros alegóricos. Assim como o perfil dos participantes da folia carnavalesca caxiense.

3.3.1 A bateria

Nas primeiras reuniões do ano entre a diretoria e a organização da Sociedade Recreativa Cultural e Carnavalesca Incríveis do Ritmo, de acordo com o presidente da Escola, é feito um cronograma e decidem como se dará início aos ensaios. Posteriormente, entra-se em contato com a harmonia e mestre de bateria, para que os contratos sejam realizados. Constituindo assim, uma bateria formada de ritmistas, harmonia e mestre de bateria:

Feito o cronograma, damos início. Para ser feito ensaio tem muitas pessoas trabalhando nos bastidores, muitas vezes é complicado, mas depois de todo o sacrifício parar e ver a apresentação da bateria em uma festa dentro do barracão da Escola com toda a comunidade feliz, cantando o samba e festejando não tem preço (GARCEZ, 2020).

Simião de Vargas conta que na Escola de Samba Filhos de Jardel, compõem a bateria os moradores da comunidade, não precisando contratar profissionais de fora, o que segundo ele “são poucas escolas que têm isso”.

Durante a trajetória das agremiações abordadas nessa pesquisa, os depoentes afirmam que não há diferença entre os trabalhos desempenhados pelas mulheres em comparação com os trabalhos exercidos pelos homens no

⁵⁹O Estatuto da Liga Carnavalesca de Caxias do Sul foi criado em 2005, com o objetivo de colocar o Carnaval do município no modelo geral brasileiro, pois a cidade tinha suas próprias regras para fazer a festa carnavalesca. O regulamento é fixo e descreve o que cada escola de samba é obrigada a apresentar no desfile, assim como a pontuação de cada quesito.

Carnaval das escolas de samba, assumindo elas, qualquer função em sua agremiação.

Na Incríveis do Ritmo, encontram-se mulheres na diretoria, bateria e harmonia. Segundo Solano Garcez, cada pessoa na Escola assume o cargo conforme sua aptidão. Encontra-se também na Filhos de Jardel, de acordo com Simião e Alef, mulheres que participam da diretoria, da bateria e que fazem trabalho voluntário para a agremiação, além de possuírem uma intérprete “Temos uma mulher, a Evelyn, nos últimos anos ela é cantora gospel e canta junto com nós. Temos mulheres que saem na bateria” (VARGAS, 2020). Na Escola de Samba Unidos da Zona Norte, de acordo com o seu presidente Valmor Kasenski, também não há distinção:

Na realidade, nós ali, essa discriminação sinceramente não tem, tem as meninas que tocam, que puxam, que cantam, tem homens que costuram, não tem discriminação nenhuma, a distinção é força de vontade de trabalhar, tendo isso, já está conseguindo ficar dentro da Escola trabalhando, não tem uma discriminação no sentido de um fazer uma coisa e do outro não fazer nada, é bem tranquilo nesse sentido, graças a Deus (KASENSKI, 2020).

Valmor acrescenta que o Carnaval é um lugar em que as pessoas conseguem expressar melhor suas ideias, deixando transparecer o que pensam, portanto deve haver liberdade também na ocupação de cargos e na escolha da Escola abordar o tema que quiser:

[...] esse ano no Rio de Janeiro, o pessoal falou muitas verdades e muita gente não consegue falar, então, nesse sentido, é bem legal do envolvimento com o Carnaval, a gente consegue expressar essas ideias, que normalmente no dia a dia não a gente não pode.. poder pode, mas corre-se o risco de um monte de vaias, digamos assim (KASENSKI, 2020).

3.3.2 O samba-enredo

Antigamente, os sambas-enredo da Escola de Samba Incríveis do Ritmo, eram escolhidos em um festival realizado na quadra da agremiação:

Antigamente, os sambas enredo da Escola eram escolhidos em um festival na quadra da Escola, onde os integrantes escreviam seus sambas e os colocavam para a disputa em um concurso onde o melhor era escolhido por jurados (GARCEZ, 2020).

Na Escola de Samba Protegidos da Princesa, não ocorria o festival, mas o

samba-enredo deveria estar de acordo com a temática proposta, mas também era avaliado por jurados.

O depoente Valmor, lembra-se que era realizado em 2005, o festival de samba-enredo da cidade nos Pavilhões da Festa da Uva, que contava com diversas escolas de samba de Caxias do Sul, onde apresentavam o samba, somente com a harmonia⁶⁰ e a bateria⁶¹:

Naquela época, tínhamos o festival de samba-enredo, era a coisa mais linda do mundo, era em outubro, faz uns quinze anos. Era feito nos Pavilhões da Festa da Uva, fazíamos o palco e a Escola se apresentava, mas só com a harmonia e a bateria. Imagina todos nós ali, um contra os outros. [...] a tua escola com as cores bonitas nas camisetas e cada escola tinha uma cor. Queria que tu visses que coisa mais linda e os abobados conseguiram tirar isso daí. Era o que mais envolvia gente, porque esse do samba-enredo, era gente das comunidades, [...] era neguinho lá do Belo (Belo Horizonte), da Vila (Vila Ipê), estavam todos eles ali, a briga era feia, mas no bom sentido. No samba-enredo, não tinha problema tu ser bloco ou do segundo grupo do acesso, era tudo junto, [...] quem fazia o trabalho bem, [...] era o melhor e pronto. Era bem legal isso aí, me dá uma saudade danada, mas, quem manda diz que não pode, então... (KASENSKI, 2020)

Na Escola de Samba Filhos de Jardel, o presidente da agremiação compôs o samba-enredo até 2007, porém, não estava no nível daqueles criados no Rio de Janeiro e São Paulo. A partir de 2008, começaram a buscar os sambas-enredo cariocas para apresentarem na avenida:

No primeiro ano a gente trouxe um rapaz da XV de Novembro e a XV de Novembro nos apadrinhou e fez o samba. Dali para frente, em 2000, comecei eu a fazer o samba... até 2008 (2007). Acho que os sambas daqui são bons, mas não a nível um samba-enredo do Rio de Janeiro, então [...] o samba pronto a gente busca pronto no Rio, mas na avenida quem interpreta eles são os nossos intérpretes (VARGAS, 2020).

Não temos aquela opção como o Rio de Janeiro que fazem concursos de sambas enredo, porque lá rola cachê e a gente tem que estar com alguma coisa pronta, não podemos ficar: a gente não gostou. Dá para dar uma modificada no samba, mas geralmente é um samba só (BECHER, 2020).

Segundo Valmor, a Escola de Samba Unidos da Zona Norte, quando

⁶⁰ Na harmonia os jurados avaliam o canto dos componentes e como ele se entrosa com o ritmo da bateria, juntamente a entonação do intérprete da agremiação.

⁶¹ A bateria dita o ritmo do desfile, empolgando os componentes da escola e o público com sua performance. Para avaliar seu desempenho, os jurados consideram a consistência entre os ritmistas e a capacidade de trabalhar em sintonia uns com os outros. Conforme o manual dos julgadores, são observadas também a criatividade e versatilidade da ala. Caso se algum instrumento desafinar ou sair do compasso, a escola pode perder pontos.

chega o fim do Carnaval, já busca ideias de temas para desenvolverem nos próximos dois anos seguintes. A escolha do tema enredo é realizado mediante conversa e se necessário, votação. O samba-enredo é encomendado para Tom Astral, compositor de Porto Alegre, pois está incluso na contratação, a gravação com a harmonia. Posteriormente, só resta ser ensaiado pela bateria da agremiação:

[...] o nosso compositor era o Tom Astral, lá de Porto Alegre, tem vários, aqui em Caxias tem duas pessoas que são capacitadas, mas elas são já de escolas, então tu ir lá, fica uma coisa meio chata, então, já vem pronto de fora com a harmonia junto, faz, grava e a harmonia está junto. Ele já sabe como fazer, sabe onde estão os tons e as notas da música, pois, foi ele quem fez, onde vai parar de cantar, o que vai fazer, aí é só ensaiar (KASENSKI, 2020).

3.3.3 O bailar do mestre-sala e da porta-bandeira

O casal de mestre-sala e porta-bandeira, são quesitos avaliados durante o desfile. Na avaliação não é julgado o quanto de samba no pé possuem, mas sim o seu bailado, representando segundo Alef Becher (2020), “uma flor e um beija-flor”. “O mestre-sala tem que cuidar do pavilhão e da porta-bandeira. Ela reverencia o pavilhão, que é a bandeira da Escola [...] é tudo a base de ensaio”.

Segundo Kasenski (2020), normalmente cada escola de samba da cidade apresenta em torno de três casais que são escolhidos de acordo com sua hierarquia dentro da agremiação, como por exemplo, o casal número um, são os que mais se envolvem com a Escola. O presidente também conta que na Unidos da Zona Norte, o casal é trazido de fora do município “para gabaritar o 10, [...] é escolhido para ter garantia, nem sempre é garantido, cansamos de ver um cara ou uma menina tropeçar e se espatifar na apresentação, fazer o que... é da vida, aí não ganha os 10 pontos, pronto”.

Juçara de Quadros, conta que a escolha da porta-bandeira na Escola de Samba Protegidos da Princesa, ocorre por indicação. Já na Escola de Samba Incríveis do Ritmo, Solano (2020) destaca que o casal na maioria das vezes é da comunidade.

De acordo com o entrevistado Alef Becher, na Filhos de Jardel o casal de mestre-sala e porta-bandeira é contratado de outras cidades.

[...] o pessoal aqui em Caxias ainda é muito reservado, eles não querem esse compromisso, então as Escolas se obrigam a buscar de fora para fazer isso, então tu tens que optar pelo melhor e o Jardel sempre tenta optar pelos melhores quesitos (BECHER, 2020).

3.3.4 A escolha da corte carnavalesca

Os depoentes alegam que para a formação da corte carnavalesca exige-se a presença de uma rainha, princesas e do Rei Momo, juntamente com sua comitiva.

Alef Becher, carnavalesco da Filhos de Jardel, é encarregado de preparar a rainha da sua agremiação. O depoente conta que escolhe uma moça para concorrer pela Escola, e a partir desse momento, caso ela aceite, há uma preparação que consta em samba no pé, postura, dicção e estudo sobre o Carnaval de forma geral, para que a rainha tenha conhecimento e consiga responder as perguntas que serão realizadas pelos jurados da corte carnavalesca, para que torne-se também, rainha do Carnaval de Caxias do Sul. O mesmo processo ocorre para a escolha das princesas que formarão a corte do Carnaval:

[...] a gente conversa com uma menina, decide qual menina vai concorrer pela agremiação e a partir desse momento a gente tem uma pré-preparação para ela, no caso, samba no pé, entrevista, postura, dicção, tudo isso eu começo a trabalhar três meses antes do concurso, para a menina chegar lá e saber o que tem que fazer. Não explico para ela somente da agremiação, explico do Carnaval, porque a candidata tem que chegar lá no dia do desfile, do concurso... [...] tem que representar o Carnaval. Então todas as candidatas que peguei, eu sempre friso, vocês vão representar o Carnaval de Caxias, não é só uma escola, são todas! [...] a entrevista no dia conta bastante, porque se a menina não sabe do Carnaval, automaticamente a nota dela vai ser baixa (BECHER, 2020).

A escolha da rainha na Escola Protegidos da Princesa e na Escola Incríveis do Ritmo, segundo Juçara Quadros, é realizada através de concurso dentro da instituição, assim como era realizado na Filhos de Jardel de acordo com Simião:

Uma vez a gente pecava muito quando a gente fazia o concurso dentro da nossa entidade, concurso de rainha, às vezes o jurado ia lá, não tinha como pegar gente qualificada, então no momento que a gente começou a escolher assim... o Alef escolher a dedo, que ele é mestre nisso, começamos a colocar candidatas na corte (VARGAS, 2020).

Valmor Kasenski, presidente da Escola Unidos da Zona Norte, conta que escolhem ter apenas uma rainha, pois ter mais de uma, eleva o custo no orçamento da agremiação:

[...] está no estatuto que tem que indicar no mínimo uma menina para ser candidata, pode por mais, de três a cinco, mas é um custo que ninguém vai querer botar. Aí a gente faz o evento, normalmente dentro de um clube ou numa quadra de Escola de samba, faz o evento de escolha que nem na Festa da Uva, tem os quesitos, tem os jurados e a que mais se assemelha no que estão pedindo, é escolhida a rainha e suas princesas (KASENSKI, 2020).

A participação das crianças na Escola de Samba Filhos de Jardel, deu-se através de um concurso realizado em 2004 da corte mirim. Vargas (2020) conta: “Em 2004 tivemos a nossa primeira rainha, a Sabrina pelo Jardel e [...] naquele tempo tínhamos o concurso de corte mirim”.

De acordo com Valdir dos Santos, o Rei Momo da cidade nas folias de Carnaval, também participa do Concurso Popular através de uma indicação realizada pelas escolas de samba e seu reinado tem duração de um ano ou mais, dependendo do interesse do participante em continuar nos próximos anos ou não.

O depoente Valdir dos Santos⁶², relembra que juntamente com Clary Mello, foi Destaque do Carnaval de Caxias do Sul durante 26 anos, e que compondo a Comitiva do Rei Momo participou de inúmeras folias carnavalescas.

Nossa Comitiva recepcionava as escolas de samba no decorrer dos desfiles de rua e depois visitava todos os bailes de clubes, associações, times de futebol, salões, boates e bailões que tivessem bailes de Carnaval nessas noites. Chegamos a ir a 18 bailes em uma única noite. Era uma passagem rápida, quando a animação crescia, saíamos em direção a outro local onde tivesse Carnaval. As diretorias desses locais recepcionavam com festas e alegria, tínhamos prazer em visitar todo e qualquer baile, sem distinção nenhuma (SANTOS, 2020).

3.3.5 A confecção dos figurinos

De acordo com os presidentes das agremiações, a Escola de Samba Incríveis do Ritmo e a Escola de Samba Filhos de Jardel, escolhem primeiramente o samba-enredo que será desenvolvido na avenida e os figurinos ficam por conta do carnavalesco:

Primeiro é escolhido o tema enredo. Depois o carnavalesco estuda e faz os croquis, que são os desenhos das fantasias de cada ala⁶³ que vem contando a história proposta no samba enredo. Então, são levados os

⁶²Entrevista concedida por SANTOS, Valdir. Entrevista IV. [abr. 2020]. Entrevistadora: Débora Fabiana Pereira. Caxias do Sul, 2020. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice D desta monografia.

⁶³As alas carnavalescas de um desfile são elementos obrigatórios, assim como a bateria e o samba-enredo, pois sobre eles ocorrerá pontuação. Não há um número máximo de alas por desfile, mas o mínimo no regulamento do Carnaval de Caxias do Sul, de acordo com Solano Garcez, são nove alas.

croquis para as costureiras e lá são feitos os manequins com as fantasias de cada ala da Escola. É apresentado ao carnavalesco e a diretoria, se estiver tudo certo, se dá início a confecção no número de fantasia de cada ala (GARCEZ, 2020).

Diferentemente da Incríveis do Ritmo, a Filhos de Jardel não possui barracão. Segundo Alef Becher, ele e as costureiras fazem as fantasias em suas casas, depois de terminado, levam os figurinos para serem guardados na casa do presidente da agremiação, lá são experimentados pelos integrantes das alas carnavalescas e verificado se tudo ficou nos tamanhos corretos:

Vai tudo uma pesquisa para montar, a parte de baixo da fantasia, as camisetas e calças. Definimos a cor de cada ala e mandamos para a costureira, a gente quer regatas, quer mangas compridas, a costureira vai lá e monta, a Escola paga a fantasia, o costeiro e a cabeça. Muitas fantasias eu fiz lá em casa, depois terminava e de lá, “Simião está pronta essa ala, vou levar para a tua casa”, trazia e deixava na casa do Simião guardadas no quarto (BECHER, 2020).

A esposa de Valmor Kasenski, presidente da Unidos da Zona Norte, faz em sua casa alguns figurinos, outros compram prontos, pois a Escola não tem barracão. Quando realizam o Carnaval, fazem parceria com escolas de samba que já apresentaram temas semelhantes, pois assim, facilita no momento de encontrar as fantasias para utilizarem no desfile:

Aqui em casa, minha esposa fazia aqui os figurinos, mas tem coisas que a gente já traz pronto. Quando fazemos o Carnaval, fazemos em parceria, nós aqui, a gente faz o tema enredo semelhante com quem vamos fazer a parceria, que nem lá de Porto Alegre, eles vêm e já trazem o figurino (KASENSKI, 2020).

3.3.6 Os carros alegóricos

Existe a obrigatoriedade para as escolas de samba apresentarem carros alegóricos nos desfiles. Na Escola de Samba Protegidos da Princesa, segundo Juçara Quadros, os carros alegóricos são feitos pelo carnavalesco e sua equipe. A Escola de Samba Incríveis do Ritmo possui três carros alegóricos que na época do Carnaval são montados e decorados dentro do barracão da Escola, conta o presidente.

Na Escola de Samba Filhos de Jardel, vinha somente o chassi do carro alegórico e era feita a montagem durante cinco dias. O carnavalesco Alef Becher e Simião de Vargas recordam:

Nós chegamos nele e dizíamos, vamos fazer um esboço na hora, colocar na frente o nome da Escola e vamos fazer dois, três queijinhos em forma de diamantes, coisas assim, vamos colocar um arco, uma plumagem no queijinho central. No último dia, como a Escola desfilava [...] da sexta-feira para o sábado, [...] a gente cansou de ir para a avenida sem dormir, trabalhando ali e os rapazes na solda e a gente na decoração e calor e trabalhando, [...] só vinha para casa, tomava banho, voltava para a avenida, para poder ir com a Escola. E muitas vezes com chuva, a gente já fez carros alegóricos (BECHER, 2020).

Vargas (2020) relata “A gente fazia o bruto, a ferragem dele tudo e mais ou menos um dia antes ali, moldava o resto e rezava para não chover”. Segundo os depoentes da Filhos de Jardel, a agremiação não possui barracão, portando seus carros ficam em uma área verde do bairro Jardelino Ramos. Já os três carros alegóricos da Escola de Samba Unidos da Zona Norte, de acordo com Valmor Kasenski, também são montados pelo carnavalesco e findado o Carnaval, a agremiação os guarda em uma chácara:

A gente tem uma chácara que a gente deixa. Agora não quero nem olhar como é que está, depois de tantos anos parados, imagina quando for mexer, é que nem tu deixar qualquer coisa parada, enferruja tudo, furam pneus.. os pneus já é certo que vai precisar de novos, mas a gente sabe como é que é, se usássemos todos os dias, [...] que nem o carro, deixa quinze dias parado, começou a bateria, se vai, só a estrutura está lá (KASENSKI, 2020).

3.4 OS FOLIÕES

Segundo os depoentes, a maioria dos sujeitos que participaram e participam da festa carnavalesca fazem parte das comunidades de Caxias do Sul, sendo esses, indivíduos pertencentes às agremiações que desfilam na avenida nos dias de Carnaval. Garcez (2020) cita que:

Participava (participa) do Carnaval de Caxias todas as pessoas de comunidades que sempre estiveram presentes para apoiar suas escolas, defender seus sambas, para fazer parte da história do Carnaval.

Há também foliões pertencentes a diferentes classes sociais, desde desempregados a empresários de acordo com o presidente da Unidos da Zona Norte, Valmor Kasenski. O depoente Solano destaca que:

Vale lembrar que o Carnaval muitas vezes é visto como festa de gente de favela, bandido, negro, pobre e por aí vai, mas tem muita gente branca e rica que gosta de botar o pé na favela... e isso não é notícia nova (GARCEZ, 2020).

Becher (2020) e Vargas (2020) salientam que as pessoas mais abastadas assistiam e assistem o Carnaval dos camarotes reservados para as autoridades, mas que no final da festa estavam dançando. Quando a entrevistadora pergunta sobre a classe social do público que assistia, Vargas (2020) conta que havia várias classes diferentes, Becher (2020) concorda: “Claro que quem... vamos ser bem francos, criticavam, assistiam e ainda pegavam camarote, a parte reservada ali para as autoridades”. Vargas (2020) ainda cita que: “Chegava no finzinho estavam sambando os da classe alta”, enquanto Becher (2020) crítica “Aquele pessoal... “Ah, o Carnaval, por que ter Carnaval?”, mas no dia do desfile estavam lá na partezinha reservada. Acontece”.

A pesquisa constatou através das memórias dos entrevistados que apesar do povo caxiense ser conservador, é receptivo ao Carnaval de rua, pois quem gosta, apoia a festa, indiferente da quantidade de dias em que ocorrer ou se for competitivo ou não. Becher (2020) conta que mesmo com a receptividade, há bastante discriminação na cidade à festa carnavalesca:

Na atualidade, o que eu posso falar, quem gosta do Carnaval, apoia o Carnaval, indiferente se for um dia, se for competitivo, a gente pode ver esse ano o desfile, apesar de ter tido poucas pessoas, foi um Carnaval abraçado. O pessoal gostava de ir ver o Carnaval, mas a gente ainda recebe bastante discriminação na cidade sim, a gente vê pelos meios de reportagem, é só tu ir lá e ver uma publicação referente ao Carnaval no mês passado, vai ter tal coisa, os comentários já vem: E para a saúde? E o dinheiro não sei do quê? (BECHER, 2020).

Simião Vargas complementa dizendo que o povo acha que o dinheiro não gasto na cultura, é investido em outra pasta, como a da Saúde, quando na realidade, volta para Brasília e é distribuído para outra cidade que irá fazer o uso da verba:

[...] na prefeitura discuti com uma menina, ela foi grosseira comigo, eu disse assim, “tu achas, que digamos, eles destinam quatro milhões para a cultura aqui em Caxias, e que a gente gaste um milhão e quinhentos reais entre Carnaval e tudo, tu achas que os dois milhões e quinhentos reais vão para a saúde? Não! Ele vai voltar para lá, para o Distrito Federal e vai ser investido na cultura de outra cidade! Outra coisa, quando a gente tinha o Carnaval aqui, a saúde estava de um jeito e o hoje sem o Carnaval ela está pior” (VARGAS, 2020).

Outra problemática inserida pelos integrantes da Filhos de Jardel, é que as pessoas que discriminam e não prestigiam o Carnaval que ocorre na cidade, vão para o Rio de Janeiro participar da festa carnavalesca, de acordo com Simião Vargas, “o Carnaval tem muita discriminação, tem gente que sai daqui para ir no

Rio de Janeiro assistir o Carnaval”. (VARGAS, 2020). Alef Becher, corrobora com a ideia e acrescenta: “mas não vai no Carnaval daqui da Sinimbu, não vai prestigiar um Carnaval de comunidade”.

É possível perceber que no Carnaval de rua realizado pelas escolas de samba, existem pessoas de distintas etnias e segmentos sociais, assim como possuem uma identidade de gênero⁶⁴ diferentes entre si.

Durante a entrevista com Garcez (2020) e Becher (2020), ambos recordam-se da participação de mulheres trans⁶⁵, travestis⁶⁶ e *drag queens*⁶⁷ no Carnaval. O depoente Garcez (2020) fala da pessoa em que se tornou através do seu aprendizado dentro do barracão e complementa:

Muito do que me tornei como pessoa hoje, aprendi dentro de um barracão, [...] respeitando escolhas sexuais, porque era uma coisa estranha quando pequeno ver um travesti vestido de mulher, coisa que hoje em dia é muito comum, mas mesmo naquela época, eram muito respeitados dentro das escolas de samba (GARCEZ, 2020).

Vargas (2020) também lembra-se que Becher foi porta-estandarte pela Filhos de Jardel em 2015:

Simião: Tivemos uma surpresa na avenida, porque o regulamento diz que tu tens que colocar um porta-estandarte, mas não te diz quem pode ser o porta-estandarte, como baiana, tu pode se vestir de baiana e o Ale..
 Alef: Eu fui a porta-estandarte de 2015.
 Débora: E não podia?
 Simião: Só eu sabia e algumas pessoas, ninguém notou na avenida!

Durante o desfile, as outras agremiações não perceberam que o carnavalesco estava desfilando, porém, quando descobriram pediram o

⁶⁴A identidade de gênero evidencia que existem pessoas cisgênero e transgênero. Os cisgêneros, são sujeitos que se identificam com o sexo biológico com o qual nasceram e são nomeados como mulher cisgênero e homens cisgênero. Os transgêneros, são aqueles e aquelas que não se reconhecem com a identidade que lhes foi imposta ao nascimento, sendo denominados como: homens trans, mulheres trans, não-binário ou agênero. Ser trans, não é uma identidade de gênero, pois, identidade de gênero é ser homem, ser mulher ou não-binário. A diferença entre o sexo biológico e a identidade de gênero, faz com que a pessoa seja cisgênero ou não.

⁶⁵Mulher trans é a pessoa do gênero feminino, mas que foi biologicamente designada como pertencente ao gênero masculino ao nascer. No Brasil, podem ou não se identificar com o termo travesti, como forma política de ressignificar uma identidade de gênero feminina que é lida pela sociedade como marginalizada.

⁶⁶Travesti é uma construção de identidade de gênero feminina e latinoamericana. A travesti foi designada homem ao nascer, mas se reconhece numa identidade feminina. O termo foi por muito tempo utilizado de forma pejorativa, mas tem sido ressignificado pelo movimento LGBT, como forma de reconhecer a importância da mobilização das travestis na luta por direitos igualitários no Brasil.

⁶⁷*Drag queen* é uma expressão de gênero artística e temporária. O artista que se veste, de maneira estereotipada, conforme o gênero masculino (*drag king*) ou feminino (*drag queen*), para fins artísticos ou de entretenimento. A sua personagem não tem relação com sua identidade de gênero ou orientação sexual.

rebaixamento da Escola, mas não foi concedido, pois o regulamento não proíbe homens de se fantasiar e desfilar como porta-estandarte:

Alef: A diretoria sabia, pelo fato de que o porta-estandarte contava em quesito de evolução e o dinheiro já estava escasso, estava vindo o mestre-sala e porta-bandeira de Porto Alegre e cheguei até o Simião e a diretoria e disse: Olha, se vocês aceitarem eu posso ser a estandarte, mas vai ficar só entre a gente. Depois do desfile o pessoal foi descobrindo, tranquilo, o pessoal aceitou na hora. A diretoria aceitou, participei e fui a porta-estandarte de 2015 e no outro dia da apuração todo mundo já sabia.

Simião: Aí queriam rebaixar nós! Mande lerem o regulamento, porque não diz quem pode ser e quem não pode.

Becher (2020) ressalta que hoje em dia, homossexuais desfilam seja no quesito que for, pois na cidade Tapes, há um rapaz que é a porta-estandarte da agremiação em que participa.

[...] mas tem bastante, hoje em dia tem homossexuais que fazem. Conheço de fora de outras cidades que tem, em Tapes tem um rapaz que é a porta-estandarte da agremiação que ele participa (BECHER, 2020).

3.5 A INFRAESTRUTURA DAS ESCOLAS DE SAMBA DE CAXIAS DO SUL

De acordo com Juçara de Quadros, a Escola de Samba Protegidos da Princesa ensaia para os Carnavais na Sociedade O Gaúcho, de novembro a fevereiro, a partir das vinte horas da noite. Já o ensaio da Escola de Samba Incríveis do Ritmo, segundo Solano Garcez ocorria de outubro a fevereiro e eram realizados na quadra de ensaio do barracão.

Nossa Escola ensaiava em nossa quadra de ensaio, onde possuímos um barracão para confecção e ensaios. Nos períodos de outubro até fevereiro eram feitos ensaios no barracão da Escola, hoje, não se é feito mais nada no barracão [...], porque estamos com o barracão interditado, por questões jurídicas, mas que já estão sendo resolvidas e também porque acabou o Carnaval de rua de Caxias do Sul.

Os ensaios da Escola de Samba Filhos de Jardel, iniciavam no mês de dezembro, depois era feita uma pausa para as festas de final de ano e retornavam na primeira semana de janeiro. Ensaivavam todos os dias a partir das sete horas da noite, quando não chovia.

Débora: Era sempre durante a noite?

Alef: Que é o horário que o pessoal tem. O pessoal vem do trabalho e como [...] tem amor pela Escola, gostam da Escola.. [...] lutam junto com a gente. Então, o pessoal sempre estava muito presente, se tivesse frio, se tivesse serração, tinha ensaio, só não tinha ensaio se chovesse.

Os ensaios ocorriam a céu aberto nas ruas do bairro Jardelino Ramos,

devido à falta de uma quadra de ensaio.

Alef: Logo no início [...] o pessoal ensaiava caminhando. Depois, [...] os outros mestres de bateria começaram a fazer nas frentes das casas, pelo fato de que, ensaiava junto a harmonia, então muitos anos foi aqui na área do Simião, colocavam as caixas de som..

Simião: A bateria ficava lá embaixo..

Alef: E os meninos intérpretes em cima e ensaiavam na frente assim.

A falta de uma quadra para ensaiar, também dificulta na hora de guardar as fantasias, da Escola de Samba Filhos de Jardel, segundo o carnavalesco da agremiação:

Desfilamos em 2016 e depois acabou não tendo onde guardar as fantasias e algumas pessoas também vêm desfilarem na Escola e acabam não devolvendo. Ainda se o pessoal coloca na cabeça que é sempre bom devolver para a Escola poder avaliar o que é que dá para ocupar, o que vamos jogar fora, [...] então muita pouca coisa voltava para nós e essa pouca coisa que voltava para guardar, não tinha lugar para guardar e quando tinha lugar, tinha que pagar, então era sempre mais complicado (BECHER, 2020).

A Escola de Samba Unidos da Zona Norte também não tem barracão. De acordo com Valmor Kasenski, seus ensaios já ocorreram nos bairros, Bom Pastor e Monte Carmelo, onde iam para conseguir pessoas para capacitá-las e desfilarem com a agremiação e na quadra da escola Tancredo Neves no bairro Belo Horizonte:

Teve anos que ensaiamos dentro da quadra de esporte do colégio, mas isso vai muito do diretor e da diretora, se gosta do Carnaval, se não gosta. Ficamos vários anos ali, [...] era uma paz tremenda, tinha toda a estrutura e dava para fazer as fantasias lá. Tínhamos o projeto que a gurizada no lado oposto das aulas, podiam ir lá trabalhar em cima, era um trabalho bem legal, só que infelizmente, nem todo mundo pensa assim, aí dificulta, mas fazer o quê? Vamos trabalhando [...].

3.6 O INVESTIMENTO PÚBLICO NO CARNAVAL DE RUA DE CAXIAS DO SUL

“O Carnaval aqui de Caxias teve o seu auge...”, relembra Quadros (2020) quando questionada sobre o porquê da Protegidos da Princesa ter deixado de ser escola de samba e ter-se tornado bloco carnavalesco em 1997. Conta que na segunda gestão do ex-prefeito Mário Vanin (PDS)⁶⁸ entre 1993 a 1996, tentou-se terminar com o Carnaval de rua:

ele (prefeito) colocava um caminhão de som na Sinimbu (rua) e os bêbados ficavam ao redor daquele caminhão e as escolas de samba não desfilaram durante essa gestão. Ele acabou com o Carnaval de rua (QUADROS, 2020).

⁶⁸ Partido Democrático Social (PDS).

A depoente Juçara de Quadros, conta que no ano de 1996, Pepe Vargas (PT)⁶⁹ ganhou as eleições e tornou-se prefeito da cidade e em sua primeira gestão colocou o Carnaval na rua novamente, porém, as escolas de samba não tinham estruturas para voltar e tornaram-se blocos carnavalescos:

Durante muitos anos a Protegidos foi Escola de Samba, e se tornou bloco na primeira gestão do Pepe Vargas, acho que em 1996. No governo do Sartori (PMDB)⁷⁰, em 2004 voltou a ser Escola de Samba novamente (QUADROS, 2020).

Constatou-se na pesquisa que a maior dificuldade encontrada pelas escolas de samba de Caxias do Sul é de ordem financeira.

O depoente Garcez (2020) destaca que uma das adversidades para realizar o Carnaval está ligada ao despreparo dos presidentes em aprender a gerenciar melhor a escola de samba que dirigem:

Os presidentes precisam se atualizar, fazer cursos para saberem como gerenciar uma escola de samba, procurar conhecimento e ideias novas, não ficar preso no passado esperando por verba da prefeitura para se fazer desfile, tem que trabalhar em cima de projetos de captação, mas para isso tem que querer, ir atrás, fazer a diferença e não ficar esperando tudo no colo.

Quadros (2020) também afirma que as agremiações dependem muito do poder público e deveriam buscar sua autonomia financeira.

De acordo com Solano Garcez e Simião de Vargas, o poder público deve ser responsável por colocar uma estrutura na avenida, constando ela de arquibancada e iluminação, além de oferecer segurança aos foliões durante o Carnaval e limpeza das ruas após o fim da festa:

Sou contra os cachês, mas sou a favor de colocar uma estrutura na avenida, uma iluminação boa, uma segurança boa, uma arquibancada para tu, tua família ir assistir e teus filhos, isso o município tem obrigação (VARGAS, 2020).

O pensamento dos integrantes da Filhos de Jardel vai de encontro com a entrevista cedida por Cláudio Junior Ribeiro Spigolon⁷¹ ao jornal Pioneiro, em 09 de fevereiro de 2018:

⁶⁹ O Partido dos Trabalhadores (PT) é um partido político brasileiro fundado em 10 de fevereiro de 1980 e apresenta ideais calcados na social-democracia.

⁷⁰ O Movimento Democrático Brasileiro (MDB), anteriormente Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), é um partido político brasileiro de centro fundado em 15 de janeiro de 1980.

⁷¹ Cláudio Junior Ribeiro Spigolon é presidente da Escola de Samba Mancha Verde.

Sem arquibancada, som e luz não se tem o mínimo de condições para realizar o espetáculo. A gente tem consciência de que na atual gestão da prefeitura de Caxias, o Carnaval não terá apoio. É óbvio que não vamos fechar a escola e muito menos desistir do Carnaval, apenas estamos desmotivados e sem recursos próprios para, neste momento, realizar um desfile de qualidade. A Mancha tem feito algumas atividades no pavilhão, permanecemos ativos dentro da torcida do Juventude, que é a nossa casa, e seguimos fazendo o nosso trabalho. Mas a situação atual não nos favorece e, infelizmente, nos silencia por mais um ano (SPIGOLON, 2018).

Os entrevistados trazem na memória que antigamente foi-se utilizada a rua Plácido de Castro para a realização de desfiles carnavalescos, mas hoje, preferem que ele continue sendo na rua Sinimbu, no Centro da cidade, por esta ser mais conhecida e movimentada.

Desde que eu me conheço por gente o Carnaval era na Sinimbu. A Sinimbu deixou de ser ocupada em 2015 e 2016, optaram pela Plácido de Castro, porque não tinha tanta afiação de luz. Esse ano (2020) que retornou o Carnaval, voltou o desfile na Sinimbu (BECHER, 2020).

Além disso, os entrevistados acreditam que a prefeitura deve realizar oficinas de aperfeiçoamento em gestão e especificamente em como criar projetos para captação de recursos através das leis de incentivo.

Na entrevista realizada com Garcez (2020), o depoente recorda de uma oficina gratuita oferecida pela Secretaria da Cultura para a diretoria das escolas de samba, porém, muitos presidentes e responsáveis pelas escolas não demonstraram interesse em participar:

A oficina foi gratuita e oferecida pela Secretaria da Cultura, que se dispuseram em fazer nas comunidades e a grande maioria sequer demonstrou interesse. Minha diretora fez e estamos sempre correndo atrás de ideias e meios para se fazer um Carnaval dentro deste molde, de captar verba através de projetos sociais e culturais. Já se teve muito investimento no Carnaval de Caxias, mas hoje em dia, não há mais nada perto do que já se teve (GARCEZ, 2020).

Os integrantes da Escola de Samba Filhos de Jardel contam que tentam reverter o prejuízo financeiro realizando rifas, almoços, através da colaboração dos integrantes e procurando empresas que os financie, porém a busca por patrocínio não é fácil:

[...] o Carnaval não é tão visto aqui em Caxias, o pessoal [...] se preocupa muito com a Festa da Uva, [...] e vão deixando o Carnaval de lado. Você chega na empresa e diz que está com um ofício representando tal agremiação, não tem nem horário para ti. Agora, no meu ponto de vista, se fosse para a Festa da Uva, que é uma festa em nível nacional, o negócio já muda, então, a dificuldade é bem grande para as Escolas de samba (BECHER, 2020).

Vargas (2020), também integrante da Filhos de Jardel, é contra o município ceder a verba para as escolas de samba. Ele sugere que se a prefeitura quer ajudar as agremiações, deve fazer um cartão de compra em nome da escola:

Se a escola quiser seu Carnaval bonito, vai correr atrás de projetos e vai fazer eventos ou se o município quiser ajudar com dinheiro, dá um cartão de compra. [...] porque tem presidentes que [...] sabem trabalhar com dinheiro, só que tem presidentes que não sabem, tem presidentes que não investem na escola de samba, mas investem na vida pessoal deles.

As opiniões entre os entrevistados sobre o investimento do município divergem. O carnavalesco Becher (2020) acredita que “por existir a Secretaria de Cultura e por ter uma verba destinada para a cultura, pode ter sim um valor dado para cada agremiação”.

[...] a Filhos de Jardel já precisou muito do cachê da prefeitura, pelo fato de a gente não ter barracão, teve momentos que a gente iria fazer o almoço, mas para fazer o almoço tinha que alugar o espaço [...] (BECHER, 2020).

Em contraste, Simião de Vargas acredita que os ideais de Becher (2020) é “voto vencido”: “A ideia é boa, mas é voto vencido, porque a maioria das Escolas tem seu barracão, eles não vão querer que botem verba só para quem não tem [...]” (VARGAS, 2020).

Kasenski (2020) também percebe a dificuldade de angariar verba e acrescenta que a imprensa de Caxias do Sul é tendenciosa quando afirma que a prefeitura direcionou e destinou dinheiro para o Carnaval, fazendo com que muitas pessoas se revoltem contra a festa carnavalesca, pois, “não é assim, é só tu viver o dia a dia, é mentira, não é direciona, isso já se tem um projeto de captação de recursos”. O presidente recorda-se que:

O Carnaval só andou bem mesmo, [...] quando o presidente da Liga era o Édio Elói Frizzo⁷², [...] não morro de amores, mas também, não odiei o cara. Ele tem essa liberdade grande de fazer, que nem agora, o cara chegou ali e meteu a mão no Carnaval e está indo de novo. [...] se tu tens um cara que comanda ali na prefeitura, na Secretaria, que gosta do Carnaval, a coisa acontece, se pega um potchecão daquele Guerra, pronto, nunca vai dar Carnaval, é bem assim, não tem porque falar que não é. Além de tudo, o Carnaval é político, quer queira, quer não queira (KASENSKI, 2020).

⁷²Edio Elói Frizzo, integrante do Partido Socialista Brasileiro (PSB), atualmente é vice-prefeito da cidade de Caxias do Sul.

Na gestão do ex-prefeito Daniel Guerra⁷³ (Republicanos)⁷⁴, segundo o jornal Pioneiro do dia 17 de janeiro de 2017, o desfile de rua do Carnaval de Caxias do Sul foi cancelado, pois a prefeitura não disponibilizou recursos para as agremiações e as escolas de samba não aceitaram desfilar na rua Plácido de Castro. A prefeitura diz que não há verba para cachês, instalação de arquibancadas, sonorização, Plano de Prevenção e Combate a Incêndios (PPCI) e banheiros químicos (PIONEIRO, 2017).

Na mesma matéria, Cassiano Fontana⁷⁵ (2018) afirma que “o Carnaval perde representação ano a ano na cidade” e recorda-se que o município já teve vinte e seis escolas de samba participantes e em comparação, no ano 2018, restaram apenas dez agremiações. Eloi Frizzo, vereador na época, “argumentou que a falta de repasse é sinônimo de “preconceito”.

Em outra reportagem do Pioneiro do dia 09 de fevereiro de 2018, Aparecida Batista, integrante da Escola de Samba Protegidos da Princesa e Adenir Carvalho, presidente da Escola de Samba XV de Novembro, demonstraram a insatisfação em relação a gestão do ex-prefeito Daniel Guerra (Republicanos):

No decorrer de 2017 tivemos algumas reuniões e nos foi prometido apoio da prefeitura. Infelizmente, nada foi concretizado, mas não desistimos. O que nos mantém firmes nessa ideia é de que o prefeito tenha percebido que o Carnaval é importante para a cultura. Desde que assumiu a prefeitura, ele (Daniel Guerra) afirmou que não iria disponibilizar recursos para o Carnaval porque outras áreas mereciam mais atenção (CARVALHO, 2018).

Do prefeito, a gente tem consciência de que pouco ou nada virá. Ele falou que iria tirar verba da cultura para investir em saúde e segurança, mas o que se percebe é um caos nesses setores. Não sabemos, então, para onde essa verba foi. Por isso, vamos lutar pela nossa cultura [...] (RODRIGUES, 2018).

De acordo com a matéria do dia 11 de janeiro de 2020, realizada pelo jornal Pioneiro, durante os três últimos anos da gestão de Daniel Guerra, “as escolas não receberam verba da prefeitura e o desfile não ocorreu”. Já no ano de 2020, após uma eleição indireta, convocada após o impeachment do ex-prefeito

⁷³Daniel Antônio Guerra é um político brasileiro. Filiado ao Republicanos, foi prefeito de Caxias do Sul de 2017 até 2019, quando sofreu um impeachment.

⁷⁴Republicanos é um partido político brasileiro criado em 2003. Sua ideologia está relacionada ao conservadorismo social e liberal, a democracia cristã e ao nacionalismo brasileiro.

⁷⁵ Cassiano Fontana é o presidente do Conselho de Entidades Carnavalescas de Caxias do Sul

Daniel Guerra, Flávio Cassina (PTB) assume a prefeitura de Caxias do Sul⁷⁶. Segundo a reportagem do CAXIAS RS⁷⁷ do dia 01 de março de 2020, o poder público fez uma parceria com as escolas de samba e promoveu o Carnaval de rua na cidade:

O cortejo será realizado na Rua Sinimbu, com início na altura da Rua Alfredo Chaves e prosseguirá até a Rua Dr. Montauray. A Prefeitura fornecerá as estruturas para montagem de palco e fechamento de rua. Além disso, haverá a equipe da Guarda Municipal e da Brigada Militar, Codeca, Samae e ambulância. No dia do desfile, a Fiscalização de Trânsito fará o fechamento da Rua Sinimbu, entre as Ruas Alfredo Chaves e Dr. Montauray, a partir das 17h (CAXIAS RS, 2020).

O jornal Pioneiro em sua edição do dia 01 de março de 2020, informa que o Carnaval de rua desse ano “não teve jurados, nem concurso para escolher a melhor escola”, mas, “mesmo de forma tímida, [...] cerca de 3 mil pessoas estiveram reunidas na rua mais movimentada da cidade, em frente à Praça Dante Alighieri, a mais popular da cidade”. A reportagem também contou com a fala de Paulo Périco, ex-secretário de Cultura de Caxias do Sul:

O Carnaval em Caxias é de retomada. De uma forma muito simples, este ano convidamos as escolas a participar da forma que elas puderam. Este ano, damos início a uma festa, neste momento pequena, mas realizada com muito amor no coração (PÉRICO, 2020).

3.7 AS ESCOLAS DE SAMBA E OS BLOCOS CARNAVALESCOS

As opiniões entre os entrevistados divergem ao pensar se as escolas de samba de Caxias do Sul enfraqueceram nesses últimos anos ou não. De acordo com os depoentes, caso o Carnaval das escolas de samba ter sido enfraquecido, foi através da falta de investimentos públicos e não devido a ascensão dos blocos carnavalescos, como por exemplo, o Bloco da Ovelha, o Bloco da Velha, o Bloco do Luizinho, entre outros blocos existentes no município.

Garcez (2020), não culpa os blocos pelo enfraquecimento do Carnaval de rua das escolas de samba:

O Carnaval de rua perdeu força por si mesmo. Ninguém quis olhar o que estava acontecendo no Carnaval do Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre, onde foram cortados todos os incentivos por parte do poder público, mas eles acharam saídas para continuar [...]. Muitos presidentes se prenderam na ajuda de custo que a prefeitura fazia as escolas e

⁷⁶Portal G1 RS. Disponível em: <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2020/01/09/flavio-cassina-e-eleito-prefeito-de-caxias-do-sul-em-eleicao-indireta-na-camara-de-vereadores.ghtml>. Acesso em: 30 jun. 2020.

⁷⁷ Caxias RS é o site de notícias da prefeitura de Caxias do Sul.

muitos até hoje, criticam os blocos, mas não sabem como eles tem dinheiro para organizar seus eventos (GARCEZ, 2020).

Na reportagem do dia 09 de fevereiro de 2018, o jornal Pioneiro escreve que em Caxias do Sul, os blocos carnavalescos “cresceram com a adesão de um público mais elitizado, que se esbalda numa festa que lembra o Carnaval baiano”. Na matéria, também se faz presente na fala do antropólogo Caetano Sordi (2018), que aponta os prós e contras da ascensão dos blocos de rua na cidade:

Um risco é que o negócio (os blocos de rua) se "gourmetize" muito, excluindo o público que não seja mais de classe média. Que se acentuem as distinções sociais entre estratos da população a partir de mecanismos de exclusão mesmo, tipo bloco VIP ou coisas assim, ou a lógica dos abadás em Salvador, que hoje são caríssimos.

A colocação do jornal, também vai de encontro com o pensamento de Juçara de Quadros, pois, para a depoente, os blocos de rua surgiram para a elite branca da cidade, portanto, não influencia o enfraquecimento do Carnaval realizado pelas escolas de samba. “Não vejo enfraquecimento, os blocos surgem mais para a elite branca, mas não é fluência para o Carnaval das escolas de samba” (QUADROS, 2020).

Vargas (2020) concorda que o enfraquecimento não é causado pelos blocos, porém, acredita que o povo que participa de ambos Carnavais, é o mesmo. O presidente destaca que o maior público carnavalesco atualmente participa do Carnaval dos blocos e não do Carnaval das escolas de samba e acrescenta: “Eu não sou preconceituoso, mas tu pega hoje os gringos, eles são os primeiros a discriminar o negro que está ali de biquíni, mas eles estão enfiados no Bloco da Ovelha, porque o negocinho deles é o dedinho, é a marchinha” (VARGAS, 2020).

Valmor Kasenski afirma que o público que gosta do Carnaval das escolas de samba, também gosta de pular o Carnaval nos blocos e não há competição de público, pois, os dias em que se apresentam se diferem um do outro.

De acordo com a matéria do Pioneiro do dia 09 de fevereiro de 2018, revela que o Bloco da Velha reuniu quarenta mil pessoas em 2017 e “neste ano, 100 mil devem ocupar as ruas durante a festa [...]”, mas, “no entanto, nem tudo é glitter e serpentina na folia caxiense”, pois as escolas de samba “enfrentam o segundo Carnaval consecutivo sem conseguir realizar os desfiles”, sendo que nos anos anteriores o seu ápice chegou a marcar entre 25 e 30 mil pessoas, porém,

em 2018, as agremiações da cidade decidiram realizar festas internas.

Kasenski (2020) afirma que as escolas de samba e os blocos carnavalescos são instituições que se diferem entre si:

[...] eles trabalham só dois dias. O bloco tem alguém que vai atrás de fazer as coisas, [...] tem dez pessoas que são da linha de frente, aí cada um faz uma coisinha. Só que não tem ensaio, eles não se envolvem o ano inteiro, então, a facilidade é bem maior que nós das escolas. Caxias do Sul não tem isso, não tem como a gente conseguir e ficar o ano todo trabalhando com pessoas capacitadas para irem atrás de recursos. Temos que dar parabéns para os blocos, porque eles se organizaram melhor no Carnaval, dadas essas circunstâncias do evento (KASENSKI, 2020).

3.8 A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE E DOS LAÇOS DE SOLIDARIEDADE

Há uma construção de identidade criada a partir do relacionamento entre os agremiados com as escolas de samba, e, também através da convivência, nascem também laços de solidariedade entre os carnavalescos.

Juçara de Quadros (2020), integrante da Escola de Samba Protegidos da Princesa se identifica como carnavalesca e sente-se pertencente a uma grande família. Quando a entrevistadora pergunta o que mudaria em sua vida dela caso o carnaval não existisse, a entrevistada responde: “Muita coisa, pois nasci num berço de samba e o Carnaval é minha raiz ” (QUADROS, 2020).

A identidade de Garcez (2020) pela Escola de Samba Incríveis do Ritmo se dá desde sua infância, devido ao envolvimento de sua família com a agremiação, portanto cresceu se envolvendo com o Carnaval. Conta que na Escola tornou-se a pessoa que é hoje, pois nela conheceu pessoas e aprendeu a respeitar as mais variadas formas de viver. Ressalta ainda que “a Escola de Samba [...] foi e será sempre uma escola para a vida e na formação de caráter de muitos”. No que tange a rede a rede de amizades, Garcez (2020) conta que:

Entre algumas escolas se tem um bom relacionamento de amizade, se solidarizam com as necessidades das coirmãs, se ajudando com material que sobra para algumas e falta para outras, empréstimo de instrumentos e a amizade entre os ritmistas no geral também são boas (GARZEZ, 2020).

Essa solidariedade é destacada quando a Escola de Samba XV de Novembro apadrinhou a Escola de Samba Filhos de Jardel desde o seu início, pois foi Adão Borges, conhecido como Tio Dão, presidente da XV de Novembro que sugeriu a criação da agremiação, emprestando os instrumentos para os ensaios, assim como o primeiro samba-enredo da Filhos de Jardel foi composto

por Paulinho Galo, integrante da XV de Novembro, conta Simião Vargas.

Valmor Kasenski, recorda-se também que a Escola de Samba Arsenal, começou com os instrumentos que foram emprestados pela Escola de Samba Unidos da Zona Norte:

[...] a Acadêmicos do Arsenal, é a escola mais nova que tem em Caxias. [...] ela começou com a mão de obra, pessoas e instrumentos da Unidos da Zona Norte. Aquela história que te falei que a gente começou como bloco, a Acadêmicos do Arsenal também começou como bloco dentro da nossa ajuda, a gente colocou a bateria, toda a estrutura, a gente que apoiou eles.

Alef Becher, assim como Juçara de Quadros, sente-se pertencente a uma grande família, até mesmo em momentos de conflitos dentro da agremiação.

É a gente bem família, quando decidimos fazer o Carnaval, claro, como toda família, dá uma briga, tem reuniões assim que saltam faíscas, principalmente do Simião. Tem dias que.. acredito que principalmente na finaleira é o que mais rola briga, estresse à flor da pele (BECHER, 2020).

Becher (2020), conta também que se identifica muito com a Filhos de Jardel, apesar de ter nascido em outra cidade e de já ter participados de outras agremiações como carnavalesco: “Para mim o Carnaval é tudo! Se tivesse trezentos e sessenta e cinco dias Carnaval, trezentos e sessenta e cinco dias para mim seria Carnaval” (BECHER, 2020).

“A criança quando nasce, [...] vai crescendo e terá algo que ela vai gostar mais”, ressalta Vargas (2020), e assim, foi quando o presidente da Filhos de Jardel começou a conhecer, a gostar e se dedicar ao Carnaval:

[...] no momento que a gente começou a conhecer, claro que a gente não sabe tudo, estamos sempre num aprendizado, mas o Carnaval, báh, é o coração. Hoje nas comunidades cada um tem a sua Escola preferida (VARGAS, 2020).

Valdir Kasenski, conta que as amizades que o Carnaval deu para ele “não tem dinheiro e nem tempo que pague” e acrescenta que não é porque não ocorrem os desfiles durante o ano que não estão juntos, pois se encontram em jantares e jogos de futebol:

Se não existisse Carnaval eu não conheceria esse povo, [...] não teria essas amizades, porque a maioria das amizades vieram desse conhecimento, dessa liberdade, uma coisa casou com a outra, se não tivesse o envolvimento com o Carnaval, não teria a Escola, também não teria essas histórias para contar, com certeza, nem sei o que iria ser. Eu já estava casado com minha esposa, mas meus filhos não iriam ter aprendido a tocar, a se apresentar, nem sei o que iria ser da minha vida (KASENSKI, 2020).

É possível perceber por meio dos relatos a grande importância, tanto do Carnaval quando das agremiações para as vidas dos depoentes. Nesse meio, muitos cresceram, construíram amizades e hoje fazem parte de uma grande família.

A depoente Quadros (2020) afirma que “todas as pessoas que estão na frente das agremiações são importantes para o Carnaval”, porém os entrevistados citaram alguns nomes que marcaram e fizeram parte da história do Carnaval de rua de Caxias do Sul. Entre esses nomes encontram-se pessoas já falecidas e que segundo os entrevistados, não mediam esforços para por seu Carnaval na rua. Adão Borges⁷⁸ e Marlene Garcez⁷⁹, foram os nomes mais destacados:

[...] o nosso eterno, já falecido, o Tio Dão, se não fosse ele, não teria Carnaval em Caxias [emocionada, choro]... Desculpa, ele que trouxe o Carnaval, [...] fez o Carnaval. Deixava de fazer as coisas dentro de casa para fazer o Carnaval, então, esse é o nome mais forte que eu tive dentro do Carnaval, se tu perguntar, noventa e nove por cento vão te dizer isso aí (KASENSKI, 2020).

Eu tive duas pessoas [...] que me marcaram muito no Carnaval, [...] em primeiro lugar foi o Dão da XV de Novembro e a Marlene da Incríveis do Ritmo, são falecidos, porque na verdade, foram os que começaram com isso aí tudo, que impulsionaram o Carnaval de Caxias. O Dão é o pai maior, sempre foram pessoas corretas, que trabalharam pelo Carnaval (VARGAS, 2020).

Outros sujeitos também foram lembradas pelos depoentes, entre eles encontram-se indivíduos que segundo Alef Becher pertenciam ao “Carnaval do passado [...] e pessoas que deram continuidade”, que são: Mestre Zizinho (Ziza), Domingos Ribeiro (Dominguinhos), José Carlos Garcez⁸⁰, Cassiano⁸¹, Tio Cafu, Tia Negrinha, Dona Suzana⁸², Valdir dos Santos⁸³, Tia Marta⁸⁴, Ubirajara⁸⁵, Édio Elói Frizzo, Seu Salésio, Ricardo (carnavalesco), Seu Paulo Borges⁸⁶, Daniela⁸⁷,

⁷⁸ Adão Borges, conhecido como Tio Dão, foi presidente da Escola de Samba XV de Novembro.

⁷⁹ Marlene Garcez foi presidente da Escola de Samba Incríveis do Ritmo.

⁸⁰ José Carlos Garcez foi um dos fundadores da Escola de Samba Incríveis do Ritmo.

⁸¹ Cassiano, conhecido como Amarelinho foi o presidente da Liga das Escolas de Samba de Caxias do Sul.

⁸² Dona Suzana foi presidente da Escola de Samba Jardelino Ramos.

⁸³ Valdir Vieira da Silva, conhecido como Valdir Negão, foi presidente da Escola de Samba Império da Zona Norte e atualmente é presidente do bairro Belo Horizonte.

⁸⁴ Tia Marta, integrante da escola de samba do bairro Esplanada que leva seu nome, Unidos da Tia Marta.

⁸⁵ Ubirajara, conhecido como Tio Bira, integrante da Escola de Samba Protegidos da Princesa.

⁸⁶ Paulo Borges, integrante da Escola de Samba Protegidos da Princesa.

⁸⁷ Daniela, integrante da Escola de Samba Protegidos da Princesa.

Cláudio Luiz Nascimento (intérprete), Joana⁸⁸, Teresa⁸⁹, Jovi⁹⁰, Dienifer⁹¹ e Adriana Carvalho (Secretaria da Cultura).

A pesquisa não é um fim em si mesma, portanto, existem pessoas que fizeram muito pelo Carnaval de Caxias do Sul, porém não puderam, por ora, ser mencionadas.

⁸⁸ Joana, integrante da Escola de Samba Pérola Negra.

⁸⁹ Teresa, integrante da Escola de Samba Imperatriz do Vale.

⁹⁰ Jovi foi presidente da Escola de Samba Protegidos da Princesa.

⁹¹ Dienifer, conhecida como Maninha, integrante da Escola de Samba Filhos de Jardel.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta monografia, procurou-se compreender a origem do Carnaval das escolas de samba em Caxias do Sul, assim como dar voz às memórias das pessoas que organizaram e mantiveram o Carnaval vivo na cidade, no período compreendido entre 1999 e 2020.

Na pesquisa, também buscou-se responder os objetivos específicos através das memórias dos depoentes, como: identificar os espaços em que o Carnaval ocorria e ocorre, investigar quem são as pessoas que participam e participaram da folia, identificar se mulheres e homens executam trabalhos diferentes um do outro dentro das agremiações e por fim, compreender se há um enfraquecimento nas escolas de samba, e caso existisse esse enfraquecimento, se foi motivado pelo aparecimentos dos blocos carnavalescos na cidade.

Inicialmente, quando foram levantadas essas problemáticas, criei hipóteses de como se dava o trabalho das mulheres na escola de samba e pensava que o advento dos blocos carnavalescos enfraquecia as agremiações, mas através das vozes daqueles que vivem o Carnaval cotidianamente, percebi como as hipóteses que levantei eram insustentáveis devido minha falta de conhecimento.

Primeiramente, foi possível constatar através dos entrevistados, que as mulheres possuem liberdade para executarem o mesmo trabalho que os homens nas escolas de samba, porém, também é sabido que a sociedade é estruturalmente machista e ações desde cunho, perpassam a vivência de todos e de todas, em qualquer espaço. Pode-se perceber também, que de todos os entrevistados, apenas uma é mulher e ela não ocupa um cargo de diretoria na agremiação em que faz parte, salvo a participação de algumas mulheres que foram mencionadas pelos entrevistados, concebidas como mulheres “guerreiras”.

Apesar dos depoentes terem afirmado que não há distinção entre as funções executadas em suas escolas de samba, é de se perguntar o porquê de não ter encontrado-se nenhuma referência de mulheres que atualmente são presidentes dessas associações para que fosse possível entrevistá-las. De nenhuma maneira pretende-se dizer que faltou verdade ou sinceridade por parte dos entrevistados, pois, a rede de contatos criada também é falha, assim como a memória de quem indicou novos indivíduos para serem ouvidos. Quanto a essas

indagações, são apenas para que se possa problematizar as memórias, provocar reflexões, realizar apontamentos e, por que não, criar um problema de pesquisa. A forma em que as mulheres se inserem no meio do Carnaval, sendo elas dirigentes, costureiras, intérpretes, rainhas, princesas, entre tantos outros lugares sociais que podem ocupar na sociedade e nesse caso nas agremiações, sem dúvida fica aberto para novas pesquisas.

Outro elemento contrastante é configuração organizacional das escolas de samba, frente aos blocos carnavalescos, pois estes, não precisam estar o ano todo envolvido com o Carnaval, como as escolas de samba, que precisam por exemplo, com adiantamento realizarem contratos com músicos, sambistas e demais integrantes que irão compor os desfiles. Através dos relatos, percebe-se o discurso de que os blocos foram criados por uma “elite branca” da cidade, diferentemente daqueles que iniciaram as escolas de samba, pois esses fundadores e mantenedores, são pertencentes às comunidades de Caxias do Sul.

As memórias dos depoentes trazem o fato de ao longo dos anos as escolas de samba terem sido acometidas por um enfraquecimento, isso é demonstrado na dificuldade tanto em trazer pessoas para desfilar, quanto para ter acesso ao conhecimento de como criar projetos de captação, para que consigam receber as verbas da Secretaria da Cultura e apoio da prefeitura através da organização do evento nos dias de Carnaval, seja ele realizado na rua Plácido de Castro ou na rua Sinimbu.

É sabido que o Carnaval originou-se na Idade Média, chegou no Brasil através dos colonizadores lusitanos e que no país, as ruas sempre foram utilizadas pelas camadas populares para brincar o entrudo e fazerem os folguedos populares, como os zé-pereiras, os cordões e os ranchos (VON SIMSON, 2007, p. 22 - 23). A camada mais rica, no início também participava do entrudo, mas com o passar do tempo, deixou de lado a brincadeira, pois ela não estava indo de encontro a ideia de um país “civilizado” e acabaram importando uma maneira de comemorar o Carnaval no estilo europeu através do Carnaval de Veneza. A camada abastada da sociedade realizava inúmeros bailes em seus clubes, deixando assim o espaço da rua para os populares.

Em Caxias do Sul, de acordo com as fontes levantadas, a população não viveu o entrudo, mas a elite caxiense, realizou muitos bailes no Recreio da Juventude, no Clube Juvenil e no Recreio Guarany, porém, a população negra da

cidade não era aceita nesses espaços. Dessa forma, uma parcela da população negra da cidade organizou-se e criou a Sociedade Recreativa e Cultural Gaúcho em 1934 para que pudessem suprir a ausência de espaços destinados ao lazer, à prática de esportes e a eventos que possibilitassem a participação da população negra. Na década de 50, o Gaúcho criou a primeira escola de samba de Caxias do Sul, a Escola de Samba Protegidos da Princesa, que desfilou e desfila até hoje nos Carnavais da cidade (CAREGNATO, 2010). A pesquisa desenvolvida mostra que a partir desse momento, outras agremiações foram sendo criadas no município, como por exemplo, aquelas que foram apresentadas nesse trabalho: a Escola de Samba Incríveis do Ritmo de 1970, a Escola de Samba Filhos de Jardel de 1999 e Escola de Samba Unidos da Zona Norte de 2010.

As memórias dos entrevistados das agremiações citadas acima, assim como as temáticas problematizadas, não encontra-se em nenhum outro trabalho historiográfico, tendo essa pesquisa uma contribuição inédita no âmbito do Carnaval de rua em Caxias do Sul. O estudo realizado, pretende possibilitar a futuros pesquisadores, conhecimento, mesmo que incompleto, da história das escolas de samba abordadas e também nomes para a construção de uma rede de contato, e se possível, que a partir desta pesquisa, verifiquem o que não foi abordado, montem seu projeto e realizem novas pesquisas.

Os áudios e as transcrições das entrevistas, serão doados ao Instituto Memória Histórica e Cultural (IMHC) da Universidade de Caxias do Sul (UCS), onde essas fontes históricas poderão vir a serem exploradas por pesquisadores que interessarem-se pelo tema do Carnaval das escolas de samba em Caxias do Sul. As transcrições também encontram-se reproduzidas integralmente no **Apêndice** deste trabalho.

Há grandes dificuldade em reconstruir o vivido, por todas as razões e o contexto já mencionado, mas este trabalho historiográfico, com a abordagem da História Oral, permite certamente contribuir à história do Carnaval de rua de Caxias do Sul.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 2004. 235 p.

A GAZETA. **Festa da Penha 2020**. Disponível em <https://www.agazeta.com.br/festadapenha>. Acesso: 27 maio 2020.

AMORIN, L. F. **Prefeitura de Caxias tem reuniões marcadas sobre o Carnaval com blocos e escolas de samba**: Chefe de gabinete da prefeitura, João Uez, confirmou essa informação neste sábado. Caxias do sul. 2020. Disponível em: <http://pioneiro.clicrbs.com.br/rs/geral/noticia/2020/01/prefeitura-de-caxias-tem-reunioes-marcadas-sobre-o-carnaval-com-blocos-e-escolas-de-samba-12060049.html>. Acesso em: 30 jul. 2020.

BECHER, Alef Sidnei. Entrevista com Alef Sidnei Becher, realizada por Débora Fabiana Pereira e Jeann Vorpapel Portalete em 13 de março de 2020.

BEZERRA, J. *In*: TODA MATERIA. Conteúdos escolares. **Brasil Colônia**. 2020. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/brasil-colonia/>. Acesso em: 27 maio 2020.

BEZERRA, J. *In*: TODA MATÉRIA. Conteúdos escolares. **Festa do Divino**. 2019. Disponível em <https://www.todamateria.com.br/festa-do-divino/>. Acesso em: 27 maio 2020.

BRAZ, M. **Samba, cultura e sociedade**. São Paulo: Editora Expressão Popular Ltda, 2013. 248 p.

CALEGARI, J. **Baile de coroação da rainha, Iracema Nair Vieira**. Coleção João Spadari Adami. Caxias do Sul: Acervo Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami. (1930-1940).

CAREGNATO, L.. **A outra face**: A presença de Afro-descendentes em Caxias do Sul 1900 a 1950. Caxias do Sul: Maneco, 2010. 128 p.

CENTRAL DE CONTEÚDO UNIDADE TUA RÁDIO (Caxias do Sul). Tua Rádio São Francisco (ed.). **Produtor cultural conta a história do Carnaval em Caxias do Sul**. 2019. Disponível em: <https://www.tuaradio.com.br/noticias/cultura/25-02-2019/produtor-cultural-Conta-a-historia-do-carnaval-em-caxias-do-sul>. Acesso em: 06 jun. 2020.

Cortejo organizado para conduzir a rainha do Carnaval de 1908 até os carros alegóricos. Caxias do Sul: Acervo Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami.1908.

DAMATTA, R. **Carnavais, malandros e heróis**: para uma sociologia do dilema brasileiro. 6. ed. Rio de Janeiro: Editora Rocco Ltda, 1997. 350 p.

DEMENDA, L. *In*: Pioneiro Click RBS. **Carnaval floresce nas ruas de Caxias, mas escolas de samba silenciam mais uma vez**. 2018. Disponível em: <http://pioneiro.clicrbs.com.br/rs/geral/cidades/noticia/2018/02/carnaval-floresce-nas-ruas-de-caxias-mas-escolas-de-samba-silenciam-mais-uma-vez-10160777.html> Acesso em: 11 jun. 2020.

DIANA, D. *In*: TODA MATERIA. Conteúdos escolares. **Chiquinha Gonzaga**. 2019. Disponível em <https://www.todamateria.com.br/chiquinha-gonzaga/> Acesso em: 05 jun. 2020.

FRONZA, R. **Com carnaval de rua cancelado em Caxias, escolas de samba planejam festa simbólica**: decisão das escolas de samba ocorre após anúncio de falta de repasse público para organização da festa. Caxias do Sul: 2017. Disponível em: <http://pioneiro.clicrbs.com.br/rs/geral/noticia/2017/01/com-carnaval-de-rua-cancelado-em-caxias-escolas-de-samba-planejam-festa-simbolica-9420819.html>. Acesso em: 30 jul. 2020.

FRUGONI, C. **Invenções da Idade Média**: óculos, livros, bancos, botões e outras inovações geniais. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda., 2007. 166 p. Disponível em: <https://doku.pub/documents/doku.pub-k0pvwr4wp101>. Acesso em: 10 jun. 2020.

GARCEZ, S. **Entrevista com Solano Garcez**, realizada por Débora Fabiana Pereira em 02 de abril de 2020.

GARDEL, A. **FESTAS E BATUQUES NO BRASIL: O poeta e o sambista**. Rio de Janeiro: Editor Sabin, 14 jun. 2019.

GASPAR, L. **Entrudo**. Fundação Joaquim Nabuco. Disponível em http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com_content&view=article&id=262 Acesso em: 27 maio 2020.

GEREMIA, G. *Grupo carnavalesco das Falenas, do qual as irmãs Saldanha faziam parte*. Caxias do sul: Acervo Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami Giácomo Geremia, 1925.

GOMES, Fabrício Romani. **Sob a proteção da princesa e de São Benedito**: identidade étnica, associativismo e projetos num clube negro de Caxias do Sul (1934-1988). Jundiaí, SP: Paco Editorial, 2013. 185 p.

Bloco carnavalesco do qual faziam parte as irmãs Saldanha. Caxias do Sul: Acervo Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami. 1919.

GUTERRES, L. S. **Memória dos destaques de carnaval de Porto Alegre**. Porto Alegre: Editora e Gráfica Eficiência Ltda, 2006. 98 p.

HOMERO, V. Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro. 2008. **Um passeio pela alma negra no centro do Rio de Janeiro**. Disponível em: <http://www.faperj.br/?id=1205.2.0> Acesso: Acesso em: 02 jun. 2020.

Imigrantes comemorando o Carnaval em Caxias do Sul no fim do século XIX.
Caxias do Sul: Jornal Pioneiro,1984.

JORNAL A ÉPOCA. 26/02/1939. Acervo: Arquivo Histórico. Consulta: CMCV - Centro de Memória da Câmara de Vereadores de Caxias do Sul. Caxias do Sul: 1939. Disponível em: <liquid.camaracaxias.rs.gov.br>. Acesso em: 30 jun. 2020.

JORNAL DE CAXIAS. 03/02/1979. Acervo: Arquivo Histórico. Consulta: CMCV - Centro de Memória da Câmara de Vereadores de Caxias do Sul. Caxias do sul: 1979. Disponível em: <liquid.camaracaxias.rs.gov.br>. Acesso em: 30 jun. 2020.

JORNAL O MOMENTO. 04/02/1950. Acervo: Arquivo Histórico. Consulta: CMCV - Centro de Memória da Câmara de Vereadores de Caxias do Sul. Caxias do sul: 1950. Disponível em: <liquid.camaracaxias.rs.gov.br>. Acesso em: 30 jun. 2020.

JORNAL O MOMENTO. 04/04/1938. Acervo: Arquivo Histórico. Consulta: CMCV - Centro de Memória da Câmara de Vereadores de Caxias do Sul. Caxias do sul: 1938. Disponível em: <liquid.camaracaxias.rs.gov.br>. Acesso em: 30 jun. 2020.

JORNAL PIONEIRO. 01/03/2020. Acervo: Arquivo Histórico. Consulta: CMCV - Centro de Memória da Câmara de Vereadores de Caxias do Sul. Caxias do sul: 2020. Disponível em: <liquid.camaracaxias.rs.gov.br>. Acesso em: 30 jun. 2020.

JORNAL PIONEIRO. 02/03/1968. Acervo: Arquivo Histórico. Consulta: CMCV - Centro de Memória da Câmara de Vereadores de Caxias do Sul. Caxias do sul: 1968. Disponível em: <liquid.camaracaxias.rs.gov.br>. Acesso em: 30 jun. 2020.

JORNAL PIONEIRO. 03/03/1984. Acervo: Arquivo Histórico. Consulta: CMCV - Centro de Memória da Câmara de Vereadores de Caxias do Sul. Caxias do sul: 1984. Disponível em: <liquid.camaracaxias.rs.gov.br>. Acesso em: 30 jun. 2020.

JORNAL PIONEIRO. 05/02/1972. Acervo: Arquivo Histórico. Consulta: CMCV - Centro de Memória da Câmara de Vereadores de Caxias do Sul. Caxias do sul: 1972. Disponível em: <liquid.camaracaxias.rs.gov.br>. Acesso em: 30 jun. 2020.

JORNAL PIONEIRO. 05/03/1960. Acervo: Arquivo Histórico. Consulta: CMCV - Centro de Memória da Câmara de Vereadores de Caxias do Sul. Caxias do Sul: 1960. Disponível em: <liquid.camaracaxias.rs.gov.br>. Caxias do sul: 1960. Acesso em: 30 jun. 2020.

JORNAL PIONEIRO. 09/02/2018. Acervo: Arquivo Histórico. Consulta: CMCV - Centro de Memória da Câmara de Vereadores de Caxias do Sul. Caxias do sul: 2018. Disponível em: <liquid.camaracaxias.rs.gov.br>. Acesso em: 30 jun. 2020.

JORNAL PIONEIRO. 10/03/1973. Acervo: Arquivo Histórico. Consulta: CMCV - Centro de Memória da Câmara de Vereadores de Caxias do Sul. Caxias do sul: 1973. Disponível em: <liquid.camaracaxias.rs.gov.br>. Acesso em: 30 jun. 2020.

JORNAL PIONEIRO. 26/02/1966. Acervo: Arquivo Histórico. Consulta: CMCV - Centro de Memória da Câmara de Vereadores de Caxias do Sul. Caxias do sul: 1966. Disponível em: <liquid.camaracaxias.rs.gov.br>. Acesso em: 30 jun. 2020.

JORNAL PIONEIRO. 27/02/1965. Acervo: Arquivo Histórico. Consulta: CMCV - Centro de Memória da Câmara de Vereadores de Caxias do Sul. Caxias do sul: 1965. Disponível em: <liquid.camaracaxias.rs.gov.br>. Acesso em: 30 jun. 2020.

JORNAL PIONEIRO. 17/01/2017. Acervo: Arquivo Histórico. Consulta: CMCV - Centro de Memória da Câmara de Vereadores de Caxias do Sul. Caxias do sul: 2017. Disponível em: <liquid.camaracaxias.rs.gov.br>. Acesso em: 30 jun. 2020.

KASENSKI, Valmor. **Entrevista com Valmor Kasenski**, realizada por Débora Fabiana Pereira e Jeann Vorpapel Portalete em 15 de março de 2020.

LAZZARI, A. **Coisas para o povo não fazer: carnaval em Porto Alegre (1870-1915)**. Campinas, SP: UNICAMP, 2001. 247 p. (Coleção várias histórias ; 10)

LE GOFF, J. **História e memória**. 4.ed. Campinas, SP: UNICAMP, 1996. 553 p. (Coleção repertórios).

LÚCIDE, D.; KALIL, T. **Oficina: Como realizar entrevista/história oral**. 2009. Disponível em http://www.ufvjm.edu.br/cursos/component/docman/doc_view/14-oficina-como-realizar-entrevistahistoria-oral.html. Acesso em: 26 fev. 2020.

MARX, K. **O capital: crítica da economia política**. 5.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980. 3 v. (6 tomos) (Perspectivas do homem. Economia ; 38).

MONTEIRO, C. *In*: PUCRS. **Conheça a História Do Carnaval**. 2020. Disponível em <http://www.pucrs.br/blog/conheca-a-historia-do-carnaval/>. Acesso: Acesso em: 26 maio 2020.

MONTEIRO, Katani Maria Nascimento. **Entre o vinho e a política: uma biografia de celeste gobatto (1890-1958)**. 2011. 209 f. Tese (Doutorado) - Curso de História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/49117/000828626.pdf>. Acesso em: 09 ago. 2020.

MUGNOL, M. **Carnaval de Rua de Caxias de Sul leva três mil pessoas à Rua Sinimbu**: Como um ensaio para a retomada em 2021, desfile ocorreu na noite de sábado, entre as ruas Alfredo Chaves e Dr. Montauray. 2020. Disponível em: <http://pioneiro.clicrbs.com.br/rs/geral/cidades/noticia/2020/03/carnaval-de-rua-de-caxias-de-sul-leva-tres-mil-pessoas-a-rua-sinimbu-12191231.html>. Acesso em: 30 jul. 2020.

NICÉAS, A. **Verbetes para um dicionário do Carnaval brasileiro**. Sorocaba: Fundação Ubaldino do Amaral, 1991. 176 p.

PIMENTA, Tatiana. **Identidade de gênero: tudo o que você precisa saber**. 2020. Disponível em: <https://www.vittude.com/blog/identidade-de-genero/#:~:text=A%20identidade%20de%20g%C3%AAnero%20diz,outra%20%E2%80%9Ccategoria%E2%80%9D%20de%20g%C3%AAnero..> Acesso em: 09 ago. 2020.

PIONEIRO. *In*: CENTRO DE MEMÓRIA. **Câmara Municipal de Caxias do Sul. 1948-2002**. Disponível em:

<http://liquid.camaracaxias.rs.gov.br/portalliquid/Pasta/SubPastas/26> Acesso em: 30 jun. 2020

POLLACK, M. **Memória e identidade social**. Tradução: Monique Augras. Edição: Dora Rocha. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212. Disponível em: <http://www.pgedf.ufpr.br/memoria%20e%20identidadesocial%20A%20capraro%202.pdf>. Acesso: 02 jul. 2020.

POLLACK, M. **Memória, esquecimento, silêncio**. tradução: Dora Rocha Flaksman. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2. n. 3, 1989, p. 3-15. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2278/1417>. Acesso: 02 jul. 2020.

PREFEITURA DE CAXIAS DO SUL. **Carnaval de Rua 2020: desfiles das escolas de samba de Caxias do Sul Ocorre neste sábado**. Caxias do Sul: 2020. Disponível em: <https://caxias.rs.gov.br/noticias/2020/02/carnaval-de-rua-2020-desfiles-das-escolas-de-samba-de-caxias-do-sul-ocorre-neste-sabado>. Acesso em: jun. 2020.

QUADROS, J. **Entrevista com Juçara de Quadros**, realizada por Débora Fabiana Pereira em 24 de abril de 2020.

REVISTA ISTOÉ. **Origem das Mascaras de Veneza**. Disponível em: <https://istoe.com.br/colombina-pierrot-conheca-a-origem-das-mascaras-de-veneza/> Acesso em: 05 jun. 2020.

RIO GRANDE DO SUL. Neisi Coelho Zorzi. Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami. **Complexo Jardelino Ramos**: Caxias do Sul: Secretaria Municipal da Cultura, 2018. 224 p.

SANTOS, V. J. O. **Entrevista com Valdir José Oliveira dos Santos**, realizada por Débora Fabiana Pereira em 24 de abril de 2020.

SCARPINI, B. M. **As Máscaras de Arlequim: Figurino e Simbologia na Commedia Dell'Arte**. Disponível em <http://www.coloquiomoda.com.br/anais/Coloquio%20de%20Moda%20-%202008/42444.pdf> Acesso em: 05 jun. 2020.

SILVA, D. **História do Carnaval. Brasil Escola**. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/carnaval/historia-do-carnaval.htm>. Acesso em: 27 maio 2020.

SOIHET, R. **A subversão pelo riso**. Rio de Janeiro: FGV, 1998. 198 p.

SOUZA, M. **Desfile da escola de samba protegidos da princesa no carnaval de 2003 em Caxias do Sul**. Caxias do Sul: Acervo Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami, 2003.

TESAURO DE FOLCLORE E CULTURA POPULAR BRASILEIRA. Rio de Janeiro: Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular. **Curso (Carnaval)**. Disponível em <http://www.cnfcp.gov.br/tesauro/00000074.htm> Acesso em: 05 jun. 2020.

VARGAS, S. J. **Entrevista com Simião José de Vargas**, realizada por Débora Fabiana Pereira e Jeann Vorpapel Portalete em 13 de março de 2020.

VON SIMSON, O. R. M. **Carnaval em branco e negro**: carnaval popular paulistano 1914-1988. Campinas, SP: UNICAMP, 2007. 389 p.

APÊNDICE A – ENTREVISTA I

Entrevistados: Simião José de Vargas, presidente da Escola de Samba Acadêmicos Filhos de Jardel e Alef Sidnei Becher, carnavalesco da Escola de Samba Acadêmicos Filhos de Jardel.

Entrevistadores: Débora Fabiana Pereira e Jeann Vorpapel Portalete.

Entrevista realizada em Caxias do Sul no dia 13 de março de 2020, no bairro Jardelino Ramos, na residência do entrevistado Alef Sidnei Becher.

Débora: Então pessoal, o nome completo de vocês?

Simião: Simião José de Vargas.

Alef: O meu é Alef Sidnei Becher.

Débora: Qual é a data de nascimento de vocês?

Simião: Vinte quatro de abril de mil novecentos e setenta e dois.

Alef: E eu, dezessete de abril de mil novecentos e noventa e quatro.

Débora: Qual é a origem de vocês?

Simião: Eu sou de Caxias do Sul.

Débora: E tu?

Alef: Sou de Flores da Cunha.

Débora: Qual é profissão vocês?

Simião: Eu sou supervisor, operador de linha..

Débora: Da Visate?

Simião: Não, sou supervisor do município, do prefeito.

Alef: Agora estou desempregado, mas trabalho com gastronomia.

Débora: Qual é a relação de vocês com o Carnaval?

Alef: Comecei no Carnaval, primeiramente na Filhos de Jardel em 2002, quando a Escola falou das Sete Maravilhas da Antiguidade. Desfilei na época na bateria tocando chocalho, até o mestre de bateria irmão do Simião, o Adilson, tinha um trabalho bem legal com o pessoal da comunidade. Depois o tempo foi passando e comecei a sair de assistente mirim. Em 2007 a Escola falou da Noite de Horror e resolvi ajudar a fazer as fantasias, até o carnavalesco era o André, dali começamos a fazer as fantasias, então fui dando sequência. Em 2008, segui ajudando a Escola, depois parei um tempo, até porque a Escola ficou dois anos sem desfilar, 2010 e 2011. Depois retornei novamente ajudando a Escola. Quando

voltei a convite do Simião em 2014 para 2015, voltei como carnavalesco, aí fomos campeões do Grupo de Acesso e segui como preparador de candidatas à rainha do Carnaval também, e naquele mesmo ano a candidata do Jardel foi a rainha do Carnaval.

Débora: E sua relação com o Carnaval Simião?

Simião: Eu sou um dos fundadores da Escola. Em 1999 quando começamos como bloco, desfilamos com camisas do time de futebol que tinha aqui, o Jardelino Ramos, dali saiu o vermelho, preto e branco. No primeiro ano a gente trouxe um rapaz da XV de Novembro e a XV de Novembro nos apadrinhou e fez o samba, dali para frente, em 2000, comecei eu a fazer o samba.. até 2008.

Alef: 2007.

Simião: Em 2004 tivemos a nossa primeira rainha, a Sabrina pelo Jardel e corte mirim, naquele tempo tínhamos o concurso de corte mirim. Em 2007 e 2008, eu saí do Jardel, entreguei a Escola, tu foi junto (Alef) para a Gaviões do Samba, aonde com cinco mil reais, levantei a Escola para o Grupo Especial, ganhamos no samba-enredo e ganhamos a rainha do Carnaval com a Gaviões do Samba.

Débora: A Escola ficou parada dois anos né?

Alef: Sim.

Débora: E por que ela ficou parada esse período?

Alef: O que é que eu vou te dizer.. aquele ano lá de 2010, 2011.. Em 2010 a Escola ficou parada e não desfilou que era o tema do Monteiro Lobato, que até tu era o presidente lá da Gaviões ainda. Em 2011 a Escola chegou a desfilar, mas ela não teve pontuação porque ocorreu um plágio, o samba foi um plágio. Em 2012 e 2013 a Escola não desfilou e retornou em 2014.

Simião: Em 2014 voltou com a Bia não?

Alef: Não, em 2014 voltou contigo, voltou com os quatro Elementos lembra? Que foi o filho do Liumar, o Matheus quem fez o samba.

Simião: A gente subiu né?

Alef: Sim, daí era bloco, subiu para o Acesso.

Débora: Então me conta um pouco sobre a história da Escola?

Simião: A história da Escola na verdade, os fundadores, eu, meu irmão Adilson, Jaime e o Moacir, até foi uma brincadeira dentro de um ônibus do time que jogávamos ali no Jardelino Ramos, a gente fazia um pagode dentro do ônibus e um dia perguntaram o porquê não fazer uma escola de samba, foi até o falecido

Dão da XV de Novembro que deu essa ideia para nós. E como fazer? Nós não tínhamos um começo, não tínhamos um instrumento, não tínhamos nada, até nos emprestou uns instrumentos e começamos uma brincadeira como bloco. O primeiro ano subimos para o acesso como bloco.

Débora: Em 1999 foi como bloco então?

Simião: Como bloco, saímos todos com camisas de futebol.

Débora: Já tinham o nome naquela época?

Simião: Filhos de Jardel, até a fênix era diferente.

Alef: Oficialmente no estandarte da Escola, na bandeira da Escola, a Filhos de Jardel teve fundação em primeiro de fevereiro de 2001, pelo estandarte, mas já vinha como bloco há dois anos.

Simião: É, já vinha há dois anos como bloco. Ao longo do tempo começamos a nos modernizar, trazendo pessoas de fora famosas, como trouxemos Carlinhos Madureira do Rio de Janeiro, aquela da X-9 Paulistana, nosso samba enredo gravado pelo Leonardo Bessa do Salgueiro, trouxemos Cintia Machado porta-bandeira de Porto Alegre e a Jéssica do Império do Sol.

Alef: A gente já trouxe um pessoal para desfilar para nós aqui, porque o pessoal aqui em Caxias tem um pouco de receio em desfilar como quesito. O Carnaval exige alguns quesitos, então a gente procura o pessoal da comunidade para conversar e ver se o pessoal quer desfilar como quesito. A gente tem intérprete do bairro, que nem eu falei, eu preparo candidatas, porta-estandarte, passistas, o que for, mas o pessoal aqui em Caxias ainda é muito reservado, eles não querem esse compromisso, então as Escolas se obrigam a buscar de fora para fazer isso, então tu tens que optar pelo melhor e o Jardel sempre tenta optar pelos melhores quesitos.

Simião: É, o que a gente tem de bom aqui seria.. passistas. Até pra mim, nada está na frente dele (Alef), para mim é o melhor que tem aí, até hoje, sabe ensinar qualquer tipo de dança, tanto passista como porta-estandarte, porta-bandeira, como para rainha, ele é um baita de um preparador, um baita de um profissional. O que não temos em Caxias do Sul, seria um casal de mestre-sala e porta-bandeira. Acho que os sambas daqui são bons, mas não a nível um samba-enredo do Rio de Janeiro, então a gente busca bastante os casais de mestre-sala e porta-bandeira fora e o samba pronto a gente busca pronto no Rio, mas na avenida quem interpreta eles são os nossos intérpretes.

Débora: O samba enredo vocês sempre buscaram fora?

Simião: É, até a época que eu fiz um bom tempo o samba.

Alef: Até 2007 ele fez samba.

Simião: Bateria temos o pessoal da comunidade mesmo, e são poucas escolas que têm isso, eles pegam de outros bairros.

Alef: Algumas escolas pegam até de outras cidades.

Simião: Parceria, tem gente que busca tudo pronto em outras cidades, não aproveitam nenhum quesito daqui, e nós temos. A gente bota a bateria daqui, os intérpretes daqui, os assistentes daqui, agora vamos colocar.. Ôh Alef, tu contou?

Alef: O que?

Simião: Porta-estandarte, contou quando a gente subiu?

Alef: Não..

Simião: Tivemos uma surpresa na avenida, porque o regulamento diz que tu tens que colocar um porta-estandarte, mas não te diz quem pode ser o porta-estandarte, como baiana, tu pode se vestir de baiana e o Ale..

Alef: Eu fui a porta-estandarte de 2015.

Débora: E não podia?

Simião: Só eu sabia e algumas pessoas, ninguém notou na avenida!

Alef: A diretoria sabia, pelo fato de que o porta-estandarte contava em quesito de evolução e o dinheiro já estava escasso, estava vindo o mestre-sala e porta-bandeira de Porto Alegre e cheguei até o Simião e a diretoria e disse: “olha, se vocês aceitarem eu posso ser a estandarte, mas vai ficar só entre a gente”. Depois do desfile o pessoal foi descobrindo, tranquilo, o pessoal aceitou na hora. A diretoria aceitou, participei e fui a porta-estandarte de 2015 e no outro dia da apuração todo mundo já sabia.

Simião: Aí queriam rebaixar nós! Mande lerem o regulamento, porque não diz quem pode ser e quem não pode. A segunda foi a Imperador do samba né?

Alef: Antigamente sim, agora não é mais, mas tem bastante, hoje em dia tem homossexuais que fazem. Conheço de fora de outras cidades que tem, em Tapes tem um rapaz que é a porta-estandarte da agremiação que ele participa.

Débora: Há um trabalho só para os homens ou só para as mulheres?

Simião: Onde?

Débora: Se há divisão de trabalho dentro da Escola de Samba? Ou se as mulheres ocupam os mesmos cargos que os homens, por exemplo, o samba-enredo deve ser cantado só pelos homens?

Simião: Temos uma mulher, a Evelyn, nos últimos anos ela é cantora gospel e canta junto com nós. Temos mulheres que saem na bateria.

Alef: A diretoria também é composta, tu tinhas a vice-presidente. A vice-presidente dele era mulher. Tem bastante mulheres que fazem trabalhos voluntários aqui com a gente aqui na Escola.

Simião: Para tu ter uma ideia, essa direção que estamos montando, que vamos começar hoje na reunião, é praticamente, noventa por cento mulher.

Alef: A nossa coordenadora de velha guarda vai ser uma mulher. São pequenos avanços.

Débora: Então, tu que preparas as rainhas, quais são os quesitos para a escolha das mesmas? De uma porta-bandeira? Do Rei Momo? Não sei se vocês tem o Rei Momo..

Alef: O Rei Momo é..

Simião: Indicado?

Alef: Indicado, correto, por uma agremiação, por exemplo, se eu quisesse me candidatar como Rei Momo, iria me candidatar pela Filhos de Jardel e se todos os presidentes concordarem, eu serei o Rei Momo da cidade. Acredito até então que quem é o atual Rei Momo é o Júlio Machado, que foi pela Imperatriz do Vale.

Preparação de corte do Carnaval, a gente conversa com uma menina, decide qual menina vai concorrer pela agremiação e a partir desse momento a gente tem uma pré-preparação para ela, no caso, samba no pé, entrevista, postura, dicção, tudo isso eu começo a trabalhar três meses antes do concurso, para a menina chegar lá e saber o que tem que fazer. Não explico para ela somente da agremiação, explico do Carnaval, porque a candidata tem que chegar lá no dia do desfile, do concurso, ela é a candidata de tal agremiação, mas ela tem que representar o Carnaval. Então todas as candidatas que peguei, eu sempre friso, vocês vão representar o Carnaval de Caxias, não é só uma Escola, são todas! Então para a candidata é isso, trata samba no pé, postura, a entrevista no dia conta bastante, porque se a menina não sabe do Carnaval, automaticamente a nota dela vai ser baixa.

Mestre-sala e porta-bandeira não seria o samba, é o bailado do mestre-sala e da porta-bandeira, seria uma flor e um beija-flor. O mestre-sala tem que cuidar do pavilhão e da porta-bandeira, ela reverencia o pavilhão, que é a bandeira da escola e a porta-bandeira que seria a mulher e também é tudo a base de ensaio, não é por exemplo, vou pegar vocês dois e vão ser o mestre-sala e porta-bandeira, você chega lá crua e o mestre-sala também.

Simião: Uma vez a gente pecava muito quando a gente fazia o concurso dentro da nossa entidade, concurso de rainha, às vezes o jurado ia lá, não tinha como pegar gente qualificada, então no momento que a gente começou a escolher assim.. o Alef escolher a dedo, que ele é mestre nisso, começamos a colocar candidatas na corte. Como ele colocou a menina que foi passista com ele, que é do coração do Jardel, a Maninha, foi rainha das rainhas lá da praia em Arroio do Sal. Ela já era passista quando o Alef ainda..

Alef: Quando eu era passista mirim, ela era passista da Escola aqui.

Simião: E ele preparou ela para a praia e ela ganhou.

Alef: Era a moça que eu te mostrei na foto. Ela era passista daqui e depois de anos pude me apresentar com ela na avenida. Aí fomos estandarte de ouro como casal de passistas de 2014. Em 2014 mesmo ela conversou comigo e eu preparei ela e foi para Arroio do Sal e foi rainha das rainhas.

Débora: A escolha do samba-enredo vocês pedem para fazer fora? Vem várias opções e podem escolher dentre elas?

Simião: A gente faz assim, eu não curto muito da minha parte, também o Alef é o cara preparado para fazer as candidatas, o samba, botar a Escola na avenida, tudo e eu que indicava o tema do samba. Na época em que a gente caiu com um samba muito bonito, estava lembrando ontem contigo né, Alef?

Alef: Sim.

Simião: Era para eu ir lá e fazer um samba sobre a água e eu disse não, mas a Dona Suzane era presidente e eu era o compositor e diretor de harmonia. Um samba sobre a água tem muita coisa e onde a gente errasse iríamos nos ferrar, fui lá e fiz um samba em homenagem ao Rio de Janeiro. “Vou fazer o samba e se vocês não gostarem tudo bem”, apresentei o samba, foi aprovado, samba bonito e fizemos 12 pontos na frente da segunda colocada com Cartão Postal. Eu dou o tema e fazemos o samba, mas eu e o Alef trocamos muitas ideias.. vamos fazer uma camiseta assim..

O meu menino começou na cacheta e o Marlon hoje faz todo o desenho das camisetas. A camisa de futebol a Sara.. (inaudível), tu não vais acreditar, começou com doze, nove anos e hoje ela faz tudo, tem que ver os desenhos que ela faz. Estou preparando para ele vir para a Escola.

Alef: Uma família já carnavalesca a do Simião. Acrescentando, nós sentamos e decidimos um tema e enviamos para a pessoa que vai fazer o nosso samba, para o compositor no caso e ele monta um samba, manda para a gente e vê se a gente gosta, se caso não gostarmos, ele modifica. Não temos aquela opção como o Rio de Janeiro que fazem concursos de sambas enredo, porque lá rola cachê e a gente tem que estar com alguma coisa pronta, não podemos ficar: a gente não gostou. Dá para dar uma modificada no samba, mas geralmente é um samba só.

Simião: A gente respeita todas as agremiações aqui em Caxias, mas não é que eu queira puxar a brasa para o nosso assado.. hoje se tu pegares a Filhos de Jardel, eu não faço mais samba, mas a gente tem um compositor, a gente tem um carnavalesco geral que faz tudo na Escola de Samba, a gente tem uma harmonia nossa, mestre de bateria, a gente tem três ou quatro, então a gente tem tudo aqui, não precisaria, temos gurias, “mulatas” bonitas para colocar. Então, se fosse para fazer um Carnaval só de comunidade, poucas escolas têm, que não pudesse buscar ninguém fora, porque a única coisa que a gente não tem aqui, são os casais de mestre-sala e porta-bandeira, mas se tu pegar outras escolas, como a São Vicente, eles não tem ninguém, pegam tudo pronto de fora. A Arsenal pega tudo de fora. A XV de Novembro, eles tem lá de repente uma harmonia, mas não tem um apitador, mas a comunidade tem. A Protegidos da Princesa, eles pegam tudo de fora. Hoje quem tem comunidade é a XV de Novembro, a Filhos de Jardel, a Incríveis do Ritmo e o Pérola, quatro Escolas, por aí, que tem hoje.

Débora: Como são feito os figurinos e os carros alegóricos?

Simião: As costuras, o Alef faz os desenhos, passa para as costureiras e elas fazem em casa. Fazem o molde tudo, é aqui no bairro, não temos pavilhões.

Alef: A partir do momento que a gente decide o tema e o samba, já é feito uma pesquisa. Em 2015, quando o Simião chegou para mim com o convite para eu ser carnavalesco e a proposta do tema que foi, “Com transparência, Jardel vem mostrar que o vidro é forte, do pó ao brilho, sua imagem e seu valor”, nós falávamos sobre o vidro, então saí de uma pesquisa a partir daí, corri na internet e fui pesquisando a origem do vidro, lapidações, diamantes, joias e vai. A partir daí

fui montando, comissão de frente, estandarte, daí se foi fazendo todo um cronograma para a Escola. Então tu tens que montar: comissão de frente, estandarte, mestre-sala e porta-bandeira, as alas, bateria, casal de assistas e cada quesito e as alas. Escola tem que ter um nome, então tudo isso é uma pesquisa.

Simião: Subimos em dois anos seguidos, de bloco para segundo e de segundo para primeiro.

Alef: Vai tudo uma pesquisa para montar, a parte de baixo da fantasia, as camisetas e calças. Definimos a cor de cada ala e mandamos para a costureira, a gente quer regatas, quer mangas compridas, a costureira vai lá e monta, a Escola paga a fantasia, o costeiro e a cabeça. Muitas fantasias eu fiz lá em casa, depois terminava e de lá, “Simião está pronta essa ala, vou levar para a tua casa”, trazia e deixava na casa do Simião guardadas no quarto.

Débora: Às pessoas experimentaram antes?

Alef: O que acontece, cabeça e costeiro não precisa experimentar porque são todos padrões.

Débora: O que é o costeiro?

Alef: O costeiro é o adereço que se usa nas costas. Cabeça e costeiro são todos do mesmo tamanho. A parte debaixo da fantasia, camiseta e calça, fazem-se três numerações, P, M e G. A gente vê quantos integrantes da ala são P e fazemos P. Bateria que é o mais complicado, porque vai de sessenta a sessenta e cinco, setenta pessoas, então tu tens que estar sempre ali, porque tem pessoas mais cheinhas, tem pessoas mais magrinhas, quero vinte P, vinte M e vinte G. Tem fantasias coletivas que a gente pega P, M e G e tem fantasias que são para a pessoa, porque tem muitos destaques também, tem um destaque que vem e tu tens que fazer uma fantasia para aquele destaque na numeração correta. O destaque vem e experimenta uma, duas, três vezes até vir certinho.

Os carros alegóricos, o chassi vinha e a gente fazia o carro em quatro, cinco dias. Tem que fazer a montagem, desde a estrutura, ferragem até a montagem. No último dia, a Escola desfilava no sábado, da sexta-feira para o sábado, praticamente ninguém dormia, quem iria ajudar a Escola no sábado, a gente cansou de ir para a avenida sem dormir, trabalhando ali e os rapazes na solda e a gente na decoração e calor e trabalhando, trabalhando, trabalhando, só vinha para casa, tomava banho, voltava para a avenida, para poder ir com a Escola.

Débora: Onde ficava o carro alegórico?

Alef: Como nós não temos pavilhão, o nosso sempre ficou num parque aqui de cima, numa área verde.

Simião: A gente fazia o bruto, a ferragem dele tudo e mais ou menos um dia antes ali, moldava o resto e rezava para não chover.

Alef: E muitas vezes com chuva, a gente já fez carros alegóricos, iria fazer o quê? Não tinha o que fazer, tinha que trabalhar.

Débora: Vocês tinham um desenho, um projeto de como iria ser o carro?

Alef: O carro não chegava a ter desenho para nós, não sei como era nas outras agremiações. Não chegamos a ter o desenho do carro, nós sentávamos e conversávamos, como sentei com o Simião e vamos fazer isso e aquilo no carro.

Simião: A gurizada de tanto fazer carro já tinham uma noção.

Alef: Nós chegamos nele e dizíamos, vamos fazer um esboço na hora, colocar na frente o nome da Escola e vamos fazer dois, três queijinhos em forma de diamantes, coisas assim, vamos colocar um arco, uma plumagem no queijinho central.

Simião: No vidro tu fez o diamante e na frente escrevemos Jardel com o espelho, todo espelhado. Temos o samba aqui, tu chegou a ouvir um pouquinho? Vou te mostrar aqui.

Débora: Pode colocar.

Ouvimos a demo do samba que estava no celular do Simião, “Com transparência Jardel vem mostrar que o vidro é forte, do pó ao vidro, sua imagem e o seu valor”, do Carnaval de rua de 2015.

Débora: Aonde vocês ensaiavam se não tinham barracão?

Simião: A gente é meio a Vai-Vai de São Paulo.

Alef: Os ensaios eram nas ruas e são na rua.

Débora: Ensaivavam no bairro?

Alef: No bairro mesmo.

Débora: Em quais ruas?

Alef: Logo no início quando o mestre de bateria era o irmão do Simião, ele fazia muito pelo bairro, o pessoal ensaiava caminhando. Depois, foi passando o tempo e os outros mestres de bateria começaram a fazer nas frentes das casas, pelo fato de que, ensaiava junto a harmonia, então muitos anos foi aqui na área do Simião, colocavam as caixas de som..

Simião: A bateria ficava lá embaixo..

Alef: E os meninos intérpretes em cima e ensaiavam na frente assim.

Simião: O último ano que não teve e era para nós desfilarmos, estávamos muito bem e a gente tinha uma pavilhão ali em cima que era do Bahuan e a gente alugou. Vocês adicionaram a Filhos de Jardel, deve ter as fotos ali.

Débora: Eu vi, é bem grande o espaço.

Simião: A gente luta por um espaço e vamos conquistar esse espaço, fazer um Centro Comunitário, daí a gente pode ser independente, porque não é fácil. Para fazer um Carnaval hoje, é quarenta, cinquenta mil reais.

Débora: Qual era a periodicidade dos ensaios? Quantos meses antes do Carnaval começavam a ensaiar?

Alef: O pessoal aqui, definida a data de Carnaval que é em fevereiro, na metade de fevereiro.. o pessoal ensaiava um pouquinho em dezembro, depois parava para as festas de final de ano. A maioria do pessoal vai viajar, depois que retornava, na primeira semana de janeiro era ensaiado, um dia sim, um dia não e nos últimos quinze, vinte dias, aí era ensaiado todos os dias. No caso, para nós ficava complicado quando chovia, porque quando chovia não tinha ensaio, mas quando o tempo estava bom, era ensaio todo dia. Esse horário (dezenove horas) já começava a ver movimento.

Débora: Era sempre durante a noite?

Alef: Que é o horário que o pessoal tem. O pessoal vem do trabalho e como gostava, tem amor pela Escola, gostam da Escola.. têm pessoas que desistiram da Escola, mas têm pessoas que ainda lutam junto com a gente, junto com a Escola. Então, o pessoal sempre estava muito presente, se tivesse frio, se tivesse serração, tinha ensaio, só não tinha ensaio se chovesse.

Débora: Vocês se inspiraram no Carnaval do Rio de Janeiro e de São Paulo?

Alef: Até hoje. Acredito que todas as agremiações se espelham em Carnavais de lá, porque lá é o foco.

Débora: O que vocês olham, veem e se inspiram nesses carnavais do Rio de Janeiro e de São Paulo?

Alef: Para mim, Carnaval é uma constante evolução, todo ano é uma coisa nova, é um material novo que aparece numa fantasia que a gente já projeta, no próximo Carnaval, “a gente tem que usar esse material”. Mestres de bateria também se preocupam em analisar a bateria, pelo fato de que, todo ano tem uma forma

diferente de bateria, a bateria vai fazer uma evolução diferente, um toque diferente, uma coreografia na frente dos jurados.

Então, o Carnaval é uma constante evolução e temos que estar atualizados de tudo, para saber tudo. Para mim, quando vou assistir Carnaval, avalio tudo, no geral da Escola, não fico só focado em fantasia, eu foco em evolução, comissão de frente é uma constante evolução. Antigamente, a comissão de frente vinham em passos marcados, somente aquilo, dois para o lado, dois para o outro, vai para a frente, vai para atrás, cumprimenta, hoje em dia não, se vocês analisarem, as comissões de frente já vêm bem mais elaboradas, têm comissões de frente que vêm com tripés, que são praticamente carros alegóricos, com chafarizes. Têm carros e carros, têm Escolas que botam.. claro que a gente não tem toda a verba do Carnaval de lá, quem dera a gente ter um terço da verba daquele Carnaval, mas a gente sempre procura fazer pelo melhor.

Simião: A Filhos de Jardel evoluiu muito, depois que a gente assumiu nesses últimos anos. A gente tinha um projeto nesse último samba que foi feito, “Clipes e filmes que marcaram época”, para tu ter uma ideia, a comissão de frente nossa, ela já ia sair com tripé, com carro alegórico, seria um cemitério com um gramado em cima, no mato, iria sair o pessoal de dentro, os caras já iriam fazer o “Thriller” e o fechamento teria o casal de passistas que seria “O tempo da brilhantina”, “John Travolta” (inaudível), a porta estandarte seria “A dama de vermelho”, o mestre-sala e porta-bandeira seria “O vento levou”. O nosso fechamento o que iria ser.. já tinha combinado com uns amigos meus, que tinha um cara que tinha um dojão americano e uns amigos que fazem motos, iríamos fechar lá, com o cara que tem a moto do “Motoqueiro fantasma” em Caxias e com “Velozes e Furiosos” para fechar o Carnaval. Tínhamos pronto “A Fantástica Fábrica de Chocolate”, iríamos pegar as criancinhas levando o carrinho de mão carregando o açúcar, que seriam os “umpa lumpas”, então, esse ano a gente iria matar a pau. O samba feito pelo Leonardo Bessa.

Simião e Alef tentam lembrar onde podem encontrar esse samba.

Débora: Retomando ao assunto da fantasia, quando foi o ano que ficaram sem fantasias e que agora, começaram do zero?

Alef: O nosso último desfile na avenida foi em 2016, que a Escola falou sobre o cinema. Até chega ser engraçado porque em 2016 a Escola falou sobre cinema e em 2017, “Clipes e filmes que marcaram época”, a gente quis bater na tecla.

Simião: A gente queria ganhar o Carnaval, esse era o plano!

Alef: Desfilamos em 2016 e depois acabou não tendo onde guardar as fantasias e algumas pessoas também vêm desfilar na Escola e acabam não devolvendo, isso é do pessoal, o pessoal não devolve e daí a gente vai ficando sem recurso. Ainda se o pessoal coloca na cabeça que é sempre bom devolver para a Escola poder avaliar o que é que dá para ocupar, o que vamos jogar fora, mas não, o pessoal não devolvia, então muita pouca coisa voltava para nós e essa pouca coisa que voltava para guardar, não tinha lugar para guardar e quando tinha lugar, tinha que pagar, então era sempre mais complicado.

Têm agremiações em Caxias que têm os barracões, a Pérola tem barracão, agora a XV de Novembro tem o Centro Comunitário deles, a Protegidos tem o Clube Gaúcho, a Incríveis também tem o deles, mas têm algumas Escolas que não têm barracão, então aonde vai ficar todo esse material? Eu sou tão pelo Carnaval que se Deus colocasse a mão para baixo e eu enriquecesse, eu iria fazer um barracão! Sabe? Não, eu não quero ajuda de ninguém, eu mesmo vou lá, iria fazer e deu.

Débora: Vinham pessoas de fora para ajudar a Escola a organizar-se? De Porto Alegre?

Alef: Quesitos no caso, a Escola, nós no caso, montamos a diretoria e ela que fica responsável de montar a Escola na avenida, de correr atrás de patrocínio, em rifas, almoços e jantares que a Escola faz, que a diretoria faz em prol para ajudar, mas no dia do desfile, vinham quesitos, no caso, mestre-sala e porta-bandeira, porta-estandarte, que são quesitos pagos, porque não vem de graça.

Débora: Quanto se paga?

Alef: Varia. Já fiz contratos quando não estava na Filhos de Jardel, para a Protegidos, junto com o Jovi que era o presidente, já chegamos a fechar o contrato com um casal de mestre-sala e porta-bandeira por seis mil reais.

Débora: Isso foi em qual ano?

Alef: 2014, eles vieram e foi esse valor, a logística deles custou isso. Aí varia, se tu não tem um casal de assistas bons e o casal conta em evolução, tu precisa trazer de Porto Alegre, aí cobram em torno de mil, mil e quinhentos reais, então tem mais isso. Não tem uma porta-estandarte em Caxias, tu se obriga a trazer uma porta-estandarte de Porto Alegre, mais mil e quinhentos, dois mil reais. Eles vêm com a logística completa, fantasia deles completa, mas tu tens que pagar esse valor para eles se apresentarem cinquenta e cinco minutos.

Débora: Em Porto Alegre eles fazem parte de Escola?

Alef: Em Porto Alegre, fazem parte das agremiações deles lá, mas quando eles vêm em desfile para outra cidade, é sempre um valor. Se tu vai colocando na ponta da caneta, porque hoje em dia tudo é pago, tu pagas em questão de quesitos, para mestre-sala e porta-bandeira, harmonia, para o pessoal tocar e cantar, mestre de bateria, carnavalesco, sempre varia, brincando acredito que no ano ali do Jardel em 2015, a gente deve ter gastado uns doze mil reais. Tens que tirar esse valor para o pessoal desfilarem na avenida, se não, não desfilam e tu tem que correr atrás de dinheiro para fazer fantasia. E aí falta cola-quente, falta tecido, falta pedraria e falta plumagem.

Débora: Quais eram as ruas da cidade ocupadas para o desfile?

Alef: O Carnaval foi por muito tempo na rua Sinimbu, entre a rua Alfredo Chaves que era a concentração até a rua do McDonald's, a Garibaldi, que era a dispersão. Sempre foi ocupado toda a Sinimbu.

Débora: Desde quando?

Alef: Desde que eu me conheço por gente o Carnaval era na Sinimbu. A Sinimbu deixou de ser ocupada em 2015 e 2016, optaram pela Plácido de Castro, porque não tinha tanta afiação de luz. Esse ano (2020) que retornou o Carnaval, voltou o desfile na Sinimbu.

Débora: O Carnaval ocorria em quais horários? Duravam de um dia para o outro?

Alef: O Carnaval na Sinimbu teve sempre três dias, pela quantidade de agremiações que tinha. Os blocos e acessos desfilavam no domingo e grupos especiais desfilavam na sexta-feira e no sábado. Já chegou a desfilarem seis escolas na sexta-feira, seis escolas no sábado, desfilavam oito escolas no domingo.

Débora: O que são esses blocos e grupos especiais?

Alef: Funciona assim, vou falar por Caxias, aqui tinha três grupos, para tu montares uma Escola de Samba, tinha que desfilarem primeiro como bloco carnavalesco, tinha que montar sua agremiação sem verba nenhuma. Depois daquele ano que tu desfilava como bloco, automaticamente já iria compor o grupo de acesso no próximo ano. Grupos de acesso são as escolas um pouco menores que começam a ganhar uma certa verba da prefeitura. Tu concorria pelo grupo de acesso e se ganhasse como primeira ou vice colocada, subias para o grupo especial. O grupo especial, de certa forma, é a elite do Carnaval.

Débora: Quais são as Escolas que fazem parte da elite do Carnaval?

Alef: A elite do Carnaval que já participaram e que são ainda: a Protegidos da Princesa, que é uma escola de tradição, Incríveis do Ritmo, XV de Novembro, Filhos de Jardel, Pérola Negra, são escolas que ainda estão no Carnaval. Acadêmicos de São Vicente que ainda participa, Mancha Verde, são escolas que são elite do Carnaval. Unidos do é o Tchan, que é extinta, mas também foi uma elite do Carnaval. O Carnaval já teve muitas Escolas, além dessas que eu já falei, já teve: Tia Marta, Nação Verde e Branco, Unidos do Centenário, Acadêmicos do Ritmo, Acadêmicos do Leon, Imperatriz do Vale, Império da Zona Norte, Unidos da Zona Norte e Reino do Sol e da Lua.

Débora: Caxias do Sul chegou a ter quantas Escolas?

Alef: Não vou saber te dizer, mas acho que já passou de vinte, por isso que eu te disse que era dividido em três blocos no caso, porque desfilavam o grupo de acesso e os blocos.

Débora: Era filmado? A televisão passava? Vocês filmaram?

Alef: Agora eu não sei se tem, naquela época eu assistia muito por vídeo, porque ia muito na casa do Simião. Então o Simião tinha muito vídeo cassete, as fitas da Escola de antigamente. Depois teve DVD's dos desfiles, hoje em dia não tem esse retorno. Antigamente passava até pela TV Caxias, já foram lá e fizeram a filmagem dos Carnavais, hoje em dia, as empresas em Caxias, o jornalismo, o Carnaval não é muito visado.

Simião mostra a camiseta da Escola de 2017, com o tema: "Clipes e filmes que marcaram época".

Débora: Por que o símbolo da Escola é uma fênix? Quem é Jardel?

Simião: Jardel é por causa do Jardelino Ramos, que é o patrono do nosso bairro. A fênix veio da ideia do meu irmão, que pensou num símbolo, num mascote que renasce da cinza e na verdade, a gente renasceu várias vezes.

Alef: E realmente, a nossa Escola renasce das cinzas a cada ano, a gente precisa ressurgir.

Débora: Quem participava dos desfiles da Escola de Samba?

Alef: Quanto a isso ia bastante gente. O Carnaval era bem receptivo naquela época.

Débora: Em qual época?

Alef: Acredito que até 2016 ali o pessoal ia bastante, até porque foi o último ano de Carnaval em avenida, o último Carnaval competitivo foi em 2016, depois não

teve mais, mas o pessoal ia, dava em torno de quinze mil, vinte mil pessoas por noite, assistindo o Carnaval. Então, era bem significativo.

Débora: Durava até madrugada?

Alef: Sim, durava até a madrugada. Era por exemplo assim, tinha um horário para o início, a primeira Escola na sexta-feira desfilava às vinte horas da noite. Então cada agremiação, tinha uma hora de desfile. Então começa às vinte horas, tinha às vinte e uma, tinha às vinte e duas, tinha às vinte e três, meia noite e à uma, muitas vezes dava uma atrasada, cinco, dez minutos cada agremiação, então tinha vezes que a agremiação ia desfilar às duas da manhã, mas sempre o pessoal ali.

Débora: O que aconteceu em 2017 e em 2018 com a Escola?

Alef: Em 2017 a gente ficou num impasse de ter ou não ter Carnaval, então, enquanto não teve o Carnaval, foi o momento em que a gente conseguiu o apoio do pavilhão ali em cima e nós fazíamos o ensaio aberto. Então a gente fez ensaio e no momento que descobrimos que não iria ter desfile, não iria ter competição, nós decidimos que iria ter o Carnaval do Jardel dentro do pavilhão. Nós montamos bateria, estandarte, mestre-sala e porta-bandeira vieram de Porto Alegre fazer a apresentação. O nosso casal de mestre-sala e porta-bandeira são contratados de lá. O Simião conseguiu um intérprete famoso de lá, que é o Alexandre Belo, ele veio fazer a apresentação junto e fizemos o Carnaval no bairro. Nossa porta-bandeira, Nanny Rodrigues.

Débora: O público que assistia eram de classes sociais diferentes?

Simião: Tinham várias classes diferentes.

Alef: Claro que quem.. vamos ser bem francos, criticavam, assistiam e ainda pegavam camarote, a parte reservada ali para as autoridades.

Simião: Chegava no finzinho estavam sambando os da classe alta.

Alef: Aquele pessoal, “Ah, o Carnaval, por que ter Carnaval?”, mas no dia do desfile estavam lá na partezinha reservada. Acontece.

Simião: Na verdade o nosso Carnaval nunca deu nenhum assassinato, nada.

Alef: Eu não sei o que começou a acontecer com esses blocos no Carnaval, ultimamente termina o bloco e é uma pancadaria.

Simião: Tinha um secretário da Festa da Uva e ele discriminou o Carnaval, “Ah, porque no Carnaval o pessoal são uns vândalos”. O Amarelinho era o presidente da Liga e disse que o nosso Carnaval nunca deu problema. Deus me perdoe, mas

parece que foi um castigo, ele falou bobagem e naquele ano na Festa da Uva mataram um cara lá no parque, e o Carnaval daquele ano não deu uma folia.

Débora: Participavam pessoas brancas e negras?

Alef: Quanto a isso sim.

Débora: Quais as dificuldades que se encontram para fazer o Carnaval?

Alef: Nossa!

Simião: É dinheiro do bolso, é rifas.. nossa! Eventos.

Alef: O Carnaval de Caxias, para ser bem franco, as empresas não ajudam. A gente sabe que tem bastante empresa de grande porte que poderia dar um certo valor, uma ajuda de custos, mas o Carnaval não é tão visto aqui em Caxias, o pessoal de Caxias se preocupa muito com a Festa da Uva, essa é a preocupação deles e vão deixando o Carnaval de lado. Você chega na empresa e diz que está com um ofício representando tal agremiação, não tem nem horário para ti. Agora no meu ponto de vista, se fosse para a Festa da Uva, que é uma festa em nível nacional, o negócio já muda, então a dificuldade é bem grande para as Escolas de samba.

É indiferente se tu é a escola que ganhou mais ou a que ganhou menos. A escola que ganhou menos, claro, com mais dificuldade, porque a escola que ganhou mais tem aquele dinheiro, mesmo faltando ainda corre, e a Escola que ganhou menos? Tu tens que correr o dobro. A Escola que ganhou sessenta mil reais para a escola que ganhou vinte mil reais, são quarenta mil reais que a escola que ganhou menos tem que correr atrás para chegar os sessenta mil reais da escola que ganhou e fazer bem a mais.

Débora: De onde vem o dinheiro que as escolas ganham?

Alef: A prefeitura antigamente cedia a verba.

Débora: Antigamente quando?

Alef: Foi desde 2015.

Débora: Desde quando a prefeitura começou a ceder a verba?

Alef: A gestão Guerra (Daniel Guerra) cancelou a verba.

Simião: Tinha um ano que o grupo especial recebia um valor “x”, vinte e cinco mil reais, todas, a única diferença que tinha era um troféu de primeiro lugar. Depois, teve um tempo que começaram as premiações por Caxias, se a tua Escola fosse a primeira, ganhava mais, aí tu tinha que ver se iria investir na Escola ou não, se tu não investisse, caia. Então tinha Escolas que além de investir o dinheiro da verba,

fazia eventos, jantares e almoços. Eu fui cara que vendi carro para colocar em escola de samba, a mulher queria me enforcar, fiz empréstimo e a mulher queria me matar.

Alef: Se a Escola do Jardel ganhasse vinte e cinco mil reais, a gente iria correr atrás de mais, porque teríamos que correr até alcançar o valor da outra agremiação para poder competir.

Débora: Vocês sempre conseguiram alcançar esse valor e colocar a Escola na avenida?

Alef: Em 2008 eu era muito novo, não sei quanto foi o cachê para a Filhos de Jardel naquele ano, quando foi campeã do grupo especial.

Simião: Em 2008 foi vinte e seis mil reais. Agora em 2013 e 2014 era cinquenta e nove, sessenta mil reais. Naquele tempo a escola que faltasse reunião, eles descontavam quinhentos reais. Quando eu peguei a Gaviões do Samba, ela recebia dez mil reais, que era distribuído por grupo.

Débora: Quando você pegou a Gaviões do Samba?

Simião: Em 2008. O presidente de lá me passou os papéis e já me entregou dez reuniões em falta, então ele perdeu cinco mil reais, eu tive que fazer Carnaval com cinco mil reais, o cara dizia que eu era louco, que eu não ia subir, subi para (inaudível). Trouxemos a Pipoca, que é a melhor passista do Rio Grande do Sul, trouxemos a Conexão Samba que era harmonia de Porto Alegre e subimos. O tema quem criou foi o Sérgio Peixoto, que hoje já é falecido, era um monstro no Carnaval de Porto Alegre, mas tudo na parceria. Tu pegas hoje, um cara monta uma escola de samba, ele acha que vai ser presidente, isso e aquilo, ele vai lá em Porto Alegre e não tem conhecimento, eles pregam-lhe a faca, aí vai eu e o Alef, pessoas conhecidas, eles negociam com a gente, eu fui um que consegui até apoio de graça, pela amizade que a gente tem. A gente é conhecido lá também, pelo trabalho que a gente faz.

Débora: Como vocês acham que o povo caxiense recebe o Carnaval? Qual a visão que ele têm sobre o Carnaval, positiva ou negativa? Vê com bons olhos?

Simião: O nosso povo sim, mas continuam os mesmos, hoje o pessoal reclama muito porque não tem o Carnaval de rua.

Alef: Na atualidade, o que eu posso falar.. quem gosta do Carnaval, apoia o Carnaval, indiferente se for um dia, se for competitivo, a gente pode ver esse ano o desfile, apesar de ter tido poucas pessoas, foi um Carnaval abraçado. O pessoal

gostava de ir ver o Carnaval, mas a gente ainda recebe bastante discriminação na cidade sim, a gente vê pelos meios de reportagem, é só tu ir lá e ver uma publicação referente ao Carnaval no mês passado, vai ter tal coisa, os comentários já vem, “E para a saúde? E o dinheiro não sei do quê?”.

Simião: Sabe o que o pessoal não bola? Eu sou presidente do bairro também, trabalho na área de política, o pessoal gosta muito de mim, tem uns que não gostam porque invejam, mas faço muito trabalho aqui. Não sei se vocês desceram por aqui, viram a área de lazer que tem ali? Não tinha, essa foi construída do lado. Hoje o Alef está comigo no bairro também. O que acontece, na prefeitura discuti com uma menina, ela foi grosseira comigo, eu disse assim, “tu achas, que digamos, eles destinam quatro milhões para a cultura aqui em Caxias, e que a gente gaste um milhão e quinhentos reais entre Carnaval e tudo, tu achas que os dois milhões e quinhentos vão para a saúde? Não! Ele vai voltar para lá, para o Distrito Federal e vai ser investido na cultura de outra cidade! Outra coisa, quando a gente tinha o Carnaval aqui, a saúde estava de um jeito e o hoje sem o Carnaval ela está pior”.

Alef: Tinha uma reportagem que eles falaram.. que o secretário de Cultura falou que seria investido mil e quatorze reais só para levar as frisas. Se vocês vissem a quantidade de comentários negativos.. que era para investir esses mil e quatorze reais na saúde.

Jeann: Eu vi os comentários.

Simião: Jornal também, não dá para ir muito atrás, eles disseram que os blocos ganharam do município, não sei se vocês viram o tanto de valor, mentira.

Débora: Acho que tinha visto mil e quinhentos reais, não?

Simião: Mentira, os blocos ganham através de projetos. Vocês conhecem a Lei Rouanet? Tem o Ferrolho do Bloco da Ovelha, ele aprendeu a fazer projeto, eles ganham através de projetos, aí o jornal vai lá e diz que foi a prefeitura que deu, o povo enlouquece, porque não é verdade.

Débora: Esse ano as escolas de samba ganharam verba da prefeitura?

Alef: Não, não teve verba, não teve um tostão.

Simião: O que eu defendo hoje no Carnaval, não sei se o Alef tem o mesmo pensamento que o meu.. sou contra o município dar dinheiro para as escolas de samba, ou pode até dar, se querem dar, fazem um cartão no nome da escola, um cartão de compra, porque tem presidentes que tem o dinheiro, mas sabem

trabalhar com dinheiro, só que tem presidentes que não sabem trabalhar com dinheiro, tem presidentes que não investem na escola de samba, eles investem também.. mas investem na vida pessoal deles. Muitas vezes, nós aqui, pagamos um cachê para o Alef, porque ele não vai trabalhar de graça, mas o cachê dele, que ele assinava, era aquele valor, mas tem escola de samba que diz, “Tu cobra cinco mil reais a costura, coloca dez mil reais, cinco mil é meu e cinco mil é teu”, aí é sacanagem. Tu ia ver na avenida e estavam num trapo, mas como? Por isso o pessoal bate muito. Então, o que eu digo é isso, o pessoal não sabe a realidade. Sou contra os cachês, mas sou a favor de colocar uma estrutura na avenida, uma iluminação boa, uma segurança boa, uma arquibancada para tu, tua família ir assistir e teus filhos, isso o município tem obrigação. Se a escola quiser seu Carnaval bonito, vai correr atrás de projetos e vai fazer eventos ou se o município quiser ajudar com dinheiro, dá um cartão de compra.

Débora: Tu concordas?

Alef: Acredito que por existir a Secretaria de Cultura e por ter uma verba destinada para a cultura, pode ter sim um valor dado para cada agremiação. Eu tenho um pensamento assim, sou muito pelo Carnaval, acho que se a prefeitura ceder quinze mil reais, vai ser quinze mil para cada escola, mas vai ter que investir, a gente quer ver esse investimento, porque tem escolas que realmente.. a gente, a Filhos de Jardel já precisou muito do cachê da prefeitura, pelo fato de a gente não ter barracão, teve momentos que a gente iria fazer o almoço, mas para fazer o almoço tinha que alugar o espaço, se tivéssemos um Centro Comunitário no bairro, a gente poderia ter dentro da pasta do Centro Comunitário, a pasta da Escola de Samba, para a Escola poder usufruir do espaço.

Simião: A ideia é boa, mas é voto vencido, porque a maioria das Escolas tem seu barracão, eles não vão querer que botem verba só para quem não tem barracão.

Débora: Vocês veem relação entre o surgimento dos blocos de rua e o enfraquecimento das escolas de samba? Como vocês enxergam os blocos de rua?

Simião: Acho que não, porque o povo é o mesmo. Teve uma época na qual a gente colocou mais gente que o Estádio Alfredo Jaconi na avenida.

Alef: Para falar a verdade, em 2020, acho que os Blocos se superaram. Simião, para ser bem realista mesmo, os blocos venceram drasticamente. No Bloco da Velha tinha sessenta mil pessoas no domingo, tanto que eu falei para eles, fiquei

quarenta e cinco minutos e fui embora, porque era um empurra, empurra federal. Sempre teve o pessoal que aprecia o Carnaval e ia ver o desfile, já teve noites que tinha vinte, vinte e cinco mil pessoas na Sinimbu. O pessoal gosta do Carnaval, ele só foi enfraquecendo por esse fato.

Simião: Posso fazer uma pergunta para ti e para ele? Ele é teu namorado?

Débora: Pode. Sim.

Simião: Seja sincero, o que tu preferiria: que ela saísse de maiô, de biquíni, desfilando como rainha de bateria e tu tocando na bateria ou vocês dois no bloco de camiseta e cordão havaiano?

Jeann: Não tenho problema nenhum nessas questões de roupas.

Simião: Mas a maioria do público é assim. Eu não sou preconceituoso, mas tu pega hoje os gringos, eles são os primeiros a discriminar o negro que está ali de biquíni, mas eles estão enfiados no Bloco da Ovelha, porque o negocinho deles é o dedinho, é a marchinha.

Alef: Outra coisa que eu acho Simião, para acrescentar, tem muita pessoa que reclama do Carnaval, mas se vê uma menina bonita usando um maiô, é a primeira pessoa que quer estar passando a mão. Quando eu fui passista em 2014 pela Protegidos, foi ano de Festa da Uva também e a Protegidos foi contratada para fazer uma apresentação para a Comissão da Festa da Uva, soberanas, embaixatrizes e a comissão social e nesta apresentação levamos a ala de passistas, com cinco, seis meninas e era biquíni, perna de fora, barriga de fora e a comissão social, os rapazes, os gringos, sabe....

Débora: Vocês acham que há sexualização da mulher, na menina usando biquíni?

Simião: Eu acho que é o preconceito.

Alef: Eu acho que é a falta de educação com a pessoa, porque no Carnaval você vai vestir a roupa que você quiser. Eu vou olhar a pessoa que você é, eu não vou te olhar com outros olhos, já vou te ver ali de biquíni, de maiô, com tapa-sexo e já vou olhar para ti, “hummm”, é pegável ou é palpável. Acho muito errado isso, tem meninas que vão para fazer o trabalho, porque o Carnaval hoje em dia gera lucro, gera renda, têm pessoas que trabalham o Carnaval o ano todo, têm meninas que saem do Brasil e vão para a Suíça e vão para a Espanha para dar aula de samba.

Simião: O Carnaval tem muita discriminação, tem gente que sai daqui para ir no Rio de Janeiro assistir o Carnaval..

Alef: Mas não vai no Carnaval daqui da Sinimbu, não vai prestigiar um Carnaval de comunidade.

Simião: A gente teve uma evolução no Carnaval, não vou dizer que estávamos acima de Porto Alegre, mas não estávamos devendo nada para eles, porque estava um luxo aqui.

Débora: Vocês pretendem voltar às ruas?

Alef: Com certeza, nós já temos um projeto para isso.

Simião: Como ele disse, o Carnaval aqui em Caxias, eles começavam a trabalhar os seminários para fazer gravação de CD e escolha de rainhas, era tudo dentro do calendário. Eles começavam lá por junho, julho e agosto.

Débora: Em junho e agosto eles começavam o CD?

Simião: É, fazer as reuniões com os presidentes e depois dali que as escolas de samba começavam a se mexer. Nunca uma escola começou antes, nós já estamos começando hoje. Já estamos entrando em contato. Eu estive em Porto Alegre, já conversei com o Juarez que foi presidente da Associação das Escolas de Samba, já foi presidente da Vila Isabel, e no momento que falei com ele, vim aqui, catei o Alef e disse vamos e ele vamos e já estamos elaborando, a partir de hoje, desta reunião a gente já quer fazer um almoço, uma janta. Vamos fazer um Carnaval em torno de vinte e mil reais, para início dá. A gente tem uma contagem, um almoço com cento e cinquenta pessoas a trinta reais, dá quatro mil e quinhentos, mais copa, vamos colocar cinco mil reais redondo e o resto a gente paga a despesa, com quatro almoços, a gente já coloca a Escola na avenida. A gente aprendeu tanta coisa no Carnaval, até a quantidade em quilos de alimentação para as pessoas a gente sabe, experiência, pega um galeto é trezentas gramas por pessoa, aí tu sabe o preço do galeto, sabe o quanto tu gasta.

Débora: Qual é o público que trabalha pelo Carnaval?

Alef: O que eu quis dizer com pessoas que trabalham pelo Carnaval.. como o Simião estava dizendo, hoje em dia rola muito dinheiro e ninguém faz nada de graça. Quando a Escola me pagou, pelo fato de que, eu decidi ser carnavalesco, então eu não trabalhei em nada mais a não ser em prol da Escola, das fantasias. Então a gente sentou, conversamos, fechamos o meu cachê, é esse valor que a gente pode pagar, é esse valor que eles me pagaram e trabalhei três meses só em prol daquilo ali, então eu não fazia coisas fora de casa. Isso que eu digo por

pessoas que trabalhem pelo Carnaval, que tu até pague, mas trabalhe pelo Carnaval, não só pelo dinheiro, vamos para ajudar a agremiação.

Débora: Como se dão os laços de solidariedade e amizade entre vocês? Um ajuda o outro?

Alef: É a gente é bem família, quando decidimos fazer o Carnaval, claro, como toda família, dá uma briga, tem reuniões assim que saltam faíscas, principalmente do Simião. Tem dias que.. acredito que principalmente na finaleira é o que mais rola briga, estresse à flor da pele.

Simião: A bateria aqui do Jardel parece que eles têm um negócio, eles erram o ensaio o ano inteiro e quando chega na avenida, meu Deus, é bem certinho.

Débora: Como se dá a identidade de vocês com a Escola? Se a Escola ou o Carnaval não existissem, o que mudaria na sua vida?

Alef: Para mim o Carnaval é tudo! Se tivesse trezentos e sessenta e cinco dias Carnaval, trezentos e sessenta e cinco dias para mim seria Carnaval. Posso dizer que, de repente nasci na cidade errada, mas gosto muito de Carnaval mesmo, tenho amor pelo Carnaval. Tenho um carinho, sou filho de Jardel desde que nasci, desde que me conheço, já participei de outras agremiações, mas no Carnaval sou Filhos de Jardel. Para mim o Carnaval é um todo. No Rio de Janeiro não tenho Escola preferida, eu sou muito do Carnaval. Se eu tivesse uma proposta de emprego, de ir fazer um curso em São Paulo ou em Porto Alegre, eu estaria ali.

Simião: Tipo uma criança, uma criança quando ela nasce, ela vai crescendo, ali ela vai ter uma coisa do que vai gostar mais, e no momento que a gente começou a conhecer, claro que a gente não sabe tudo, estamos sempre num aprendizado, mas o Carnaval, báh, é o coração. Hoje nas comunidades cada um tem a sua Escola preferida.

Alef: Têm pessoas também de outros bairros que são Filhos de Jardel, assim, como têm pessoas do nosso bairro que são de outras agremiações e têm pessoas de outros locais que são da Filhos de Jardel também. Antigamente teu bairro era tal, então tu torcias para a agremiação do teu bairro.

Débora: Antigamente quando?

Alef: Um tempo atrás ainda se dizia, ali por 2005 e 2006, era bem competitivo.

Simião: Tu vai hoje a Porto Alegre, umas escolas bem conhecidas.. acho que nem a Incríveis é bem conhecida, uma das mais velhas, mas a Protegidos, Filhos

de Jardel, Mancha Verde, a XV de Novembro, são muito conhecidas. Eu e o Alef deixamos nossa marca lá, marcas boas, porque não vamos negar para ti, teve coisas erradas da Escola.

Alef: Teve gestões e gestões.

Débora: Quantas gestões teve a Escola?

Simião: Teve muitas.

Alef: Na verdade, o que acontece, a Escola decidiu fazer gestão de dois anos, a cada dois anos mudava a gestão e se o pessoal aceitasse, aquela gestão continuava.

Simião: Sou tão de sorte, que sou um dos fundadores e na avenida nunca consegui desfilar como presidente. Quando era para eu ser o presidente e desfilar, acabou o Carnaval.

Alef: Ou mesmo quando foi o presidente desfilou com camiseta normal, correndo para cima e para baixo.

Simião: De presidente foi o César, foi a Lia, foi o Fernando..

Débora: Mas teve quantas gestões?

Simião: Já digo aqui bem direitinho, o Moacir, o Jaime, Suzana, Ronaldo, Fernando, a Lia, o César, o Sandro da Parada Livre, tiveram oito, mas os primeiros ali foram quatro vezes. Em 2018 não consegui desfilar, mas tranquilo, já fui campeão na avenida, fui diretor de harmonia, diretor geral, erguemos títulos.

Débora: Alguns nomes que vocês consideram importantes na história do Carnaval em Caxias?

Simião: Eu tive duas pessoas só, o Alef deve ter outras pessoas.. duas pessoas que me marcaram muito no Carnaval, que em primeiro lugar foi o Dão da XV de Novembro e a Marlene da Incríveis do Ritmo, são falecidos, porque na verdade, foram os que começaram com isso aí tudo, que impulsionaram o Carnaval de Caxias. O Dão é o pai maior, sempre foram pessoas corretas, que trabalharam pelo Carnaval. Teve outras pessoas também, o Cassiano, que é o Amarelinho.

Alef: Na verdade, para mim, o Carnaval começou mesmo depois que completei meus 17, 18 anos, que eu me foquei mesmo naquilo ali, mas que nem o Simião falou, o Seu Dão e a Dona Marlene, que são pessoas do Carnaval do passado que investiram, são pessoas que marcaram. Depois, vão vindo pessoas que fizeram em prol do Carnaval, que deram continuidade, o Simião disse, o Cassiano, que é o Amarelinho, que foi o presidente da Liga das Escolas de Samba de Caxias

do Sul, a Dona Suzana, que foi presidente aqui do Jardel por um bom tempo, pessoas que trabalharam pelo Carnaval. Para mim o Jovi, que tive contato, foi o presidente da Protegidos, que são pessoas na atualidade, que fui conhecendo. O Ricardo Souza, que é o atual carnavalesco da São Vicente, no ano que o Jardel foi campeão em 2008, aprendi muito com ele, mesmo. O Ricardo, o André, que foi carnavalesco da Protegidos e em 2007 foi carnavalesco da Filhos de Jardel, foi também uma pessoa que me impulsionou, me deu muitas dicas para o Carnaval, são pessoas que vejo como uma referência, na questão fantasia. Depois, tem o pessoal do samba, a Dienifer, que é a Maninha, eu vejo ela desde a minha infância sambar, eu sempre como passista mirim e ela como passista adulta, e depois tive a oportunidade de desfilar com ela como passista adulto e depois, preparei ela para ser rainha das rainhas. Eu fico “uau, olha o que consegui”.

Débora: O que você pode dizer de ser carnavalesco e tu presidente?

Simião: Na verdade, não é me gabar, mas sou muito conhecido por causa do Carnaval e o Alef também é muito conhecido. Os carnavalescos antigos, todos dizem que ele é o melhor carnavalesco que hoje temos aí, dessa nova era. Eu me sinto feliz, gosto de desafios, tive muitos desafios e na verdade, eu nunca fui campeão do grupo especial, mas sempre fui um levantador do segundo grupo de escola, fui um dos mais levantadores de segundo grupo. Gosto de desafios, porque sempre têm pessoas qualificadas do meu lado, meu braço direito. Temos o rapaz aqui da frente que é um grande financeiro, que é o Alisson, mas hoje em dia não quer mais. Então sempre tive bem escorado, e sempre aonde eu vou, levo ele e o rapaz junto. Hoje quem está aqui do meu lado e vai tocar o negócio para frente, tenho muita confiança é esse cara (Alef), sabe muita coisa, vou aprender muito com ele ainda, fico feliz, e o bom é que ele nunca me abandonou (inaudível).

Alef: Acho que quando tu ganhas um papel dentro de uma escola de samba, tu tens que empenhar ao máximo. Se és convidado para ser carnavalesco, acaba tendo uma profissão e tem que ter empenho, porque o carnavalesco é que monta a escola, tu não vai dormir, isso é nítido, tu vai ficar a noite sem dormir pensando naquilo, vai trabalhar em prol da Escola, pelo fato de que o carnavalesco vai colocar a escola na avenida e se a escola não estiver bem, a culpa é do carnavalesco. Tem a gestão, tem o presidente, tem tudo, mas quem montou as fantasias? Quem levou a escola para a avenida? Foi o carnavalesco. Então, é

toda uma responsabilidade, eu gosto de desafios, às vezes estou em casa sem dormir na época do Carnaval, o meu marido diz, “Ah, vai dormir! O que é que tu estás fazendo que não foi dormir ainda?”

Simião: A gente fez o samba “As sete maravilhas” e fomos a única Escola que colocou sete carros alegóricos na avenida, cada um com uma maravilha. A bateria fez um coração no meio da avenida e as rainhas do Carnaval de Caxias ficaram no meio, tipo um recuo.

Débora: Quantas alas têm normalmente?

Alef: Varia entre oito a doze alas. Depende do tema.

Simião: Tínhamos alugado a fantasia mais bonita de Porto Alegre para a nossa candidata e descobriram, uma Escola aqui que não vou citar o nome, e foi lá.. na verdade, tinha uma menina que desfilava com nós, todo ano ela concorria à rainha, eu e o Alef dissemos para ela, para a Priscila, ela é bonita, “não vai, tu já é figurinha carimbada, espera um ano ou dois, aí depois tu vens, abafa e vais ser a rainha do Carnaval”, porque ela é do Jardel, mas o que ela fez.. foi para a Protegidos da Princesa, que é a nossa rival e conversou com o carnavalesco que falou, “tu não ganhas porque está na Jardel, vem para cá que aqui tu ganhas”, eu disse “não vai”, sabe o que eles fizeram? Botaram um espião e descobriram a nossa fantasia em Porto Alegre, fantasia linda, com penacho de faisão, chegaram e falaram para a Viviane Rodrigues, lá do Tatuapé, da Restinga, eu não descobri, me contaram, “E essa fantasia aí?”, “Essa fantasia a Jardel alugou”, “Quanto vale?”, “A fantasia vale quatro mil reais”, “Nós demos sete mil reais agora e a fantasia é nossa”, e na semana, faltando três dias para o desfile, achei que a fantasia estava garantida, me deu um negócio de ligar para ela e disse “Posso buscar a fantasia aí?”, “Báh, eu vendi”, como é que a guria iria ficar sem fantasia? Fomos lá e conseguimos uma, toda preta, o Alef trabalhou um penacho todo prata, fez uma coreografia com a guria no tamborim e a guria lá, com a nossa fantasia, achou que iria ser a rainha e foi a princesa e nós fomos lá buscar outra fantasia, em cima do laço e ganhamos com outra menina que escolhemos aqui. Ganhamos da Protegidos da Princesa.

Débora: Então está bom pessoal, obrigada e qualquer dúvida vou chamando vocês.

Simião: Aparece aí mais vezes, da próxima vai ter um coquetelzinho com a nova diretoria.

APÊNDICE B – ENTREVISTA II

Entrevistado: Valmor Kasenski (conhecido como Xuxa), presidente da Associação Cultural Beneficente Unidos da Zona Norte.

Entrevistadores: Débora Fabiana Pereira e Jeann Vorpapel Portalete.

Entrevista realizada em Caxias do Sul no dia 15 de março de 2020, no bairro Fátima, na residência do entrevistado.

Débora: Então você começou na XV de Novembro?

Valmor: Olha, comecei a viver Carnaval lá na XV de Novembro. Eu tinha um filho pequeno, agora é aquele ali, que está grandão, sempre junto comigo, e foi gostando, ganhou o primeiro tamborzinho do mestre Sabonete (Jonas Eduardo), nosso mestre da antiga, aí começamos a gostar, não largamos mais, virei presidente e meu filho mestre de bateria da Escola. Foi o mestre mais novo a puxar uma Escola, quando tinha dezesseis anos e fomos campeões.

Débora: Em que ano?

Valmor: Era 2014, fomos campeões do acesso. A história da nossa Escola é bem assim, a gente saiu um ano como bloco, fomos campeões, no outro ano, saímos no acesso, esse foi o ano em que fomos campeões. Subimos três anos e aí parou o Carnaval.

Débora: Qual é o teu nome completo?

Valmor: Valmor Kasenski, um polaco no samba, bem assim.

Débora: Tua data de nascimento?

Valmor: Onze de setembro de mil novecentos e setenta e um.

Débora: Qual é a tua origem?

Valmor: Nova Prata, a terra do basalto.

Débora: Qual é a tua profissão?

Valmor: Já faz alguns anos que sou motorista dos Correios, Sedex 10.

Débora: Como chegou em Caxias do Sul? Veio com qual objetivo?

Valmor: Na realidade, lá no interior de Nova Prata, a gente morava lá na colônia, a minha mãe veio um pouco antes para trabalhar aqui, eu tinha perdido o meu pai bem novo, e a gente estudou até quando tinha aula, até onde permitia, era até mais ou menos terminar o primeiro grau, quando terminei lá, vim estudar, trabalhar

e morar para cá. Isso já faz uns trinta e quatro anos e estamos por aqui, é um envolvimento para cá e para lá, nunca paramos, direto.

Débora: Qual a sua relação com o Carnaval?

Valmor: Bom, agora aqui em Caxias nós estamos naquela fase de tentar reerguer de novo o Carnaval. A gente se envolveu, com um objetivo nada muito direcionado para o Carnaval, mas a gente foi se envolvendo, gostamos e ficamos até agora. A gente tem uma co-irmã em Arroio do Sal e no mesmo ano que paramos aqui, a gente foi fazer Carnaval na praia, ficamos e trabalhamos lá, já por quatro anos. Então, a gente nunca parou, o Carnaval está sempre dentro da gente e vamos vivendo o Carnaval. Esse ano, como tínhamos envolvimento na praia, não tínhamos condições de em um mês e pouco de colocar a Escola na avenida, a gente só apoiou, prestamos como a gente pode para ter o Carnaval esse ano na Sinimbu. Agora, vamos tentar ver o que vai acontecer com o nosso Carnaval, ano de eleições, a gente sabe que não é fácil trabalhar nesse sentido, mas vamos aguardar os próximos meses de reuniões.

Débora: Quando vocês abriram a Escola na praia?

Valmor: A da praia é bem mais antiga que a nossa, é Unidos do Arroio do Sal. O envolvimento com a Unidos do Arroio do Sal, vem desde a época que ali na Zona Norte, onde o Seu Valdir tinha a Império da Zona Norte. Há uns 10 anos atrás acredito, teve uma série de mudanças aqui em Caxias, que até foi fundada a Liga, enfim, tinham escolas com problemas no estatuto, de papelada, só que na época a Império, era a Escola aqui da Zona Norte, por isso que agora ficou Unidos da Zona Norte, a gente não fechou, mas tivemos que renomear toda a estrutura que tinha, fazer um novo estatuto, mas no Carnaval da praia, desde a Império a gente tem envolvimento, ajudamos o pessoal por vários anos a desfilarem em Porto Alegre, no Porto Seco, a gente ia e eles vinham.

O Carnaval é uma grande família, sozinhos, em uma comunidade como a nossa, não vamos conseguir fazer o Carnaval, tem que ter pessoas envolvidas de outras agremiações, que nem ali, a gente vai na praia, vai lá em Porto Alegre, eles vem aqui, então a gente se ajuda. A grande maioria das Escolas daqui, se não é todas, sempre tem essa ajuda.

Eu sou um crítico dentro das escolas, porque acho que o nosso Carnaval, as nossas escolas não conseguem se ajudar, aqui nós nos ajudamos para ter um Carnaval, sempre cada um quer ter uma coisinha a mais, “ah não, não vou ajudar

fulano”, aquela coisinha assim, de detalhes. O pessoal me critica muito, porque eu falo, não adianta, não tem porque esconder.. temos afinidades com as demais ao redor, já fomos a Uruguaiana no final de semana passado, então, o Carnaval que a gente faz é mais ou menos nesse sentido, muito trabalho.

Débora: Desde quando participa do Carnaval?

Valmor: Nossa, já faz mais de vinte anos, meu filho tem vinte e dois, uns vinte e seis, vinte e sete, com certeza. Isso que a gente não tinha muita afinidade com o Carnaval, imagina se tivesse. Faz tempão.

Débora: Como conheceu a escola de samba?

Valmor: Na realidade, participei desde a fundação. A gente se reuniu em torno de oito pessoas remanescentes da Império, trabalhamos para fazer um estatuto novo, uma nova direção, fazermos um trabalho, começamos do zero em 2010, isso. A Unidos da Zona Norte, a Império, é a terceira Escola mais antiga de Caxias, ela é da década de 40, mais ou menos, é uma Escola que está hibernada, não está em atividade, tem o nome, tem a história, mas ela não participa dos Carnavais. Se não estou enganado, tem a Protegidos, na realidade, a mais antiga, só que não existe mais, é a Barca do Samba Quer, aqui do Fátima, era uma escola de samba, depois foi a Protegidos, depois a XV de Novembro, é tudo mais ou menos a mesma época, depois as outras, são todas mais novas. A do Simião é bem mais nova, mais ou menos da idade da nossa, a Incríveis do Ritmo é um pouquinho mais velha, a Pérola Negra, a Acadêmicos do Arsenal.. a do Arsenal é a Escola mais nova que tem em Caxias, essa que desfilou esses dias na Sinimbu que teve o Carnaval, e ela começou com a mão de obra, pessoas e instrumentos da Unidos da Zona Norte. Aquela história que te falei que a gente começou como bloco, a Acadêmicos do Arsenal também começou como bloco dentro da nossa ajuda, a gente colocou a bateria, toda a estrutura, a gente que apoiou eles.

Débora: Muitas escolas começaram como bloco?

Valmor: Todas. Na realidade, a escola não tem como começar como escola. Dentro do Estatuto que nos rege em Caxias, ela sempre vai começar como bloco, vai fazer todo o trabalho que necessita, vai se graduando com o trabalho de ano a ano, de bloco vai para o acesso, e assim, sucessivamente, dentro das conquistas da escola, se foram campeão ou não, aquele ano sobe, se não for campeão não sobe, enfim, é assim que funciona para ser escola.

Débora: Qual papel ocupa na escola de samba?

Valmor: Da Unidos eu sou uma espécie de sócio e proprietário.. a gente não tem como ser proprietário de uma agremiação, mas, desde montar o estatuto, desde a formatação da primeira ata, sempre fui eu na linha de frente, então faço parte da história da Escola, desde o nascer, desde o que está até agora, esse é o meu papel dentro da Unidos. Agora, no Carnaval em si, já fiz de tudo, a gente já participou até de empurrar carro, se precisar, a gente empurra no desfile, não tem como ser exclusivamente uma coisa, quando a gente se envolve, se envolve, e costura, cola, cola os dedos com cola quente..

Débora: Você tocava na bateria?

Valmor: Essa parte eu deixei para o meu filho, a gente mais se atrapalhava que cantava. Tu vê que o cantar conta pontos no Carnaval, a escola vem com o tema enredo, com o samba, com empolgação, tu tens que estar cantando o teu tema enredo do ano, então alguma coisa tu tens que cantar, no mínimo tens que acompanhar a música, a letra do ano que estamos falando.

Débora: Até a escola toda tem que cantar?

Valmor: Sim, quanto mais gente empolgada, com mais envolvimento, tudo conta, é tudo ponto, então temos que fazer de tudo um pouco.

Débora: Há diferentes funções para homens e mulheres dentro da organização da escola de samba?

Valmor: Não, na realidade, nós ali, essa discriminação sinceramente não tem. Tem as meninas que tocam, que puxam, que cantam, tem homens que costuram, não tem discriminação nenhuma, a distinção é força de vontade de trabalhar, tendo isso, já está conseguindo ficar dentro da Escola trabalhando, não tem uma discriminação no sentido de um fazer uma coisa e do outro não fazer nada, é bem tranquilo nesse sentido, graças a Deus. Não tem essa, até porque, eu acho que dentro do Carnaval, é onde as pessoas conseguem se expressar melhor, as ideias, o que faz, o que deixa de fazer, é uma cultura, na minha visão, é a mais eclética, ela deixa transparecer o que cada um pensa, não tem porque a gente chegar lá e ficar criticando, tem a crítica construtiva, que nem o enredo, principalmente esse ano no Rio de Janeiro, o pessoal falou muitas verdades e muita gente não consegue falar, então, nesse sentido, é bem legal do envolvimento com o Carnaval, a gente consegue expressar essas ideias, que normalmente no dia a dia não a gente não pode.. poder pode, mas corre-se o risco de um monte de vaias, digamos assim.

Débora: Como é feito e escolhido o samba-enredo? O Rei Momo, rainha e porta-bandeira? Também tem Escolas que pegam de fora, como é aqui?

Valmor: É mais ou menos igual, o que acontece, o samba-enredo a gente já pensa que para daqui dois anos tem que estar em mente, uma ou duas ideias do que vais falar, se estamos no Carnaval deste ano, o do ano que vem a gente já tem pronto. O pessoal fala muito que o Carnaval é aquele dois, três dias que tem ali, mentira, tu vês, de um ano para o outro, a gente já está trabalhando, terminou um, no mínimo a ideia do que tu vais falar no outro ano tu já tens e isso vem dentro da comunidade, a nossa direção, o presidente, o vice, enfim, quem tiver uma boa ideia, sempre é bem-vindo. Então, não é porque sou presidente que vou fazer tal tema, não.. a gente elege e vamos conversando no ano e muita vezes acontece um fato do nada, ano que vem vai ser esse tema, então a gente já vai discutindo, por isso que esse ano foi difícil, com um mês e pouco.. as Escolas que saíram eram porque estavam na rua para sair no ano, mas foi parado e não teve o desfile por causa de várias situações, então, elas trouxeram aquele tema que já estava previsto naquele ano, há quatro anos atrás e esse ano conseguiram.

A Acadêmicos do Arsenal participa do Carnaval de Tapes, então a Escola que veio e desfilou, foi a Escola que foi campeã em Tapes esse ano e como nós e Arroio do Sal foi em cima, juntos, não tinha como a gente fazer, então, fazemos esse intercâmbio, um ajuda aqui e o outro ajuda ali, vai fazer o Carnaval lá do pessoal, vão de dois a quatro ônibus, vai instrumento, fantasia e participa.

Então, do Carnaval a gente não vive, se alguém falar aqui que a gente vive do Carnaval, é mentira, a gente vive o Carnaval, agora é muito trabalhoso e é difícil conseguir as coisas para o Carnaval. O pessoal diz que vai destinar dinheiro para o Carnaval, não é isso, o poder público não larga o dinheiro para o Carnaval, eles direcionam para tu ir atrás, para procurar patrocínio e fazer um evento para angariar fundos. A imprensa, ela é meio direcionada, para não dizer tendenciosa, eles dizem que a prefeitura destinou dinheiro para o Carnaval, não é assim, é só tu viver o dia a dia, é mentira, não é direcionada, isso já se tem um projeto de captação de recursos, daí tem os recursos, mas não é tirado de deixar de fazer uma escolinha ou fazer um posto de saúde pelo Carnaval, fazer uma escolinha ou colégio, não tem como fazer eventos, não tem lógica fazer um evento para construir uma UBS aqui no bairro.

O Carnaval a gente tem assim, monta os projetos dentro da Lei Rouanet e leis de incentivo. O Carnaval é um evento, só que é trabalhado o ano todo, a grande maioria do povo, da comunidade, diz que o Carnaval gasta dinheiro. Esses anos que não tiveram Carnaval, falavam que o prefeito lá de não sei onde tirou o Carnaval e colocou o dinheiro na saúde, mentira, não tem dinheiro para colocar na saúde, se ele fazer isso é uma improbidade, não tem essa. Caxias é um exemplo do dinheiro que perdemos com essa complicação na política, de impeachment, é a pior coisa que tem para uma cidade, fica tudo parado, porque tu não consegues captar, não consegues fazer um projeto, não consegues trabalhar, mas enfim, o pessoal gosta de bater no Carnaval, que é tudo por causa do Carnaval, mas tudo bem, vamos lá.

Débora: Como é a escolha da rainha, do casal de porta-bandeira e do Rei Momo?

Valmor: O Rei Momo, junto ao evento da escolha da rainha, normalmente ele é apresentado por uma escola ou pela Liga mesmo, ela tem esse poder de indicar e dizer que no próximo ano o Xuxa vai ser o Rei Momo. No dia da escolha da rainha, ele vai ser coroado, empossado como Rei Momo, tanto quanto a rainha.

Os blocos e as Escolas quando propõe desfilarem no ano seguinte, está no estatuto que ela tem que indicar no mínimo uma menina para ser candidata, pode por mais, de três a cinco, mas é um custo que ninguém vai querer botar. Aí a gente faz o evento, normalmente dentro de um clube ou numa quadra de escola de samba, faz o evento de escolha que nem na Festa da Uva, tem os quesitos, tem os jurados e a que mais se assemelha no que estão pedindo, é escolhida a rainha e suas princesas.

A porta-estandarte, mestre-sala e porta-bandeira, essas são exclusivas da agremiação da escola, normalmente uma porta-bandeira é quem vai conduzir o estandarte e vai mostrar o pavilhão da Escola, na linguagem do Carnaval, a bandeira com a qual ela fica desfilando é o pavilhão e apresenta a escola para quem está assistindo. Essa menina, normalmente tem muita afinidade com a escola, tem história dentro, é escolhida, está envolvida e se dispõe também.

O mestre-sala e porta-bandeira, que é o casal que desfila, normalmente tem três, o casal um, dois e três, e lá para cima, tem mais ainda, deve ter oito, não me lembro agora o máximo, mas tem vários e vai por hierarquia dentro da escola. O casal número um, depois da porta-estandarte, é o que mais está envolvido. A porta-estandarte, a menina, não tem pontuação sozinha, mas mestre-sala e porta-

bandeira, tem pontuação igual à bateria. Então, são três 10, três 9, vale muito, então esses aí, as escolas normalmente trazem de fora, para gabaritar o 10, que é nota. Imagina nós, a última vez que saímos aqui em Caxias com quatrocentos e trinta pessoas, dessas todas quatrocentos e trinta, a evolução, vale ponto. Na bateria saímos com sessenta e setenta, também vale os 10 e ali, só aquelas duas pessoas valem também 10, os mesmos pontos de toda a escola, então, onde é mais fácil trabalhar, escolhe o casal, já tem garantido os três 10. É que nem o centroavante de um time, vão querer pegar aquele que faz gol, não vai contratar o cara para ficar perdendo gol, é escolhido para ter garantia, nem sempre é garantido, cansamos de ver um cara ou uma menina tropeçar e se espatifar na apresentação, fazer o que.. é da vida, aí não ganha os 10 pontos, pronto.

Débora: Vocês tinham da Escola ou vinham de fora?

Valmor: Mestre-sala e porta-bandeira era nosso e ele era fera mesmo, mas a vida não quis deixar ele trabalhar com a gente, daí nas últimas seis edições trouxemos de fora. O mesmo com a comissão de frente e harmonia, que puxam o samba e cantam. Normalmente a gente tem alguém da Escola, mas tem um pessoal mais forte que a gente coloca para fazer o time ganhar, para chegar na pontuação que queremos, sempre vamos procurar fazer o melhor. Nessa conjuntura de escolhas é mais ou menos assim, não tem mágica que faça, então, fazemos as escolhas, às vezes conseguimos fazer escolhas boas, outras vezes não, é assim que funciona.

Débora: Quem escrevia a letra do samba-enredo?

Valmor: Então, normalmente temos a ideia do tema, vamos falar sobre as árvores e a natureza por exemplo, o nosso compositor era o Tom Astral, lá de Porto Alegre, tem vários, aqui em Caxias tem duas pessoas que são capacitadas, mas elas são já de Escolas, então tu ir lá, fica uma coisa meio chata, então, já vem pronto de fora com a harmonia junto, faz, grava e a harmonia está junto. Ele já sabe como fazer, sabe onde estão os tons e as notas da música, pois, foi ele quem fez, onde vai parar de cantar, o que vai fazer, aí é só ensaiar.

Ensaiai é um trabalho, porque tudo é custo, esse pessoal se a gente pega de fora. No começo a gente vai ensaiar a bateria, que é com o povo da comunidade, mas sempre é custo, tu tens que disponibilizar tempo, tens que ir atrás de uma coisa, estraga o instrumento e conserta, é tudo custo. O pessoal que vai ensaiar, ensaia bem a bateria, fica quatro meses ensaiando e o pessoal de harmonia está lá

também, mas é bem mais fácil, eles vão decorar a música e a letra, como já fizeram e gravaram, então tem uma facilidade tremenda de acertar e ensaiam um mês e pronto. As Escolas trazem a harmonia, normalmente, no último mês, que encaixa o que a bateria ensaiou, que tem o tom do que a música está dizendo, com a harmonia, bem no final, até por causa dos custos, para nós aqui de Caxias, em Porto Alegre eles têm estúdio, é diferente. Acontece nos finais de semana, sexta-feira e sábado. Chega na avenida redondo, um já tem ensaiado e o outro também, então, é só juntar aquela partezinha.

Nós, leigos da música é uma coisa, a gente nem tem noção do que eles estão falando, mas um fala “faz a primeira”, o outro “faz a terceira”, pronto, os caras já sabem, para nós é uma dificuldade desgraçada, para mim pelo menos, mas, os caras chegam ali e fazem bem ligeirinho.

Débora: Vocês ensaiavam com qual periodicidade?

Valmor: Teve anos que ensaiamos quarta, sexta e sábado. Em outros anos, fazíamos intercâmbios nas comunidades, a gente dava aula de percussão no Campos da Serra, íamos lá de noite na sexta-feira, reunia a comunidade e tinha a gurizadinha para quem dávamos aulas. Conforme vinham se capacitando, se destacavam, ajudavam na comunidade. Isso foi durante dez anos. Nos lugares que não tinham escolas, mas tinha o pessoal que queria se envolver no Carnaval, a gente ia lá com os instrumentos, com toda a estrutura e ficava. Eram umas festas nas comunidades, coisa mais boa do mundo, o pessoal se envolvia, falavam “o pessoal da Zona Norte está vindo ali, vamos fazer um salchipão”, era uma festa, então tínhamos um trabalho muito dez. Esse pessoal aí, para teres uma ideia, nesse Carnaval eu vi toda essa gurizada ali, um monte deles desfilando na Escola do pessoal que desfilou, eles estavam mais envolvidos do que nós, o pessoal da antiga, porque eles gostaram de ficar envolvidos.

Débora: Aonde vocês ensaiavam?

Valmor: A Zona Norte não tem pavilhão. A gente ensaia no Belo Horizonte, ali tem o colégio Tancredo Neves, então, a quadra do colégio, a gente fecha ela e ensaiamos na frente do Tancredo. Os ensaios da Unidos sempre foram ali, fora esses movimentos que tínhamos nos bairros, no Bom Pastor, no Monte Carmelo, mas lá íamos para conseguir pessoas para vir, capacitar elas para desfilarem com a gente. Depois, colocamos as vans nesses lugares e quem estava disposto a vir ensaiar, vinha tudo ali.

Tem Escolas com o pavilhão, o XV de Novembro, a Protegidos, todo mundo diz o Gaúcho, mas a Escola é Protegidos da Princesa, tem a Incríveis do Ritmo, a Unidos do Centenário, que tem pavilhão e não usufrui, tem o pessoal da Pérola Negra, tem o pavilhão próprio, essas comunidades têm uma facilidade maior de trabalhar o Carnaval. A São Vicente não tem, Tia Negrinha ali, o Jardelino, esse pessoal nosso não tem pavilhão, Unidos da Tia Marta, mas sempre tem um local na comunidade, como os colégios. Teve anos que ensaiamos dentro da quadra de esporte do colégio, mas isso vai muito do diretor e da diretora, se gosta do Carnaval, se não gosta. Ficamos vários anos ali, ensaiando dentro do colégio, era uma paz tremenda, tinha toda a estrutura e dava para fazer as fantasias lá. Tínhamos o projeto que a gurizada no lado oposto das aulas, podiam ir lá trabalhar em cima, era um trabalho bem legal, só que infelizmente, nem todo mundo pensa assim, aí dificulta, mas fazer o quê? Vamos trabalhando, mais ou menos assim guria.

Débora: Quais bairros fazem parte da Unidos da Zona Norte?

Valmor: Os bairros que tem mais envolvimento são, o Belo Horizonte, o Vila Ipê, Santa Fé, Kenyon, Portal da Maestra e o Fátima aqui, é onde não tem Escola. No bairro Pioneiro tem parentes que estão envolvidos, então eles vêm com nós ali, a gente não procura tirar as pessoas das comunidades onde tem as escolas, que nem ali tem a Incríveis, então, fica chato o cara ir ali e convidar, tu não vais dizer não, mas não é regra, mas isso é o que o Carnaval tem de bom, a grande maioria não fica usurpando os componentes de dentro do teu bairro, estão livres para escolher, vão aonde quiserem, não tem problema, que nem nós desfilamos ali com todas as escolas em volta, mas não é aquela coisa que a gente procura direcionar os outros locais.

Aqui da Zona Norte, são esses que te falei, tem também os morenos aqui no Parque Oásis, tem uma turma bem grande fazendo o Carnaval junto com a gente. Aqui em casa, tu viu? Só tem negão no samba, os caras falam, “como é que pode?”, eu digo “eu não sei, mas eu sou negro”, eles brincam muito comigo, a gente tem uma certa liberdade por causa do Carnaval, o pessoal conhece, mas também, depois de tantos anos quem não vai conhecer? Graças a Deus a gente tem uma aceitação bem grande, um trabalho bacana com todas as comunidades, não temos restrição de chegar lá na São Vicente, lá no Burgo, no Jardelino ou lá na XV de Novembro, a gente tem as portas abertas por causa do Carnaval, tem

certas situações que não dá, mas graças a Deus, para nós, está bem tranquilo, podemos ir em qualquer comunidade que as portas estão abertas, que bom! Nem todo mundo tem essa liberdade, dentro do Carnaval tem essas coisas, Deus o livre se tem!

Débora: Quantas alas existem no desfile?

Valmor: O que tem certo, que não tem como tu mudar, é a alas das baianas, a comissão de frente, que abre o Carnaval, fazendo a apresentação da escola. Depois tem os casais, mestre-sala e porta-bandeira, a bateria, a harmonia e as alas em si que vem, é a história que tu vais contar, se consegues contar a história com três alas, vais colocar três alas, tu nunca vais querer arriscar colocar dez alas, é um risco desgraçado de grande, se consegues contar com três.

Tem o mínimo dentro das alas, normalmente é vinte e cinco pessoas em cada ala, se conseguir colocar vinte e cinco pessoas em três alas, são setenta e cinco, porque vais colocar seis alas e correr o risco? Então, vai muito do que você vai falar e se consegues contar a história. O carnavalesco vai pensar em como demonstrar o que está se cantando, ele tem que estar junto com a harmonia e com a bateria, tem que estar por dentro e saber o que está acontecendo, porque uma coisa puxa outra, ele com as alegorias, com as fantasias e com o carro alegórico, vai demonstrar o que estamos cantando, vai traduzir em imagens. Os carros alegóricos têm o mínimo, mas o máximo não tem, isso vem de regulamento.

Débora: Qual é o nome do regulamento que rege as escolas aqui de Caxias do Sul?

Valmor: É o Estatuto da Liga Carnavalesca de Caxias do Sul. Cada cidade, cada Liga, tem o Estatuto próprio, mas não foge muito daqueles de São Paulo e do Rio de Janeiro, tem detalhes de adequação do seu montante da escola. O Rio de Janeiro tem umas duzentas mil pessoas, seis mil integrantes, e nós aqui somos em quatrocentos integrantes, uma ala deles lá é a nossa Escola. É só essa adequação no estatuto, no geral ele é, por exemplo, que nem um regulamento para o campeonato de futebol, é uma competição, então tem as regras, Minas Gerais tem as suas, São Paulo tem as dele, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul, tem outras, mas não foge muito um do outro.

Débora: O regulamento muda de ano a ano?

Valmor: Não, ele é fixo e para mudar ele.. aqui em Caxias a gente trabalhou muito para fazer o estatuto, tu não faz ideia guria, ficamos quase seis anos, cada ano uma coisa ou outra ia mudando, isso há quinze anos atrás, mais ou menos. A gente tinha uma dificuldade de se aperfeiçoar dentro dos moldes do Carnaval. Aqui era uma regra separada, Caxias não seguia o molde no geral do Carnaval e é muito detalhe, parece que a coisa é a mais fácil do mundo, mas não é, por exemplo, a bandeira da menina que está lá, ela tem o tamanho exato, nós não tínhamos isso, não tínhamos um regulamento exato, cada um fazia uma coisa e ia, no outro ano mudava, mas tínhamos que fazer uma reunião com todos os presidentes, uma ata nova, levávamos e registrávamos no cartório, é tudo dentro do regulamento, tudo bem certinho, todo mundo assina, firma no cartório, legalizado, o negócio tem que andar. Depois que está no papel, perdeu ponto é isso aí, porque isso se repassa aos jurados, eles vão ficar te observando no desfile e estão com o regulamento, não querem saber se é o Xuxa ou a Débora, está ali o regulamento, gordo, magro ou feio, é tudo igual, eles vão pelo o que está no papel.

Aqui em Caxias termina o Carnaval em fevereiro, que nem agora terminou, dali um mês, um mês e pouco, se sentavam todas as escolas na Liga e íamos nos preparando para o outro ano, porque na hora dos resultados, foi amizade, o bicho pega lá só com os presidentes, é de sair lasca, coisa bonita de ver, só quem viveu lá para ter noção. Então, logo na primeira, nos organizamos. Vai para uma eleição, a maioria vence e está mudado tal quesito.

Débora: Tem que estar sempre por dentro.

Valmor: É, tem que ser, se não foi numa reunião dessas dali, automaticamente aceitou o regulamento que está lá, se queres uma mudança, tem que estar lá, é que nem mais ou menos política, se for impeachmar ou aprovar projetos, vai até acertar, claro que ninguém vai lá para brigar, antigamente sim, era uma brigaiada, era gente saindo correndo atrás do outro, era bonito de ver. Ganhava uma, a outra não ganhava, fechava o tempo valendo, que nem esses abobados das torcidas organizadas, que têm esses tumultos, era assim, mas depois foi se trabalhando e estou desde aquela época que se resolvia no carço mesmo, tenho essa liberdade de falar, porque vivi isso, e agora não, se fizer alguma coisa de errado, vai arcar o teu erro.

Pensa na dificuldade tremenda do presidente de uma escola, a diretoria na linha de frente, dificuldade até nas camisetas, porque assim, vais entregar a camiseta para alguém e se esse danado quiser brigar, está com a camiseta ferrou, estava com a camiseta da escola, vai arcar com as consequências, que nem essas torcidas, os caras metem as camisetas de um time e querem brigar, mas estava lá, mesmo não sendo do time, tem que ter um cuidado danado em distribuir muita camiseta.

Débora: Essa situação já aconteceu com vocês?

Valmor: Não, com nós não, graças a Deus, mas, com outras escolas aconteceu de perder campeonato por causa dessas torcidas, trabalharam o ano inteiro e dois abobados estragarem tudo, é uma dificuldade danada isso aí e se você não está no meio, parece tão fácil isso daí, camiseta, o que é uma camiseta? As histórias do Carnaval tem cada coisa, é tu vivendo, ter uma disponibilidade de tempo para conversar e ir colocando esses assuntos assim, fica bonito, o cara ficar revivendo o que aconteceu, essa parte é bem boa, nem que não tenha Carnaval a gente consegue, como tem o pessoal da antiga, ali o Seu Valdir, o Salésio, presidente da Pérola Negra, agora são os filhos dele que estão tocando, mas era nosso da antiga, quando a gente senta e começa a mentir, contar Carnaval, passa rápido as horas que a gente nem nota.

Débora: Tu tens esse regulamento?

Valmor: Tenho este regulamento, só que agora achar.. posso te conseguir, tenho guardado em algum lugar, vai demorar, me dê uns três dias.. te consigo também o regulamento da Escola para tu dar uma olhada, não tem problema, eu vejo sim, aí tu vais ter noção. Seu eu posso ajudar, ainda mais para uma causa tão nobre, é difícil alguém chegar e se propor a fazer um trabalho de universidade falando do Carnaval. Quando tu falou, eu já entendi, já ajudei uma meninas a fazerem o TCC quando trabalhei duzentos anos na Codeca, me aposentei lá, mas não falaram do Carnaval, mas quando começavam a fazer esse negócio, se arrebatavam tudo, então tenho noção do que é fazer, se eu puder ajudar, fica tranquila que não tem erro e se precisar de fotos, vou precisar de mais tempo para achar tudo e tenho tudo gravado, desde quando fomos campeões com a Império ainda, nunca tinha sido, no terceiro ano, era o Seu Valdir ainda o presidente e eu era o vice-presidente e fomos campeões.

Naquela época, tínhamos o festival de samba-enredo, era a coisa mais linda do mundo, era em outubro, faz uns quinze anos. Era feito nos Pavilhões da Festa da Uva, fazíamos o palco e a Escola se apresentava, mas só com a harmonia e a bateria. Imagina todos nós ali, um contra os outros, só que tinhas que ir com as camisetas, não precisava ir com fantasia nada, só com a camiseta que irias usar nos desfiles, então toda a tua Escola com as cores bonitas nas camisetas e cada escola tinha uma cor, queria que tu visses que coisa mais linda e os abobados conseguiram tirar isso daí. Era o que mais envolvia gente, porque esse do samba-enredo, era gente das comunidades, não tinham pessoas que vinham de fora, que nem porta-bandeiras, então quem estava ali, era neguinho lá do Belo (Belo Horizonte), da Vila (Vila Ipê), estavam todos eles ali, a briga era feia, mas no bom sentido. No samba-enredo, não tinha problema tu ser bloco ou do segundo grupo do acesso, era tudo junto, quem fazia melhor, era o melhor, poderia ir com a bateria, vinte ou trinta, mas, quem fazia o trabalho bem, fosse escolhido o melhor, era o melhor e pronto. Era bem legal isso aí, me dá uma saudade danada, mas, quem manda diz que não pode, então..

Débora: Quando terminou o festival de samba-enredo?

Valmor: Esse faz tempo, barbaridade, era a Império ainda, fazem mais de dez anos.

Débora: Por que acabou?

Valmor: Aí que está, trocou a direção da Liga Carnavalesca, e o presidente pensou, não envolve só as escolas, é a Liga que teria que fazer, tem custos também, tem custo pra caramba, tem que trazer os jurados para fazer a escolha do samba-enredo.. também foi se perdendo o envolvimento, o presidente da época achou melhor não e parou.

Débora: Como se monta a Liga Carnavalesca e se escolhe o presidente?

Valmor: Então, é dentro dessas reuniões com as escolas. Normalmente o presidente de uma Liga tem algum envolvimento político, mas não é regra, e digo porque, a gente tem uma afinidade para conseguir as coisas que precisamos no poder público, tem que ser um cara que tem o conhecimentos do caminho para onde ir, Secretaria da Cultura, para trancar uma rua é na Secretaria do Trânsito, enfim, o presidente é quem tem o conhecimento.

O Carnaval só andou bem mesmo, por sinal, quando o presidente da Liga era o Édio Elói Frizzo, antes foi o Daltro, mas, por meras justificativas rubricas, mas

quem fazia o Carnaval foi o Frizzo, ali que andou, não morro de amores, mas também, não odiei o cara. Ele tem essa liberdade grande de fazer, que nem agora, o cara chegou ali e meteu a mão no Carnaval e está indo de novo, ele gosta, é que nem tu ir numa igreja e gostar de batucada, não dá, se tu tens um cara que comanda ali na prefeitura, na Secretaria, que gosta do Carnaval, a coisa acontece, se pega um potchecão daquele Guerra, pronto, nunca vai dar Carnaval, é bem assim, não tem porque falar que não é. Além de tudo, o Carnaval é político, quer queira, quer não queira.

Exemplo, esse ano o Carnaval foi ferrenho no Rio de Janeiro e em São Paulo, se tem os políticos que ajudam, se fala bem, se não.. e as Escolas vêm e tu não sabe o que vão dizer, politicamente falando, esses detalhes tu levas a sete chaves, não dizes nem para a tua irmã o que vai fazer, porque é ali que vais ganhar, pode-se ganhar o Carnaval em um detalhezinho, esconder um negocinho e não expor aquele efeito que vais fazer, é ali que pode ser ganho o Carnaval. No Carnaval do ano passado teve um cara que desceu de paraglider, essa é uma coisa que ninguém sabe, só vai saber na hora. Esse ano teve uma menina do nado sincronizado da seleção brasileira dentro de um aquário que estava em uma escola do Rio de Janeiro, a guria ficou cinco minutos debaixo da água, que loucura, ninguém sabia e do nada apareceu como uma sereia. Então, como estávamos dizendo, a escola não vai te dizer, esse ano teve o Jesus Cristo, duvido que alguém sabia, só que quando chega ali, todo mundo vê, as empresas filmando, tu vais falar mal ou vais falar bem, tudo está ali, não consegues mais voltar, já aconteceu.

As escolas têm esse lado bom, pode falar o que quiser, mas, vai ser criticada depois, mas ninguém vai conseguir te dizer que não vais desfilar, tem, até tem, mas eles não têm noção certinho do que vai acontecer. A Mangueira, esse ano eles pegaram pesado, Carnaval com religião, falou a verdade, é uma realidade nos tempos de hoje, que está ali e ninguém quer falar e eles expuseram.

Débora: O Carnaval dá uma liberdade de colocares tuas ideias, fazer as críticas que queres fazer?

Valmor: Sim, e tens as críticas que não vão gostar, te lascou.

Débora: Como era a confecção do figurino e dos carros alegóricos?

Valmor: Aqui em casa, minha esposa fazia aqui os figurinos, mas tem coisas que a gente já traz pronto. Quando fazemos o Carnaval, fazemos em parceria, nós

aqui, a gente faz o tema enredo semelhante com quem vamos fazer a parceria, que nem lá de Porto Alegre, eles vêm e já trazem o figurino.

O carro alegórico, temos o carnavalesco da gente que faz, que pensa o que vai colocar no carro, ele é uma ala separada do tema que se está falando. No carro alegórico as pessoas vão te olhar, que nem a coreografia de uma ala. A ala das baianas, também tem que ter, é obrigatório em todo o Carnaval. O carnavalesco que é o cabeça de tudo isso aí, de fazer o figurino, de fazer o desenho, as fantasias, de confeccionar, então, o que a gente não consegue fazer e traz de fora, o carnavalesco de lá é o mesmo nosso, então eram casadas as ideias. Quem faz mesmo a escola sair bonita, aquela coisa, é o carnavalesco, esse é o cara, é que nem um treinador de um time, ele que vai te dizer o que tem que comprar, e no fim tu não tens mais dinheiro, “mas temos que fazer isso ali, é ali que vamos ganhar”, que correria.

Débora: Os carros alegóricos vinham de fora ou eram montados aqui?

Valmor: Não, a estrutura dos carros alegóricos a gente tem e de acordo com o que vamos dizer, vai se fazendo, fazemos aqui mesmo, os carros grandes enormes de grande, imagina vir de fora, não dá. Somos umas das poucas Escolas que temos os próprios carros alegóricos, graças a Deus.

Débora: Onde vocês guardam, já que não possuem barracão?

Valmor: A gente tem uma chácara que a gente deixa. Agora não quero nem olhar como é que está, depois de tantos anos parados, imagina quando for mexer, é que nem tu deixar qualquer coisa parada, enferruja tudo, furam pneus, os pneus já é certo que vai precisar de novos, mas a gente sabe como é que é, se usássemos todos os dias, seguido, que nem o carro, deixa quinze dias parado, começou a bateria, se vai, só a estrutura está lá. Os carros são da Unidos, temos três carros, tem o abre-alas que vai com o símbolo da Escola. O nosso símbolo é uma ideia muito dez, foi a ideia de um negrão e de um loirinho, eu e Seu Valdir, a gente fotografou nossas mão e mandamos para os artistas, por isso é Unidos, unimos duas ideias diferentes para não deixar o Carnaval parar na realidade, ali da Zona Norte. Esse mestre-sala que te falei, ele era filho do Seu Valdir, a polícia matou ele, deu uma história danada, foi se conversando, mas foi danado para conseguir botar o Carnaval de volta.

Pausa para nos mostrar a camiseta da Escola de 2015.

No ano de 2015, falamos sobre Santo Antônio da Patrulha, desde as rapaduras, os copos de cachaça, no alambique, bem legal esse tema, fomos até falar com o prefeito, pedir autorização para falar sobre a cidade, depois, ele veio para o desfile. Foi feito junto com o pessoal de São Leopoldo, Império do Sol, era bonito de ver guria. O cara que fez as camisetas é de Porto Alegre, aqui em Caxias não era bem feita, ele faz até para o Rio de Janeiro, já tem que ter a ideia no início do ano, se não, ele não te faz as camisetas. Não é só o presidente que fala faz e deu, tem que passar na diretoria, discute e vê se muda ou não muda, tudo decidido em conjunto, senão fica chato, se não fizer assim, o pessoal não se envolve e tu fica sozinho, sozinho tu não faz o Carnaval, tem que ter um time grande para trabalhar as ideias.

Débora: Vocês se inspiraram nos carnavais do Rio de Janeiro, de São Paulo ou de outras cidades?

Valmor: Lá de cima, normalmente não, a gente tinha as ideias do pessoal aqui do Rio Grande do Sul, aqui perto, que é mais fácil de trabalhar. O custo aumenta muito se pegar o pessoal de fora, eles não vêm de graça, mas teve anos que pegamos fantasias de São Paulo e do Rio de Janeiro, só que daí a gente só refez ela, trabalhamos na mudança mínima possível, por isso o Carnaval não se faz de um dia para o outro. Nós vamos falar de tal assunto, mas tal escola apresentou o mesmo assunto no ano interior, as fantasias já estão prontas, liga-se lá e diz que se precisa de tantas fantasias de tal ala, vai indo para ver se acerta-se no dinheiro, aí pega e vem e negocia. Tudo o que acontece é lá para cima, nos dois polos, é São Paulo ou Rio de Janeiro.

Débora: Quais ruas da cidade eram ocupadas para a folia?

Valmor: Os primeiros carnavais, isso faz bastante tempo, não é da minha época, mas ouvi falar..

Débora: Mas em que época era mais ou menos?

Valmor: Isso há 40 anos atrás mais ou menos, era tudo ali perto do Gaúcho, naquela região. As escolas não eram assim, não tinham carros alegóricos, as fantasias não eram assim, tinha alas, mas, não é como as alegorias que temos agora, era roupa mesmo, chapeuzinho, mais simples mesmo. O Carnaval mesmo, quando ficou famoso, foi feito na Sinimbu e nos últimos anos tentaram colocar na Plácido de Castro, e esse ano por lei de ofício, a menina chegou e bateu o pé, porque queria desfilar na Sinimbu e tiveram que acatar, a presidente da

Acadêmicos do Arsenal, ela protocolou o pedido na prefeitura e tiveram que fazer o Carnaval na Sinimbu, não queria desfilarem na Plácido de Castro, onde saiu o Carnaval.

Débora: A partir de quando o Carnaval foi para a Sinimbu?

Valmor: Faz mais de 25 anos atrás que acontece na Sinimbu, depois, uns sete anos atrás foi para a Plácido de Castro, ficamos três anos ali, daí parou e agora voltou para a Sinimbu.

Débora: Em qual dessas ruas é melhor fazer o Carnaval?

Valmor: Particularmente, prefiro na Sinimbu, na Plácido, digamos que é meio retirado e escuro, lá é diferente. A Sinimbu, é o lugar em que o cara sempre fez, está acostumado, o brilho da coisa é isso aí, é que nem tu levar o desfile da Festa da Uva lá, não tem graça, a graça é pegar a Sinimbu inteira, tudo torta e ir vindo, é isso que me motiva, o povo já é acostumado, é mais ou menos como uma mudança de hábito, para tu mudar é complicado, e fazer uma mudança assim, arbitrária, que tem que fazer, é mais difícil ainda.

Débora: Eram quantos dias de festa? Era de noite?

Valmor: Sim, sempre foi de noite, a única coisa que era dia, era a escolha dos soberanos nos Pavilhões da Festa da Uva, era no domingo de tarde, uns meses antes do desfile, normalmente três meses antes do desfile tinha escolha. Sempre foi de noite, a não ser que atrasasse e ficasse até de manhã cedo, senão, não. São dois dias de festa, normalmente na sexta era o acesso e no sábado o especial. Teve época que teve vinte e nove escolas cadastradas aqui em Caxias, era uma loucura do nosso presidente.

Débora: Isso que iria te perguntar, quais e quantas são as escolas de samba existentes em Caxias do Sul?

Valmor: Registradas chegou a ter vinte e nove. Na realidade, não eram vinte e nove que desfilavam, era o número de registradas na Liga, mas sempre tinha alguma que desistia e não disputava mais o Carnaval, então, como tem a Unidos do É o Tchan, tinham três, era uma confusão.

Débora: Era filmado? Televisado? Noticiado?

Valmor: No auge do nosso Carnaval a TV UCS passava ao vivo.

Débora: Quando foi o auge?

Valmor: Entre 2008 a 2012, foi filmado ao vivo todo o Carnaval. Teve matérias também e a preocupação do povo que iria passar na TV, era a coisa mais fácil de

conseguir gente para desfilar, verdade, porque tinha um motivo para desfilar, aí o pessoal ia mesmo. Nos jornais era mais no momento do dia, uns dias antes, eles não fazem muito trabalho ou divulgação. Aqui em Caxias é bem difícil divulgar o Carnaval, claro, quando está tudo pronto, eles vêm e filmam, aí é fácil, agora, para envolver o pessoal da imprensa é bem complicado, difícil pra caramba, pois, qualquer coisa que se faz ali, envolve dinheiro e às vezes estamos arrastando os pés para não gastarmos dinheiro, então, fica difícil trabalhar na mídia.

Débora: Quem participava do Carnaval das escolas de samba? Eram pessoas de diferentes extratos sociais ou era elitizado? Havia pessoas brancas e negras participando?

Valmor: Tinha uma mescla de pessoas, brancas e negras. Têm professores que desfilam, que nem na nossa Escola, teve um ano que homenageamos um jornalista, então veio o Pioneiro inteirinho na nossa Escola, aí foi fácil trabalhar, não dizer que temos padrinhos, mas, têm pessoas com status melhor na comunidade que gosta, então, aquela pessoa que gosta, que frequenta a Escola, aí convida as pessoas dos seus relacionamentos, aí vem o pessoal, se sentiram bem.

A briga grande é esse pessoal vir nas comunidades, a grande maioria tem medo de ir em um Burgo (Jardelino Ramos) da vida, de entrar lá na vila, o povo tem medo de participar, só porque não conhece, porque se tu conhece, tu estar ali, não tem nada a ver, pelo contrário, o pessoal adora que vá, porque eles fazem dinheiro quando vai gente, se está no evento tu tens a liberdade, porque vai atrapalhar os caras tu ir lá gastar, é bobagem, ninguém vai jogar o dinheiro fora, nessas comunidades é assim, o pessoal que vende isso, aquilo e aquilo lá.. se tem gente eles vão vender e não precisa fazer esforço nenhum, porque está tudo ali, então, é só um ponto de vista do povo e vamos ser bem realista, quem consome a maioria das coisas é quem tem dinheiro, é só olhar, mas é essa tal de discriminação de tudo.

Então, pessoas de vários extratos sociais participando, professores, empresários, que nem esse pessoal ali, não sei se tu conheces o Roberto Carlos Dias, a gente homenageou ele, ele é do sindicato dos jornalistas agora, na época era só jornalista do Pioneiro e como a nossa turma de Porto Alegre falou de um jornalista da BAND que falava pelos cotovelos, a gente falou do Roberto aqui. Fizemos uma parceria, eles vieram para cá com ele e nós fomos para lá também.

O que acontece, na comunidade, quando tu vai direcionar, tem que escolher alguém que vai falar bem do teu lugar, não falar mal, que nem na Escola, trouxemos o prefeito de Santo Antônio da Patrulha, ele chegou ali e foi super bem tratado e com certeza falou bem da cidade para quem ele falou. O pessoal que ele trouxe ali, os jornalistas, foram bem servidos, faziam folia pra caramba, só que no primeiro dia que eles chegaram, ficaram tudo meio com medo, começaram a se soltar, daí eu disse, “se é para vocês ficarem rezando, vão lá para outro lugar”, estava todos tímidos, com receio e depois, daí vinha gente de tudo quanto é lugar, bem bom.

Essa é a ideia do Carnaval, não criminalizar ele, se tu olhar no geral assim, da mídia, das críticas do povo, o Carnaval sempre foi marginalizado, porque o Carnaval surgiu com a ideia das pessoas escravizadas falarem a verdade das ideias para patrões em gestos, em atitude de dança, saiu lá dos engenhos, 200 milhões de anos atrás, não sei quando era, dos donos dos cafezais, se deres uma olhada, cada pessoa que faz a comissão de frente, dizia uma coisa, cada segmento da escola fala uma coisa do que o pessoal falava na época que surgiu o Carnaval.

A comissão de frente dizia para abrir as portas, alguma coisa assim, mestre-sala e porta-bandeira, era uma escrava que fazia alguma coisa, cada coisinha era uma realidade do povo escravizado nas senzalas, mas isso foi mudando e se tornou essa monstruosidade que é no Rio de Janeiro, que foi de lá que surgiu. Eles não desfilavam, era o jeito deles se divertirem dentro das senzalas e dizerem aquilo que queriam entre eles, era a comunicação do povo, é cada coisa que chega a me arrepiar até de falar.

Outra coisa bem interessante que fui aprender há um tempo atrás, se tu entra num pavilhão ou na quadra de uma escola, conforme a vestimenta é o que tu podes fazer lá dentro, é livre para ir lá como quiser, mas aí você vai participar da festa lá, mas se tu estás envolvido no Carnaval, por exemplo, eu não posso ir num ensaio, eu como presidente de camiseta tipo regatinha, tenho que ir de camiseta da Escola, nem de chinelo, se não, não pode participar do evento, dos ensaios, entrar no palco, porque nas escolas onde tem as passistas, a rainha de bateria, o pessoal da bateria, então, o lugar está delimitado para eles, então para entrar nesses espaços tu não entras assim e normalmente para entrar nos ensaios, que nem eu, não sou um mero expectador, pois, vou fazer uma visita para uma escola

e sou presidente de outra, chego, me identifico e a porta-estandarte vem com a bandeira, com o presidente ou com alguém da direção e te pega na entrada, te apresenta, é a coisa mais linda, é o respeito que se dá dentro do segmento. Esse é um exemplo que tenho para te passar, lá no passado isso significava alguma coisa. A hora que tu chegas ali, é tratado que nem o pessoal da escola, porque tu foi recebido a rigor, então, és que nem os componentes da escola, isso só fui aprender quando fui me envolver lá em Porto Alegre, chegamos lá meio esquisito.. para a grande maioria, o Carnaval é só fazer festa, mas é muito trabalho e de respeito, tem coisas que tu podes fazer, mas nunca mais o pessoal vai te levar lá. No dia do desfile para tu se vestir, não vai ter um lugarzinho para tu se vestir, imagina quantos que tem, então na tua ala, lá no canto, tu se pelas e se veste, deixa ali tuas coisas, desfila, vai ali, tiras as coisas, pega a tua roupa, é bem assim. Imagina quantas horas antes tem que começar, digamos que vais desfilar às dez da noite, quando é cinco da tarde, tu já está lá em movimento, porque tens que se vestir, imagina vestir uma escola inteira, quantas pessoas são, as fantasias tem que fazer os ajustes, tem um pessoal da retaguarda que costura, que solda e depois que colocou a fantasia, tem que ficar até o desfile, o sistema ali é complicado, mas é bem legal o envolvimento, que bom que vivi isso.

Débora: Quais as dificuldades encontradas para fazer o Carnaval?

Valmor: Acho que a maior dificuldade é a discriminação, desde o empresariado, desde conseguir e ter acesso aos materiais. O povo do Carnaval é muito banalizado nesse sentido, vais ter que conquistar uma liberdade para adquirir os patrocínios, para conseguir tecido, enfim, plumas, colas ou tens o conhecimento e transmite para ele.

Nesse movimento, o pessoal que vende para o Carnaval, como as fantasias, camisetas e produtos, todo mundo sabe qual é a escola, “qual é a escola?”, “é o Xuxa lá de Caxias”, “tudo bem, pode liberar”, ou “é o fulano tal”, “para aquele lá não”, eles sabem tudo, então, vai muito do que o presidente da escola é, quem administra a coisa, tem escolas que o presidente é só um mero presidente e quem compra, quem lida com o dinheiro é o carnavalesco, tem outras em que o presidente faz tudo, vai muito de cada agremiação e se tu for presidente há um ano, os caras não te conhecem, então para tu conseguir as coisas é uma dificuldade. A dificuldade maior é isso aí, tu conseguir montar a escola, fazer um

trabalho bacana e dar continuidade. Colocar um ano tu consegues, vai aqui, vai ali, mas cultivar essa boa índole da Escola, não é fácil para nós.

Débora: Como o povo caxiense recepciona o Carnaval? Vê com bons olhos?

Valmor: Na realidade, o povo em si, sim, quem está envolvido no segmento é bem recíproco em Caxias, o povo é bem bacana. Quem não gosta, a gente nem convida, nem fala muito, mas no geral o povo é bem legal de se trabalhar. Algo que sempre é difícil, é conseguir lugar para ensaiar, porque sempre incomoda a vizinhança, vai em tudo quanto é lugar, nem sempre os caras tem pensamento bom, então para conseguir ensaiar e repetir os outros anos, é aquela coisa, então se tu consegue fazer um trabalho bacana, transferir e deixar para o próximo ano, deixar uma boa vizinhança, já é um passo enorme de grande para ter espaço, senão, no próximo ano fazem abaixo-assinado e não deixam ensaiar. Esse problema ali a gente não tem, é bem tranquilo, até emprestavam luz para ligar os microfones e a caixa de som que tem que ter, sempre rebolando aqui e ali, mas sempre conseguimos.

Débora: Como avalia o investimento da prefeitura de Caxias do Sul para o Carnaval? Há investimento?

Valmor: O investimento mesmo da prefeitura é na infraestrutura, que nem ela disponibiliza a guarda, os banheiros e o som, esse é o investimento da prefeitura para o Carnaval, enfim, deixar a avenida pronta para as escolas desfilarem. A iluminação normalmente é a da rua. O carro de som, o palco, mas o palco quem usa? O pessoal da prefeitura, o prefeito, as celebridades, então na realidade, investimento mesmo não é lá aquela coisa. Depois, tem a estrutura da limpeza, a montagem, isso tudo é da prefeitura, mas automaticamente, tem os patrocínios que fazem, o que gasta vai ser as horas extras do pessoal envolvido, dos funcionários que trabalham, só isso, claro que gasta um monte, que nem o pessoal ali trabalhando, vai gastar, mas não como o pessoal pensa, que é “dando o dinheiro para os caras lá”.

Débora: Como você acha que o investimento poderia ser?

Valmor: Na realidade, nós, o povo carnavalesco, temos uma dificuldade em sermos direcionados ao planejamento do Carnaval. A gente, falo por nós aqui, tem como ir atrás dos patrocínios, só que tudo isso, requer alguém que tenha habilidade para fazer isso aí, eu por exemplo, se vou chegar numa firma “oi, vim pegar um dinheiro aqui”, não vou saber e acho que a Secretaria de Cultura deveria

ter umas três pessoas, um fulano de cada escola e trabalhar em cima disso o ano inteiro, correndo atrás desses projetos e tal, nisso a gente tem dificuldade.

Vai muito de quem está no poder da prefeitura, do poder público, porque assim, se é uma pessoa que gosta, vai conseguir fazer, porque já teve isso aí, só que ultimamente, infelizmente, acho que depois do Sartori, começou a baixar esse apoio que a gente tinha e no primeiro ano em que o Pepe Vargas foi prefeito, ali foi o estouro do Carnaval, foi trabalhado com mais seriedade, ele investiu muito no Carnaval, direcionava dinheiro. Tinha um pessoal que se envolvia bastante no Carnaval, então, começou a dar desfile, começou a virem jurados de gabarito, foi profissionalizando, para além das estruturas, foi fundada a Liga, tinha até assessoria jurídica dentro (inaudível), aí que foi destinado.

O Carnaval é uma espécie de show, que nem fosse contratar uma banda, uma apresentação artística. A premiação das escolas quando tinha, era por apresentação, para ser campeã, tinha que ser melhor que as outras, tinha que investir mais, e mais o que se ganhava de premiação. Essa premiação sempre veio de incentivo de fora, não era retirado do cofre da prefeitura, era dentro da Secretaria de Cultura, dos caminhos que vinham o dinheiro, a prefeitura distribuía, mas não é que tiravam do bolso do prefeito e como era competitivo, o que acontecia, a primeira escola ganha tanto, a outra um pouco menos, como um campeonato de futebol e vai indo, a outra vai ser rebaixada, é igual.

Débora: Você vê relação entre o surgimento dos blocos de rua e o enfraquecimento das escolas de samba?

Valmor: Não, o público é bem diferente. O público do Carnaval gosta igual dos blocos. Na realidade, a diferença dos blocos que surgiram agora, nesses últimos dez anos, é que o pessoal trabalhou a captação de recursos e teve essa liberdade maior, eles trabalham só dois dias, o bloco tem alguém que vai atrás de fazer as coisas, como o Bloco da Velha que é mais velho que o Bloco da Ovelha, digamos a grosso modo, tem dez pessoas que são da linha de frente, aí cada um faz uma coisinha, só que não tem ensaio, eles não se envolvem o ano inteiro, então, a facilidade é bem maior que nós das escolas, porque tu vê, o cara fica o ano inteiro correndo, imagina tu ter a estrutura de dez pessoas em uma escola correndo, não tem lógica, Caxias do Sul não tem isso, não tem como a gente conseguir e ficar o ano todo trabalhando com pessoas capacitadas para ir atrás

de recursos. Temos que dar parabéns para os blocos, porque eles se organizaram melhor para o Carnaval, dadas essas circunstâncias do evento.

O Carnaval em si, as pessoas e o público, não influencia e não enfraquece as escolas de samba, de jeito nenhum, até porque eles também precisam das escolas, dos instrumentos, dos componentes para tocar, são pessoas da escola, então, não tem briga de público e depois os dias das apresentações são bem diferentes, quem está envolvido que nem nós, vai ficar todo ano, vai lá desfilando no bloco, vai para pular.

Débora: Você falou que chegou a ter vinte e nove escolas registradas e hoje, quantas tem?

Valmor: Hoje ativas deve ter, vamos lá.. Unidos da Zona Norte, Incríveis do Ritmo, Pérola Negra, Acadêmicos do Arsenal, Tia Marta, Protegidos da Princesa, São Vicente, Filhos de Jardel, XV de Novembro, Mancha Verde, são onze que estão em atividade. Esse ano foram só cinco que participaram do desfile e apresentação, as outras, nem sei se existem mais, a gente escreve ali, cada uma tem o CNPJ, é cobrado o CNPJ e o alvará de licença todo ano, esse ano veio duzentos e oitenta e um reais só de licença, não é todas que tem o cadastro.

Débora: Como vê a situação atual das escolas de samba em Caxias do Sul?

Valmor: Vejo que a grande maioria tem uma dificuldade ferrenha de desistir, porque se não tem uma liderança ativa que se envolve, está bem facilitada para fechar as portas. A dificuldade é o ano inteiro assim, porque esses duzentos e oitenta e um reais por ano, não é qualquer um que pode pagar tudo isso para não ter atividade, para ter só a escola, já saiu no prejuízo, já tem esse gasto no começo do ano, não é toda a escola que vai pagar, mas para ter a localização, tem que pagar, ali já começa a primeira dificuldade de fazer algum evento para pagar, se não, tu vai tirar do bolso, vai fazer um almoço, uma rifa e quer queira, quer não queira, vai envolver dinheiro da prefeitura. Vai fazer um almoço, tem que comprar macarrão, tem que ir no mercado, já vai direto para o município, tu compra e a porcentagem vai ganhar, mas a recíproca não é verdadeira, é pouca coisinha, mas vai vender lá sua cervejinha, não sei quanto é por cento, mas alguma coisa sei que comprando ali, vai para o imposto lá deles.

Débora: O que precisa para ter o alvará?

Valmor: O alvará não tem mistério, quando é fundada a escola e é feito o estatuto, a ata para lavrar, tem que ir no cartório fazer o registro, registra ela toda,

já vem teu CNPJ e depois é só continuar e se quiser fechar, tem que ir no cadastro imobiliário e diz que quer fechar o CNPJ. Não tem frescura, só ter o dinheirinho para pagar e está bom.

Débora: Pretendem voltar às ruas?

Valmor: Estamos em uma briga danada na comunidade, como chamaram nós para esse evento do Carnaval no mês passado, a gente foi, mas nós da comunidade vai ser um trabalho danado, trazer de novo o povo, porque para fazer os ensaios tem que ir atrás de gente, o problema é que foi parado, o pessoal casou, tem gente que não pode vir porque a mulher não deixa e o pessoalzinho pequeno, que nem esse aqui que estava junto (filho mais novo), eles não têm aquele gosto de ficar tocando e de se envolver, tanto que vai ter que ser resgatado tudo de novo, vai ser difícil.

Eu me envolvia trabalhado e esse maior (filho mais velho), ele era menor que esse aqui (filho mais novo), estava sempre junto comigo, foi gostando e ganhou o tamborzinho, só que agora parou, esse aqui (filho mais novo) já não sabe o que é o Carnaval, porque não foi, ele era pequenininho, mas não entende certas coisas. Aqui em Caxias, não falo só por mim não, a grande maioria das escolas vai ter que resgatar. Quem tem atividades carnavalescas ainda é o mestre Batata que não tem escola, ele tem o Grupo Samba Show, que faz o Carnaval do Luizinho, foi um dos primeiros mestres da gente, adora o Carnaval, vive o Carnaval e é estudioso no assunto, ele pegou os melhores e fez o Grupo Samba Show, então tem envolvimento e tem o outro grupo, que é o do Vagner, que é da Pérola Negra, eles têm a quadra e fazem evento todo mês lá, cantam pagode e não deixaram parar, o restante. A Protegidos que tem pavilhão, que tem tudo não foi para a avenida, não tem gente, não tem comunidade, então tu vê a dificuldade. A Incríveis também tem tudo, é enorme de grande e não conseguiu, não é assim para conseguir gente.

Agora começar de novo, até embalar, vai longe, eu acho que assim, para resgatar o Carnaval, chegar de novo no povo e trazer de novo, primeiro de tudo, quem manda na cidade vai ter que continuar ano que vem e não desanimar, porque se a prefeitura não se envolver para chamar esse povo, não vamos conseguir, só as escolas não conseguem e outra coisa, para trazer todo esse povo de novo, no mínimo uns dez anos, para ter o que nós tínhamos em Caxias do Carnaval. Estávamos num patamar muito bonito, show de bola, o pessoal queria vir desfilar,

não precisava tu ir atrás das escolas, eles vinham para fazer parceria, só perdíamos para Porto Alegre e Uruguaiana, lá é primeiro mundo. Falo por mim, estou mais enferrujado que não sei o que, eu vivia na rua, minha esposa que falou esses dias, “o que está acontecendo nego, que tu vivias na rua e agora não sai mais de casa?”, ela está estranhando, era super envolvido, vejo a dificuldade por mim, eu era o cara que puxava as coisas, imagina os caras que eram puxados, se não tiver o cara para puxar de novo.. bem assim, mas, vamos ver.

Débora: Como se dão os laços de solidariedade e amizade entre vocês?

Valmor: Isso não tem dinheiro e nem tempo que pague. A grande maioria, se tem uma escola que nasce daquela ali, depois nasce daquela mais uma outra e depois mais outra, isso ali é uma irmandade, não é porque a gente não está desfilando que está acabado, a gente se encontra, um convida para ir numa janta, não é o tempo.. isso aí olha, não tem como a gente se queixar ou falar mal assim, quem está envolvido, as agremiações, o pessoal da linha de frente ou até o pessoal que está no jogo de futebol ainda, “ainda bem que tu veio”, “o fulano lá da escola”, a gente nem gosta daquele time, mas estamos lá, disso daí fica um laço que não tem como parar. Esse ano pediram para mim porque eu não fui em Arroio do Sal.

Débora: Então teve em Arroio do Sal e por que você não foi?

Valmor: Trabalho, pior que é, eu trabalho ali.. mas se o cara tem vontade, o cara ia, mas não..

Débora: Como se dá sua identidade com a escola de samba? Se a escola ou o Carnaval não existissem, o que mudaria na sua vida?

Valmor: Se não existisse Carnaval eu não conheceria esse povo, não tinha esse conhecimento, não teria essas amizades, porque a maioria das amizades vieram desse conhecimento, dessa liberdade, uma coisa casou com a outra, se não tivesse o envolvimento com o Carnaval, não teria a Escola, também não teria essas histórias para contar, com certeza, nem sei o que iria ser. Eu já estava casado com minha esposa, mas meus filhos não iriam ter aprendido a tocar, a se apresentar, nem sei o que iria ser da minha vida.

Débora: Você poderia me dizer alguns nomes que consideras importantes na história do Carnaval em Caxias?

Valmor: Para começar, o nosso eterno, já falecido, o Tio Dão, se não fosse ele, não teria Carnaval em Caxias (choro), desculpa, ele que trouxe o Carnaval, que fez o Carnaval, deixava de fazer as coisas dentro de casa para fazer o Carnaval,

então, esse é o nome mais forte que eu tive dentro do Carnaval, se tu perguntar, 99% vão te dizer isso aí.

Débora: Era Dão o nome dele?

Valmor: Adão Borges, se a gente começar a olhar, da antiga tem um monte, tem o Micaio, tem o Frizzo (Edio Elói Frizzo), tem o Amarelinho Caciano, Seu Salésio, Tio Cafu, Tia Negrinha, o carnavalesco Ricardo, um cara muito inteligente e que faz muito para o Carnaval, é bastante gente. Seu Valdir, uma pessoa que sabe muito do Carnaval também. Tia Marta, é uma senhora que leva o nome dela na Escola, é lá do Esplanada, ela é bem humilde na comunidade, mas tem um poder lá dentro, é uma guerreira e está viva, do pessoal das antigas, acredito que são esses daí.

Ali na Protegidos também tem o pessoal que é das antigas, o Ubirajara (Tio Bira), Seu Paulo Borges, são aqueles ferrenhos da Escola, que lutam de tirar a camisa para vestir os caras. A Daniela é outra menina que é muito dez, ali da Protegidos, a Joana do Pérola, a Tere lá da Imperatriz do Vale, que não está mais na ativa por problema de saúde, mas é uma pessoa que no Carnaval é muito bem vista, é essa galera que tem mais envolvimento e que tem mais história, tem gente aí que é uma enciclopédia, eu não sei nada de Carnaval, tem gente aí que sabe, dá para fazer uns três livros.

Uma pessoa que também é muito importante é a Adriana Carvalho, lá da Cultura (Secretaria da Cultura), ela não é envolvida em escola, mas se não fosse ela, nos últimos quinze anos não sairia Carnaval. Ela sabe todos os caminhos da Secretaria, ela saiu da Secretaria, mas a Secretaria não saiu dela, ela sabe as leis, conhece quem está com vontade e quem não está, a Adri é uma pessoa de fundamento no Carnaval, ela tem uma história, não por ser presidente de agremiação, mas, ela tem uma contribuição do tamanho do Rio Grande no Carnaval.

Débora: Muito obrigada pela disponibilidade, mesmo.

APÊNDICE C – ENTREVISTA III

Entrevistado: Solano Garcez, presidente da Sociedade Recreativa Cultural e Carnavalesca Incríveis do Ritmo.

Entrevistadora: Débora Fabiana Pereira

Caxias do Sul, 02 de abril de 2020.

Observação: Devido a pandemia causada pelo Covid-19, não foi possível encontrar-me com o entrevistado. Solano Garcez enviou-me suas respostas via e-mail.

Débora: Qual é o teu nome completo?

Solano: Solano Garcez.

Débora: Qual é a tua data de nascimento?

Solano: Seis de janeiro de mil novecentos e oitenta e quatro.

Débora: Qual sua origem?

Solano: Brasileiro. Sou nascido e criado em Caxias do Sul.

Débora: Qual sua profissão?

Solano: Metalúrgico.

Débora: Qual a sua relação com o Carnaval?

Solano: Minha relação com o Carnaval de Caxias é de amor, renovação e evolução. O amor que tenho pelo Carnaval nos faz sempre querer ter ideias novas para poder trazer um espetáculo lindo para as pessoas que gostam do Carnaval, procurando sempre evoluir de um desfile para outro.

Débora: Desde quando participa?

Solano: Participo ativamente na Escola desde meus 8 anos de idade.

Débora: Como conheceu a Escola de Samba?

Solano: Conheci a Escola através dos meus pais. Meu pai, José Carlos Garcez, conhecido por Zé, foi presidente e minha mãe, Marlene Rodrigues Garcez, conhecida por Marlene, foi tesoureira e depois passou a ser presidente em algumas gestões. Meu pai era faz tudo dentro da Escola na parte de solda e na confecção da estrutura dos carros alegóricos. Minha mãe foi costureira da Escola por muitos anos.

Débora: Qual papel ocupava e ocupa na Escola de Samba?

Solano: Fui ritmista, diretor de bateria, mestre de bateria, vice presidente e hoje sou presidente.

Débora: Qual é a história da Escola?

Solano: A Incríveis do Ritmo tem 50 anos, foi criada no dia 10 de fevereiro de 1970 por um grupo de amigos, onde foi registrada por Adão Araújo e Chico Fumaça. As cores da Escola são: amarelo, azul e branco. O nosso símbolo é uma águia. A Escola ficou desativada por alguns anos e em 1993 meus pais a reativaram.

Débora: Havia ou existem diferentes funções para homens e mulheres dentro da organização da Escola de Samba?

Solano: Não existia funções destinadas a homens ou mulheres especificamente. Tínhamos mulheres na bateria, diretoria, harmonia, cada pessoa assumia seu cargo conforme sua especialidade, não por gênero masculino ou feminino.

Débora: Como é feito e escolhido os sambas enredo? O Rei Momo, rainha e porta-bandeira?

Solano: Antigamente, os sambas enredo da Escola eram escolhidos em um festival na quadra da Escola, onde os integrantes escreviam seus sambas e os colocavam para a disputa em um concurso onde o melhor era escolhido por jurados. O casal de mestre-sala e porta-bandeira eram muitas vezes da comunidade mesmo. O Rei Momo e a corte do Carnaval eram escolhidos em concurso, onde todas as escolas colocavam suas candidatas para serem julgadas para fazer parte da corte do Carnaval.

Débora: Quantas alas existem no desfile?

Solano: Tem um mínimo de alas por regulamento no Carnaval, se não me engano, o mínimo é de 8 a 9, sem a máxima.

Débora: Como se organizam para fazer a festa? Como são os bastidores? E a bateria?

Solano: Nossa organização primeiramente passa por algumas reuniões com a diretoria onde vamos decidir como iremos dar início a ensaios, contratos com harmonia, mestre de bateria, datas horários. Feito o cronograma, damos início. Para ser feito ensaio tem muitas pessoas trabalhando nos bastidores, muitas vezes é complicado, mas depois de todo o sacrifício parar e ver a apresentação da bateria em uma festa dentro do barracão da Escola com toda a comunidade feliz, cantando o samba e festejando não tem preço.

Débora: Como são feitos os figurinos?

Solano: Primeiro é escolhido o tema enredo. Depois o carnavalesco estuda e faz os croquis, que são os desenhos das fantasias de cada ala que vem contando a história proposta no samba enredo. Então, são levados os croquis para as costureiras e lá são feitos os manequins com as fantasias de cada ala da Escola. É apresentado ao carnavalesco e a diretoria, se estiver tudo certo, se dá início a confecção no número de fantasia de cada ala.

Débora: Tinha carros alegóricos? Como eram feito?

Solano: Nossa Escola dispõe de 3 carros alegóricos que são confeccionados no nosso barracão.

Débora: Onde ensaiavam e ensaiam? Qual é a periodicidade dos ensaios?

Solano: Nossa Escola ensaiava em nossa quadra de ensaio, onde possuímos um barracão para confecção e ensaios. Nos períodos de outubro até fevereiro eram feitos ensaios no barracão da Escola, hoje, não se é feito mais nada no barracão da Escola, porque estamos com o barracão interditado, por questões jurídicas, mas que já estão sendo resolvidas e também porque acabou o Carnaval de rua de Caxias do Sul.

Débora: Vocês se inspiraram nos carnavais do Rio de Janeiro, de São Paulo ou de outras cidades?

Solano: A inspiração sempre vem de escolas grandes como as do Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre, Uruguaiana e por aí se vai. São carnavais de evolução de ideias, novas tecnologias, é muita coisa, que se possível temos que aproveitar e tentar nos espelhar para fazer um desfile lindo para todos.

Débora: Vinham pessoas de fora da cidade para ajudar a Escola se organizar para o Carnaval?

Solano: No início, o Carnaval de Caxias era organizado e feito dentro de Caxias, mas ao longo dos anos isso foi mudando, pelo número de escolas, pelo tamanho da cidade, muitos tiveram que contratar pessoas de fora, que também deixou o Carnaval uma coisa mais disputada e também desparelha entre algumas escolas, porque quem tem mais dinheiro contrata o que tem de melhor no mercado.

Débora: Quais ruas da cidade eram ocupadas para a folia?

Solano: Eu sou do tempo da Sinimbu e após isso, a Plácido de Castro, mas acho que antigamente deve se ter sido utilizado outras ruas para se fazer Carnaval em Caxias.

Débora: Era filmado? Televisado? Noticiado?

Solano: No início que me lembro, sempre teve um acompanhamento da TV local sobre os desfiles de rua, as escolas pagavam profissionais para fazer a filmagem de seus desfiles. Ao longo dos anos se teve mais mídia no Carnaval de Caxias, já se teve até desfile transmitido pela TV ao vivo, não lembro a emissora ao certo, se foi pela TV UCS ou TV Caxias, uma coisa assim.

Débora: Quem participava do Carnaval das escolas de samba?

Solano: Participava do Carnaval de Caxias todas as pessoas de comunidades que sempre estiveram presentes para apoiar suas escolas, defender seu sambas, para fazer parte da história do Carnaval.

Débora: Essas pessoas eram de diferentes extratos sociais ou era elitizado?

Solano: As pessoas que fazem parte do Carnaval de Caxias são de todas as classes sócias, tem desde desempregados a empresários. Vale lembrar que o Carnaval muitas vezes é visto como festa de gente de favela, bandido, negro, pobre e por aí vai, mas tem muita gente branca e rica que gosta de botar o pé na favela... e isso não é notícia nova.

Débora: Haviam pessoas brancas e negras participando?

Solano: Sempre tem e sempre vai ter essa gama de pessoas negras, brancas, amarelas e pardas, o Carnaval não tem cor, o amor é o mesmo indiferente da raça.

Débora: Quais as dificuldades encontradas para fazer o Carnaval?

Solano: Hoje, a grande dificuldade para se fazer Carnaval em Caxias está no despreparo de muitos presidentes em não querer se atualizar e nem querer aprender. Os presidentes precisam se atualizar, fazer cursos para saberem como gerenciar uma escola de samba, procurar conhecimento e ideias novas, não ficar preso no passado esperando por verba da prefeitura para se fazer desfile, tem que trabalhar encima de projetos de captação, mas para isso tem que querer, ir atrás, fazer a diferença e não ficar esperando tudo no colo. Também está no poder público, em não oferecer oficinas para aperfeiçoar pessoas para organizar o Carnaval, mas foi dada uma oficina direcionada para ensinar como se cria projetos para captação de recursos, sobre leis de incentivo, LICs, Lei Rouanet, mas a maioria dos presidentes e responsáveis pelas escolas, nem sequer tiveram o interesse de fazer. A oficina foi gratuita e oferecida pela Secretaria da Cultura, que se dispuseram em fazer nas comunidades e a grande maioria sequer demonstrou

interesse. Minha diretora fez e estamos sempre correndo atrás de ideias e meios para se fazer um Carnaval dentro deste molde, de captar verba através de projetos sociais e culturais. Nossa ideia não é só Carnaval.

Débora: Como avalia o investimento da prefeitura de Caxias do Sul para o Carnaval? Há investimento?

Solano: Já se teve muito investimento no Carnaval de Caxias, mas hoje em dia, não há mais nada perto do que já se teve.

Débora: Você vê relação entre o surgimento dos blocos de rua e o enfraquecimento das escolas de samba?

Solano: De todo, não vejo como culpa dos blocos o enfraquecimento do Carnaval de rua e das escolas. O Carnaval de rua perdeu força por si mesmo. Ninguém quis olhar o que estava acontecendo no Carnaval do Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre, onde foram cortados todos os incentivos por parte do poder público, mas eles acharam saídas para continuar com o Carnaval, escreveram projetos de lei, foram atrás de patrocínios e vários outros meios de dar seguimento ao trabalho que já estavam desenvolvendo ao longo do ano. Muitos presidentes se prenderam na ajuda de custo que a prefeitura fazia as escolas e muitos até hoje, criticam os blocos, mas não sabem como eles tem dinheiro para organizar seus eventos.

Débora: Quais são as escolas de samba existentes em Caxias do Sul?

Solano: Tem muitas escolas em Caxias, mas não vão se manifestar enquanto não tiver ajuda financeira da prefeitura. Vou citar as que participaram do evento de Carnaval de 2020: Incríveis do Ritmo, Protegidos da Princesa, Acadêmicos do Arsenal, Acadêmicos do São Vicente e Pérola Negra.

Débora: Como vê a situação atual das escolas de samba em Caxias do Sul?

Solano: A situação das escolas está bem complicada, muitas com suas quadras interditadas e barracões irregulares, não tem espaço para ensaios, bem complicada a situação das escolas em Caxias do Sul.

Débora: Pretendem voltar às ruas?

Solano: Pretendemos voltar com o Carnaval de rua em Caxias, mas com um modo novo de organização e projetos para captação de recursos.

Débora: Como se dão os laços de solidariedade e amizade entre os sambistas?

Solano: Entre algumas escolas se tem um bom relacionamento de amizade, se solidarizam com as necessidades das coirmãs, se ajudando com material que

sobra para algumas e falta para outras, empréstimo de instrumentos e a amizade entre os ritmistas no geral também são boas.

Débora: Como se dá sua identidade com a Escola de Samba? Se a Escola ou o Carnaval não existissem, o que mudaria na sua vida?

Solano: Minha identidade na Escola se dá por todo o envolvimento da minha família em serem alguns dos fundadores e também por estarem a frente do Carnaval de Caxias por anos. Não sei informar o que seria da minha vida se a Escola de samba ou o Carnaval não existissem. Muito do que me tornei como pessoa hoje, aprendi dentro de um barracão, conhecendo pessoas, respeitando os mais velhos, aprendendo coisas novas, respeitando opiniões, respeitando escolhas sexuais, porque era uma coisa estranha quando pequeno ver um travesti vestido de mulher, coisa que hoje em dia é muito comum, mas mesmo naquela época, eram muito respeitados dentro das Escolas. A Escola de samba também foi e será sempre uma escola para a vida e na formação de caráter de muitos.

Débora: Alguns nomes que você considera importantes na história do Carnaval em Caxias.

Solano: Vou citar alguns nomes que fizeram parte na história do Carnaval de Caxias no meu ponto de vista: Adão Borges, conhecido como Tio Dão, eterno presidente da XV de Novembro, Marlene Garcez, eterna presidente da Incríveis do Ritmo, mestre Zizinho, conhecido como mestre Ziza, Domingos Ribeiro (Dominguinhos) e o intérprete Cláudio Luiz Nascimento. Estes que citei acima já não estão entre nós. Aprendi muito com estas pessoas em ver o amor que elas tinham pelo Carnaval de Caxias e não mediam esforços para por seu Carnaval na rua.

Tenho vivo ainda como referência da antiga, meu pai, um dos fundadores da Incríveis do Ritmo, José Carlos Garcez. Estes são minhas referências. Sou o presidente mais novo de uma escola de samba de Caxias.

Tenho acompanhado o trabalho de alguns presidentes e sei que vamos ter que buscar novos meios para um dia sermos lembrados pelo o'que deixamos e fizemos pelo Carnaval de Caxias.

APÊNDICE D – ENTREVISTA IV

Entrevistado: Valdir José Oliveira dos Santos, carnavalesco.

Entrevistadora: Débora Fabiana Pereira.

Caxias do Sul, 08 de abril de 2020.

Observação: Devido a pandemia causada pelo coronavírus, não foi possível encontrar-me com o entrevistado. Valdir José Oliveira dos Santos enviou-me suas respostas via Facebook.

Débora: Como é teu nome completo?

Valdir: Valdir José Oliveira dos Santos

Débora: Qual é a tua data de nascimento?

Valdir: Oito de outubro de mil novecentos e cinquenta e um.

Débora: Qual sua origem?

Valdir: Brasileiro

Débora: Qual sua origem?

Valdir: Aposentado

Débora: Como chegou a Caxias do Sul?

Valdir: De ônibus.

Débora: Veio com qual objetivo?

Valdir: Conhecer a cidade.

Débora: Qual a sua relação com o Carnaval?

Valdir: Sempre gostei, gosto do ritmo.

Débora: Desde quando participa?

Valdir: Participei da Comitativa do Rei Momo, que não estava ligada à nenhuma escola, mas representava todas. Foram 26 anos desde 1985 até 2012.

Débora: Você pertencia a alguma escola de samba?

Valdir: Nunca fui de nenhuma escola.

Débora: Como é escolhido o Rei Momo?

Valdir: O Rei Momo é escolhido em Concurso Popular. Seu reinado pode ser de um ano ou mais, depende de seu interesse continuar nos anos seguintes ou não. A Comitativa do Rei Momo foi incrementada em 1985, pelo então Serviço Municipal de Turismo, dirigido pela Professora Maria Clary Frigeri Horn. A Comitativa tinha Rei Momo, Rainha e Princesas do Carnaval de Caxias do Sul. E eu, Valdir dos Santos

e Clary Mello, fomos incorporados ao grupo por fazermos, por conta própria, fantasias luxuosas que nenhuma outra pessoa fazia igual ou aproximadas em criatividade, cores, brilho e plumagem. Fomos chamados de Destaques do Carnaval de Caxias do Sul durante 26 anos. Nunca apareceram fantasias desse quilate ou iguais em Caxias do Sul.

Nossa Comitativa recepcionava as escolas de samba no decorrer dos desfiles de rua e depois visitava todos os bailes de clubes, associações, times de futebol, salões, boates e bailões que tivessem bailes de Carnaval nessas noites. Chegamos a ir a 18 bailes em uma única noite. Era uma passagem rápida, quando a animação crescia, saíamos em direção a outro local onde tivesse Carnaval. As diretorias desses locais recepcionavam com festas e alegria, tínhamos prazer em visitar todo e qualquer baile, sem distinção nenhuma.

APÊNDICE E – ENTREVISTA V

Entrevistada: Juçara de Quadros, integrante da Sociedade Recreativa e Cultural Gaúcho e da Escola de Samba Protegidos da Princesa.

Entrevistadora: Débora Fabiana Pereira.

Caxias do Sul, 24 de abril de 2020.

Observação: Devido a pandemia causada pelo Covid-19, não foi possível encontrar-me com a entrevistada. Juçara de Quadros enviou-me suas respostas via Whatsapp.

Débora: Como é teu nome completo?

Juçara: Juçara de Quadros.

Débora: Qual é a tua data de nascimento?

Juçara: Vinte e nove de outubro de mil novecentos e cinquenta e seis.

Débora: Qual sua origem?

Juçara: Brasileira. Sou natural de Caxias do Sul.

Débora: Qual sua profissão?

Juçara: Educadora Social.

Débora: Qual a sua relação com o Carnaval?

Juçara: Minha relação com o Carnaval vem desde a minha infância. No decorrer da vida sempre tive envolvimento com o Carnaval.

Débora: Desde quando participa?

Juçara: Desde os quatro anos.

Débora: Como conheceu a Escola de Samba?

Juçara: Ainda na minha infância com meus pais.

Débora: Qual papel ocupava e ocupa na Escola de Samba?

Juçara: Hoje nenhuma, mas já fiz parte da diretoria do Clube e da Escola de Samba.

Débora: Qual é a história da Escola?

Juçara: Em 1933 criou-se o Clube das Margaridas por um grupo de mulheres em busca de um espaço cultural onde seus filhos pudessem estar. No decorrer do tempo o Clube Margaridas transformou-se em Sociedade Esportiva e Recreativa Cultural Gaúcho, com quadro social: diretoria e departamentos, esporte, feminino, juventude e Escola de Samba. A mesma recebeu o nome de Escola de Samba

Protegidos da Princesa Isabel. Durante muitos anos a Protegidos foi Escola de Samba, e se tornou bloco na primeira gestão do Pepe Vargas, acho que em 1996. No governo do Sartori, em 2004 voltou a ser Escola de Samba novamente.

Débora: Juçara, porque ela deixou de ser Escola de Samba e tornou-se bloco na gestão do Pepe Vargas?

Juçara: O Carnaval aqui em Caxias teve o seu auge. No governo prefeito Mário Vanin, terminou o Carnaval de rua em Caxias, ele colocava um caminhão de som na Sinimbu e os bêbados ficavam ao redor daquele caminhão e as escolas de samba não desfilaram durante essa gestão. Ele acabou com o Carnaval de rua. Quando o prefeito Pepe Vargas assumiu a prefeitura de Caxias, ele colocou o Carnaval na rua de novo, porém, não havia estrutura nas escolas, pois elas tinham parado um tempo, não só a Protegidos, mas várias outras e então, todas as agremiações vieram em forma de blocos. Durante uns três anos fomos como blocos e depois desse período, todas elas retornam como escolas de samba.

Débora: Havia ou existem diferentes funções para homens e mulheres dentro da organização da Escola de samba?

Juçara: Não.

Débora: Como é feito e escolhido os sambas enredo? O Rei Momo, rainha e porta-bandeira?

Juçara: Por uma equipe avaliativa de jurados, conforme o tema enredo a ser desenvolvido. As rainhas são escolhidas através de concurso. O Rei Momo é por indicação, assim como a porta-bandeira.

Débora: Quantas alas existem no desfile?

Juçara: Depende do desenvolvimento do tema enredo.

Débora: Como se organiza a bateria?

Juçara: Com os ritmistas, harmonia e o mestre de bateria.

Débora: Tinham carros alegóricos? Como eram feito?

Juçara: Sim, é obrigado a ter carros alegóricos. São feitos pelo Carnavalesco e equipe.

Débora: Onde ensaiavam e ensaiam? Qual era e é a periodicidade dos ensaios?

Juçara: Na Sociedade Gaúcho, de novembro a fevereiro. Ensaios a partir das vinte horas e o desfile também.

Débora: Vocês se inspiraram nos carnavais do Rio de Janeiro, de São Paulo ou de outras cidades?

Juçara: Não.

Débora: Vinham pessoas de fora da cidade para ajudar a Escola se organizar para o Carnaval?

Juçara: Não.

Débora: Quais ruas da cidade eram ocupadas para a folia?

Juçara: Júlio de Castilhos.

Débora: Era filmado? Televisado? Noticiado?

Juçara: Era noticiado.

Débora: Quem participava do Carnaval das escolas de samba?

Juçara: As Comunidades.

Débora: Essas pessoas eram de diferentes extratos sociais ou era elitizado?

Juçara: Diferente extrato social.

Débora: Havia pessoas brancas e negras participando?

Juçara: Sim.

Débora: Como o povo caxiense recepciona o Carnaval? Vê com bons olhos?

Juçara: Apesar de ser um povo conservador, que gosta vê com bons olhos.

Débora: Quais as dificuldades encontradas para fazer o Carnaval?

Juçara: Financeira.

Débora: Como avalia o investimento da prefeitura de Caxias do Sul para o Carnaval? Há investimento?

Juçara: Sim, há investimento através do Secretaria de Cultura.

Débora: Você vê relação entre o surgimento dos blocos de rua e o enfraquecimento das escolas de samba?

Juçara: Não vejo enfraquecimento, os blocos surgem mais para a elite branca, mas não é fluência para o Carnaval das escolas de samba.

Débora: Quais são as escolas de samba existentes em Caxias do Sul?

Juçara: Protegidos da Princesa Isabel, Incríveis do Ritmo, XV de Novembro, Pérola Negra, São Vicente, Filhos de Jardel, Arsenal da Baronesa, Unidos da Tia Marta.

Débora: Como vê a situação (atual) das escolas de samba em Caxias do Sul?

Juçara: Acho que dependem muito do poder público, tinham que buscar sua autonomia financeira.

Débora: Pretendem voltar às ruas?

Juçara: Sim.

Débora: Como se dão os laços de solidariedade e amizade entre os e as sambistas?

Juçara: Como uma grande família.

Débora: Como se dá sua identidade com a Escola de Samba?

Juçara: Como Carnavalesca.

Débora: Se a Escola ou o Carnaval não existissem, o que mudaria na sua vida?

Juçara: Muita coisa, pois nasci num berço de samba e o Carnaval é minha raiz.

Débora: Alguns nomes que você considera importantes na história do Carnaval em Caxias.

Juçara: Todas as pessoas que estão na frente das agremiações são importantes para o Carnaval.